



PAULUS

vida pastoral

setembro-outubro de 2021 – ano 62 – número 341

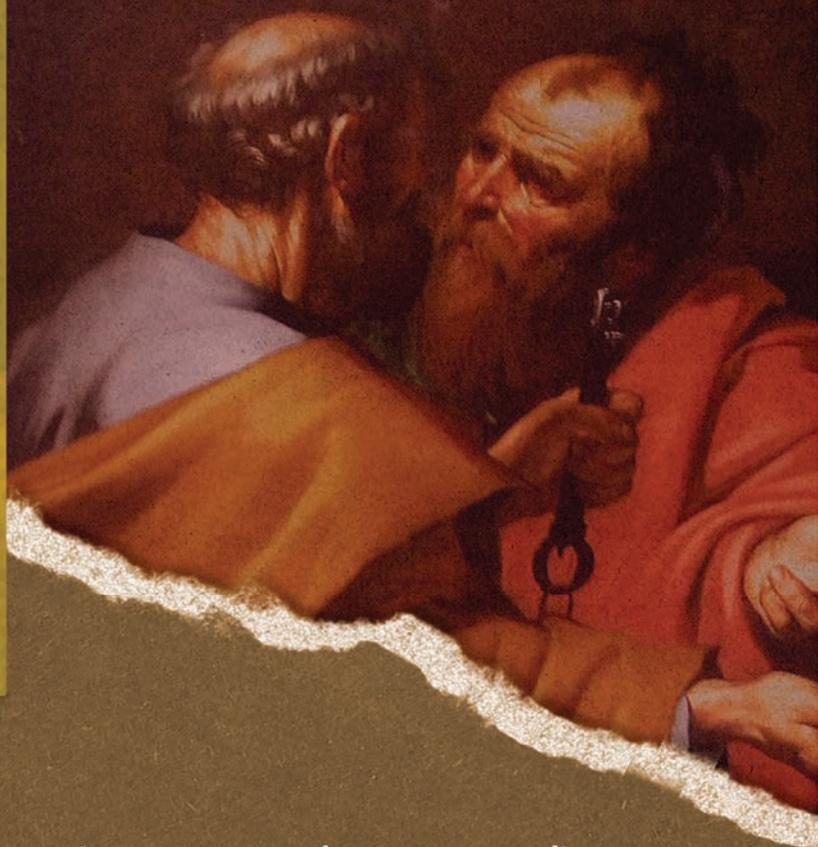
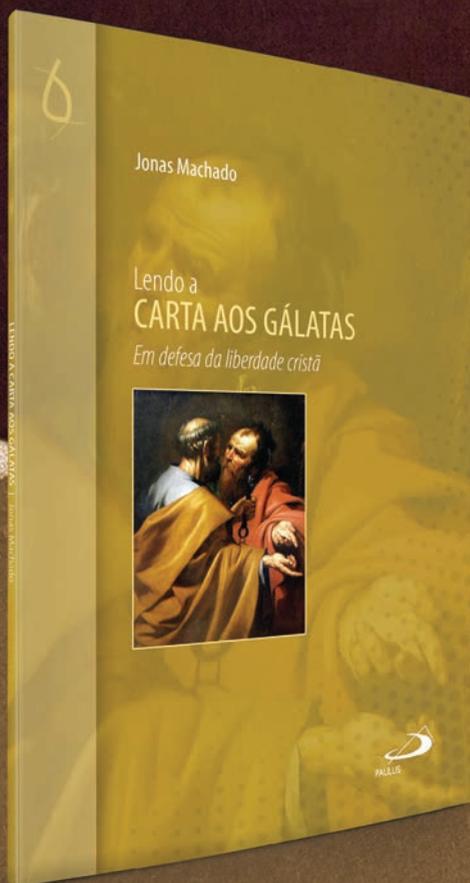


**PARA QUE A PALAVRA DO SENHOR
SE ESPALHE RAPIDAMENTE** (2Ts 3,1)

MÊS DA BÍBLIA 2021
CARTA AOS GÁLATAS:
“TODOS VÓS SOIS UM SÓ
EM CRISTO JESUS”
(Gl 3,28)

**50 ANOS DO MÊS DA
BÍBLIA NO BRASIL**
DA PASTORAL BÍBLICA
À ANIMAÇÃO BÍBLICA
DA PASTORAL

Compreenda a Carta aos Gálatas!



Essa obra é um comentário consistente a uma das cartas paulinas mais citadas e cujas interpretações são constantemente divergentes.

Consciente da importância do texto analisado, o autor dá atenção especial às suas peculiaridades: o estilo marcado por afirmações curtas, o caráter apologético, as polêmicas, o tema da liberdade, entre outras.

Aprimore seus conhecimentos sobre os textos paulinos!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus



ANO BÍBLICO DA FAMÍLIA PAULINA 2020-2021

PARA QUE
A PALAVRA
DO SENHOR SE ESPALHE
RAPIDAMENTE 2Ts 3,1



PAULUS

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida
pastoral

Em sintonia com o Ano Bíblico da Família Paulina (2020–2021), a revista *Vida Pastoral* e o Centro Bíblico Paulus oferecem aos seus leitores esta edição com dupla finalidade: celebrar os 50 anos da realização do Mês da Bíblia no Brasil e favorecer o estudo da carta aos Gálatas, texto escolhido para o estudo bíblico deste ano.

O Ano Bíblico da Família Paulina (congregações religiosas fundadas pelo Bem-aventurado Tiago Alberione), com o lema: “Para que a Palavra do Senhor se espalhe rapidamente” (2Ts 3,1), tem em si a marca do programa de evangelização do apóstolo Paulo, o mensageiro incansável da boa notícia, homem aberto às culturas e ao diálogo. Ele se dirige à comunidade dos tessalonicenses para animá-los no seguimento de Jesus Cristo. Trata-se de uma Igreja jovem, dos primórdios da vida cristã, viva e firme, que, porém, corria sério risco de se acomodar. Uma das grandes preocupações da comunidade era a *parusia*, ou a segunda vinda do Senhor. A má compreensão acerca da iminente volta de Jesus gerou, em alguns membros da comunidade, a perda do entusiasmo, por considerarem que não haveria mais sentido em fazer muita coisa na vida presente, já que tudo se findaria. O apóstolo procura prevenir a comunidade de que a expectativa, própria de quem espera o inesperado, deveria se transformar em esperança serena e perseverante. A pressa necessária seria aquela de viver o momento oportuno, o hoje, na vivência e anúncio da Boa notícia.

Partindo desse apelo do tema do Ano Bíblico da Família Paulina, *Ir. Maria Aparecida Barboza* escreve sobre a história da caminhada bíblica no Brasil e seus momentos marcantes, considerando os 50 anos de realização do Mês da Bíblia, importante iniciativa da Igreja, com o objetivo e o esforço permanentes de colocar a Palavra de Deus nas mãos e no coração do povo brasileiro. De fato, a caminhada bíblica, especialmente iluminada pelo Concílio Vaticano II, tem a missão de formar pessoas e animá-las biblicamente.

Entre as muitas referências da caminhada bíblica no Brasil, o mês de setembro ocupa lugar especial. É nesse mês que as comunidades se debruçam sobre um livro específico da Bíblia para aprofundamento, estudos e oração, dando razão da fé. Como é bom recordar os círculos bíblicos, em outros tempos muito mais vivos nas comunidades eclesiais de base. Ainda hoje eles perseveram. Quem sabe, porém, não seria o caso de reacender a força desses pequenos grupos em torno da Palavra de Deus, usando sempre mais os meios atuais, por exemplo as “redes sociais”.

O texto escolhido para o Mês da Bíblia deste ano, a carta aos Gálatas, é uma espécie de manifesto da liberdade cristã. O professor *Shigeyuki Nakanose* e a professora *Maria Antônia Marques*, em seu artigo, consideram a carta como o Evangelho de Jesus crucificado; destacam suas características principais, a força da escrita, a teologia, a estrutura literária e os interlocutores do apóstolo. O professor *Joel Antônio Ferreira*, por sua vez, discorre sobre a carta com base no “hino batismal” (Gl 3,26–28), como chave de leitura para entender esse escrito paulino, seu ardor bíblico e a unidade em Cristo, que tem como fim a comunhão fraterna. Com o tema “A liberdade cristã e os conflitos nas comunidades”, o professor *Rafael Rodrigues da Silva* faz uma leitura de Gálatas à luz das dificuldades, enfatizando o papel do apóstolo Paulo na condução e orientação da comunidade para esta não perder de vista o verdadeiro Evangelho e não se deixar enredar pelas armadilhas do “outro Evangelho”, aquele ainda preso à Lei. Além desse valioso conteúdo, temos os Roteiros Homiléticos, com a profunda colaboração do biblista *Pe. Francisco Cornélio Freire Rodrigues*.

Desejamos que este conteúdo seja inspiração para os agentes de pastoral e luz na caminhada bíblica de todo o povo de Deus.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 62 - Nº 341
setembro-outubro de 2021



© PAULUS – 2021
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo – SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Jornalista responsável
Pe. Valdir José de Castro, ssp

Direção editorial
Pe. Sívio Ribas, ssp

Editor
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Pe. Sívio Ribas, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti (artigos)
e iStock
(Roteiros Homiléticos)

Imagem da capa
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Philippe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão
Alexandre Soares Santana

Impressão - PAULUS

Versão digital
vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

DA PASTORAL BÍBLICA
À ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL:
50 ANOS DO MÊS DA BÍBLIA NO BRASIL 4
Maria Aparecida Barboza, icm

O EVANGELHO DE JESUS CRISTO CRUCIFICADO:
ENTENDENDO A CARTA AOS GÁLATAS..... 14
Shigeyuki Nakanose e Maria Antônia Marques

O HINO BATISMAL (Gl 3,26-28):
CHAVE PARA A LEITURA DA CARTA AOS GÁLATAS..... 22
Joel Antônio Ferreira

A LIBERDADE CRISTÃ E OS CONFLITOS NAS
COMUNIDADES 30
Rafael Rodrigues da Silva

ROTEIROS HOMILÉTICOS 38
Francisco Cornélio Freire Rodrigues

Assinaturas

A revista **Vida Pastoral** é distribuída gratuitamente pela Paulus.
A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais
e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há Livraria Paulus e desejam
receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados
para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ)
e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já
são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados
também o código de assinante.

Para contato:



✉ assinaturas@paulus.com.br
☎ (11) 3789-4000
📞 (11) 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados
e cópia de comprovante de depósito da contribuição
para despesas postais para:

Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição
para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555-0
Bradesco: agência 0108-2, conta 324139-4

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj 01
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 - Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

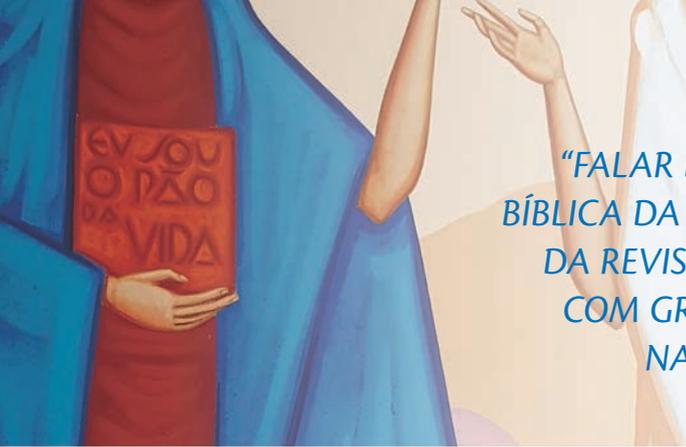


DA PASTORAL BÍBLICA À ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL

50 ANOS DO MÊS DA BÍBLIA NO BRASIL

O artigo discorre sobre a história da caminhada bíblica no Brasil e seus momentos marcantes. Num esforço permanente na missão de formar pessoas bíblicamente animadas, “a Igreja no Brasil, ciente dessa compreensão, assumiu a animação bíblica da vida e da pastoral como urgência de sua ação evangelizadora, por ver nela o caminho indispensável para encontrar a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo”. (CNBB, Doc. 97, n. 35)

*Ir. Maria Aparecida Barboza, conselheira geral da Animação Missionária na Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, mestra em Bíblia, especialista em Pedagogia Catequética, membro do Grupo de Reflexão Bíblico-Catequética (Grebicat) da CNBB.
E-mail: barboza.icm@gmail.com



“FALAR DA PASTORAL BÍBLICA E ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL NESTE ESPAÇO FECUNDO DA REVISTA VIDA PASTORAL É RECONHECER, COM GRATIDÃO, O ESFORÇO DOS PAULINOS NA PROMOÇÃO E DIFUSÃO DA BÍBLIA.”

INTRODUÇÃO

“O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos, para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. E isto vos escrevemos para que nossa alegria seja completa.” (1Jo 1,3-4)

Celebramos, em setembro de 2021, os 50 anos do Mês da Bíblia. Motivo para olhar a caminhada feita, inserida no amplo contexto de passagem da pastoral bíblica para a animação bíblica da pastoral. Falar da pastoral bíblica e animação bíblica da pastoral neste espaço fecundo da revista *Vida Pastoral* é reconhecer, com gratidão, o esforço dos Paulinos na promoção e difusão da Bíblia, tanto por meio das traduções como das publicações. O ano de 2021 é consagrado pela Família Paulina como o Ano da Palavra de Deus, com o seguinte intuito: “em caminhos com a Igreja, renovar-nos por meio da familiarização, estudo e leitura orante das Escrituras, para viver da Palavra a fim de que ela alcance a todos, especialmente as periferias existenciais e do pensamento” (anúncio do Ano Bíblico da Família Paulina, Roma, 26 de janeiro de 2020).

Ao retomar o processo da pastoral bíblica que desencadeou a animação bíblica da vida e da pastoral da Igreja no Brasil, muito nos alega perceber que a redescoberta da Bíblia – Palavra de Deus e da vida –, bem como seu uso constante por todas as Igrejas cristãs no Brasil, tem sido um marco significativo no crescimento da experiência da fé das comunidades espalhadas pelas diversas regiões do

país. A centralidade da Palavra de Deus impulsiona a vida e o dinamismo da ação evangelizadora das “comunidades eclesiais missionárias”, assim intituladas pelos bispos em sua 57ª Assembleia Geral, em maio de 2019.

Graças ao Concílio Vaticano II, que clamou todos os pastores a um efetivo compromisso com a difusão da Bíblia, afirmando a necessidade do amplo acesso do povo de Deus ao texto bíblico (“o acesso às Sagradas Escrituras seja aberto amplamente aos fiéis” – DV 22), aos poucos a Bíblia foi entrando na vida do povo pela porta da experiência pessoal e comunitária.

Num esforço permanente na missão de formar pessoas bíblicamente animadas, “a Igreja no Brasil, ciente dessa compreensão, assumiu a animação bíblica da vida e da pastoral como urgência de sua ação evangelizadora, por ver nela o caminho indispensável para encontrar a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo” (CNBB, Doc. 97, n. 35).

1. CENÁRIO DA ORIGEM DO MOVIMENTO BÍBLICO, DA PASTORAL BÍBLICA E DA ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL

“Vós sois testemunhas disso.” (Lc 24,48)

Anterior à pastoral bíblica e à animação bíblica da pastoral no Brasil é o chamado Movimento Bíblico. No início do século XX, os papas dirigem a atenção para as novas abordagens e perspectivas lançadas sobre a Bíblia. O papa Leão XIII cria, em 1902, a Pontifícia Comissão Bíblica, e o papa Pio X,

em 1909, o Instituto Bíblico. Para a Igreja no Brasil, foi de grande importância a encíclica *Divino Afflante Spiritu* (1943) do papa Pio XII, encorajando e estimulando novas leituras e abordagens das Escrituras.

Um marco histórico para a Igreja no Brasil foi a realização do 1º Congresso Católico Brasileiro, em 1900, o qual decretou a promoção de nova versão da Bíblia, que tivesse larga difusão entre os fiéis. Essa tarefa foi confiada aos frades franciscanos, que, em fevereiro de 1902, publicaram o “Santo Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus, traduzido em português segundo a tradução Vulgata Latina” (RICHTMANN, 1996, p. 85).

Contudo, “a origem de um apostolado bíblico organizado se deu em 1947, quando foi oficializada a fundação da Liga de Estudos Bíblicos, por iniciativa dos professores de Sagrada Escritura, ex-alunos do Pontifício Instituto Bíblico” (TERRA, 1987, p. 43-44).

Outro fator significativo, na Igreja no Brasil, para o florescimento bíblico foi a implantação do Plano de Emergência (1960-64) e o Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970). Ambos marcaram a ação evangelizadora. No Plano de Emergência, a dimensão bíblica estava expressa nos textos referentes à renovação paroquial e à renovação do ministério sacerdotal, a saber:

valorizar a pregação, tornando-a viva, simples, procurando encarnar a Palavra de Deus na vida concreta da comunidade, de modo a levá-la a uma conversão, aprofundamento de vida, e promover e incentivar o Movimento Bíblico. É necessário que os paroquianos entrem em contato com a Palavra de Deus, que a conheçam, amem e vivam (CNBB, Doc. 76, 2009, n. 4).

O incentivo para o uso da Bíblia encontra sua plena confirmação no Concílio Vaticano II. Este declarou que o objeto primário do

trabalho pastoral da Igreja é a integração das Sagradas Escrituras na vida diária dos cristãos e confiou ao episcopado a responsabilidade de realizar esta tarefa (TERRA, 1998, p. 85).

2. DEI VERBUM E O FRUTO DA PASTORAL BÍBLICA RUMO À ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL DA IGREJA NO BRASIL

“E a Palavra de Deus crescia. O número dos discípulos multiplicava.” (At 6,7)

É inegável a grande riqueza e abertura de horizontes que a Constituição Dogmática *Dei Verbum* trouxe para o avanço da caminhada bíblica, tanto no âmbito da exegese como no uso pastoral, catequético e litúrgico das Sagradas Escrituras. A Igreja, povo de Deus, foi convidada a devolver a Bíblia aos fiéis, favorecendo e facilitando o estudo, as traduções e o diálogo ecumênico. A Bíblia é o livro que une todos os povos, etnias e crenças numa única linguagem: a linguagem da Palavra que é amor, fraternidade e solidariedade.

Na continuidade do Concílio, encontramos as conferências da América Latina e do Caribe, que também muito contribuíram para o processo da pastoral bíblica e da animação bíblica da pastoral. A 1ª Conferência, realizada em 1955, no Rio de Janeiro, destaca a *Bíblia na formação* e recomenda que se intensifique o Movimento Bíblico; que haja edições populares dos Livros Sagrados, cursos bíblicos por rádio e correspondência, Semanas Bíblicas e o Dia Nacional da Bíblia (CELAM, 1955, n. 72).

A 2ª Conferência, em Medellín (1968), destaca a *Bíblia como força renovadora da ação evangelizadora*. Entre as recomendações pastorais, consta que “as comunidades devem basear-se na Palavra de Deus”. Elas são os agentes de apropriação da Bíblia (Med 8; 10; 15).

Na 3ª Conferência, em Puebla (1979), a *Bíblia aparece na ótica dos pobres*: a temática principal é a evangelização no presente e no

futuro da América Latina. Nas opções pastorais, destaca a Bíblia como fonte principal da catequese, a difusão da Bíblia, o apostolado bíblico e a leitura bíblica contextualizada (PB 981-1001).

Já a 4ª Conferência, realizada em Santo Domingo (1992), acentua a *Bíblia como sementes do Verbo* espalhadas nas culturas. As Sagradas Escrituras nutrem a vida dos fiéis, sendo “imprescindível que os agentes de pastoral se aprofundem incansavelmente na Palavra de Deus, vivendo-a e transmitindo-a aos demais com fidelidade” (“Discurso inaugural do Santo Padre”). Adverte para uma pastoral bíblica adequada, com critérios (SD 38).

A grande novidade para a pastoral bíblica foi a 5ª Conferência, em Aparecida (2007). Destaca a *Bíblia no processo formativo do discípulo missionário*. O documento recorda a prioridade das traduções na língua indígena: “é prioritário fazer traduções católicas da Bíblia e dos textos litúrgicos nos idiomas desses povos nativos” (DAp 94). Salienta o aspecto positivo da animação bíblica da pastoral na formação do povo (DAp 99a) e propõe que a pastoral bíblica seja entendida como animação bíblica da pastoral (DAp 248). Aqui está um passo decisivo para a ação evangelizadora da Igreja: conceber a Bíblia já não como uma *pastoral*, mas como dimensão que sustenta as demais pastorais. Há também a compreensão de que “a leitura orante favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo” (DAp 249).

Outro evento merece nossa atenção: o Sínodo dos Bispos, realizado em outubro de 2008, com o tema: “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”. O Sínodo procurou acentuar a importância da Bíblia na formação do povo. Contribuiu para o avanço da caminhada bíblica na Igreja e destacou a dimensão da pastoral bíblica, a ser compreendida como animação bíblica da pastoral. A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* nos ajuda a compreender a animação bíblica da pastoral como um particular

esforço pastoral em acentuar a Bíblia, Palavra de Deus, na vida e missão da Igreja. O Sínodo convida toda a Igreja a um empenho pastoral para ressaltar o ponto central da Palavra de Deus na vida eclesial, recomendando incrementar a pastoral bíblica não como justaposição com outras pastorais, mas sim como animação bíblica da pastoral (VD 73-74).

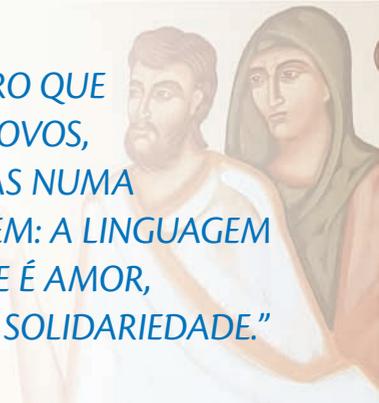
A Igreja no Brasil, além de sua ampla participação em preparação ao Sínodo sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, por meio do estudo e síntese do texto *Lineamenta*, dedicou uma assembleia geral com o tema central: “Discípulos e servidores da Palavra de Deus e a missão da Igreja no mundo”, com enfoque na *animação bíblica de toda a pastoral* (CNBB, Doc. 97, 2012). Desde então, em cada quadriênio, os bispos, em suas diretrizes para a ação evangelizadora, conferem destaque particular à animação bíblica da vida e da pastoral.

3. PASSOS E CONQUISTAS DA IGREJA NO BRASIL RUMO À ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL

3.1. Difusão do texto bíblico

Com o terreno preparado desde 1947, mediante os primeiros passos dados pelo Movimento Bíblico, começou a delinear-se vasta difusão da Bíblia entre os fiéis.

Segundo Richtmann (1966, p. 86), uma das primeiras tarefas dos membros da Liga de Estudos Bíblicos (LEB) foi a dedicação às traduções da Bíblia. Outra iniciativa da LEB foi a *Revista de Cultura Bíblica* (RCB).



“A BÍBLIA É O LIVRO QUE
UNE TODOS OS POVOS,
ETNIAS E CRENÇAS NUMA
ÚNICA LINGUAGEM: A LINGUAGEM
DA PALAVRA QUE É AMOR,
FRATERNIDADE E SOLIDARIEDADE.”

Para os pioneiros dos anos 1950, havia a necessidade de um texto bíblico acessível ao povo. O grande interesse do povo pela Bíblia provocou uma oferta igualmente grande de textos traduzidos diretamente do hebraico e do grego. Daí a importância de percebermos que, a partir da divulgação crescente da Bíblia da Ave Maria (1959), foram surgindo muitas outras traduções, como a *Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*, da Editora Paulus. Vale destacar o trabalho árduo do biblista frei João José Pedreira de Castro, ofm. Hoje encontramos Bíblias para estudos acadêmicos exegéticos, outras de cunho mais pastoral, para o uso litúrgico-catequético etc.

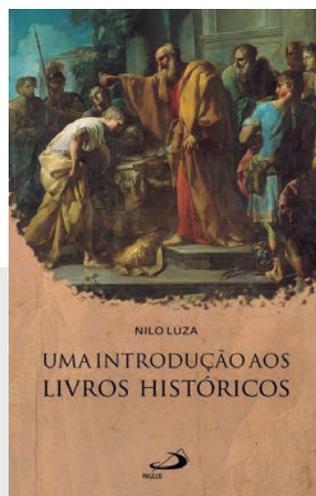
3.2. Semanas Bíblicas Nacionais

As Semanas Bíblicas Nacionais foram organizadas pelos exegetas brasileiros como resposta ao desafio lançado por Pio XII com sua magistral encíclica *Divino Afflante Spiritu*, promulgada no dia da festa de São Jerônimo, em 1943. Em 1947, no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, realizava-se a 1ª Semana Bíblica Nacional (SALVADOR, 1975, p. 50-51). Ao encerrar-se o evento, foi redigida uma circular, intitulada “Resoluções da 1ª Semana Bíblica Nacional”, que continha as seguintes conclusões: instituição do Domingo da Bíblia; incentivo à publicação da literatura bíblica nacional; fundação da LEB; tradução literal da Bíblia para a língua portuguesa.

Entre as resoluções da 1ª Semana Bíblica Nacional estava a realização, em datas aproximadamente fixas (a cada dois ou três anos), de Semanas Bíblicas. Deste modo, sucederam-se, a partir de 1947, 20 Semanas Bíblicas Nacionais, promovidas pela LEB com apoio dos bispos e de outras entidades. Além das Semanas Bíblicas Nacionais, foram realizadas, na Igreja no Brasil, as Semanas Bíblicas Populares. A 1ª Semana Bíblica de caráter popular ocorreu na diocese de Natal (RN) em 1947, promovida pelo cardeal dom Eugênio Sales e organizada pelos membros

Uma introdução aos Livros Históricos

Nilo Luza



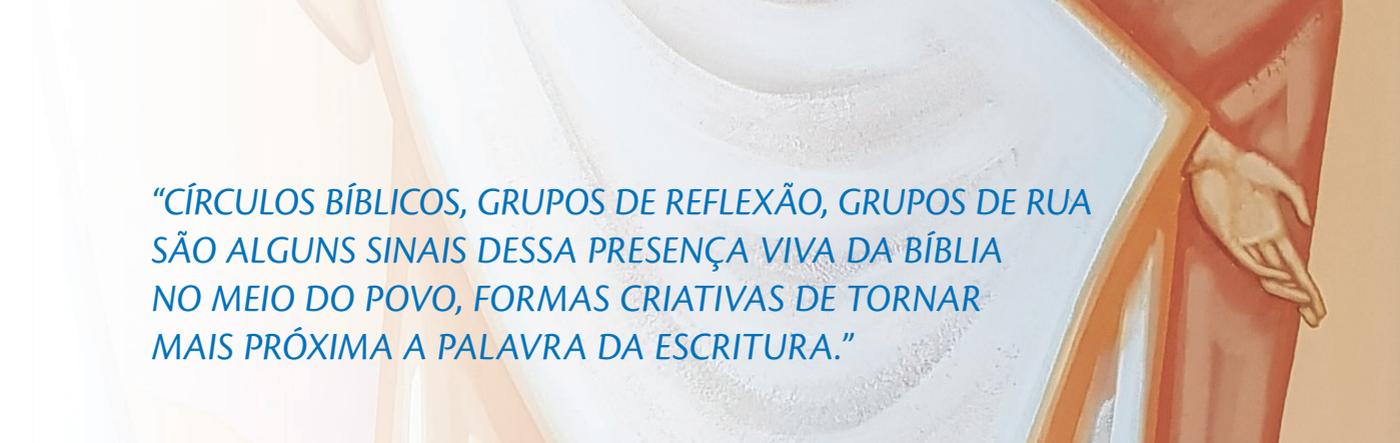
112 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Os Livros Históricos são os dezesseis livros que compõem o segundo grande bloco da Bíblia Católica e narram a história de um povo pequeno, pobre e continuamente dominado por algum dos impérios da época. Não se trata propriamente de história no sentido moderno; são crônicas, relatos e histórias edificantes. A obra comenta esse material, seguindo a ordem em que cada livro se encontra na Bíblia Católica ou Cristã.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“CÍRCULOS BÍBLICOS, GRUPOS DE REFLEXÃO, GRUPOS DE RUA SÃO ALGUNS SINAIS DESSA PRESENÇA VIVA DA BÍBLIA NO MEIO DO POVO, FORMAS CRIATIVAS DE TORNAR MAIS PRÓXIMA A PALAVRA DA ESCRITURA.”

da LEB, sobretudo pelo Pe. José Ferreira Neto, sdb, por intermédio do Departamento Diocesano de Defesa da Fé e da Moral (SALVADOR, 1975, p. 50-51).

3.3. Círculos bíblicos: um jeito dinâmico de evangelizar

Com o Concílio Vaticano II, a Bíblia foi ocupando cada vez maior espaço na família, nos grupos de reflexão e nas pequenas comunidades. Movida pelo desejo de crescimento na fé bíblica, a Igreja no Brasil desenvolveu toda uma prática de leitura e reflexão em torno da Bíblia que muito contribuiu para o sustento da fé e da caminhada das pessoas. Círculos bíblicos, grupos de reflexão, grupos de rua são alguns sinais dessa presença viva da Bíblia no meio do povo, formas criativas de tornar mais próxima a Palavra da Escritura.

Juntamente com os círculos bíblicos, as comunidades eclesiais de base (CEBs) têm desempenhado um papel muito importante de animação bíblica. Onde o povo se reúne em torno da Palavra, nascem lideranças fortes; a comunidade resolve seus problemas em conjunto e com maior facilidade; possibilita-se a experiência participativa da Igreja; surge a diversidade de serviços e ministérios, com os leigos assumindo seu protagonismo na missão evangelizadora.

3.4. Domingo da Bíblia ou Mês da Bíblia

Com a organização da LEB, desenvolveu-se um trabalho em torno de mobilização bíblica, dando origem ao Mês da Bíblia. Em 1971, 50 anos atrás, a Arquidiocese de Belo Horizonte celebrava seu cinquentenário.

As Irmãs Paulinas, na pessoa da Ir. Eugênia Pandolfo, e lideranças que já trabalhavam com a animação bíblica apresentaram por escrito a dom João de Rezende Costa e ao conselho presbiteral a proposta de realizar um vasto e profundo movimento bíblico durante o mês de setembro, que atingisse todos os segmentos da arquidiocese. A proposta foi aceita e, em junho do mesmo ano, o conselho presbiteral nomeou uma equipe para coordenar e impulsionar essa mobilização bíblica. A equipe definiu, assim, os objetivos do Mês da Bíblia, a saber: *infundir no povo a convicção de que a Bíblia, Palavra de Deus, é por excelência o livro que deve ser inserido na vida de cada um; fazer que as famílias sintam a necessidade de ter em casa a Bíblia e transformá-la em livro de cabeceira; por ocasião do “Mês da Bíblia”, constituir na arquidiocese de Belo Horizonte um centro bíblico.*

A equipe contou com a valiosa colaboração do biblista frei Carlos Mesters, que ajudou a elaborar os folhetos para a divulgação e estudo da Bíblia, com o desejo de despertar o gosto pela Palavra de Deus e iniciar uma leitura bíblica permanente. Em 1975 a proposta se estendeu para todo o Regional Leste II e, em 1976, com o slogan “Bíblia, Deus caminhando com a gente”, o Centro Bíblico de Belo Horizonte, em parceria com as Editoras Paulus e Paulinas, lançou o folheto de círculos bíblicos *Bíblia-Gente*, destinado a todo o Brasil. Assim, o Mês da Bíblia se tornou um marco nacional. Até hoje, a Editora Paulus continua a publicar e distribuir o folheto *Bíblia-Gente* com os roteiros bíblicos do Mês da Bíblia.

3.5. Bíblia e Campanhas da Fraternidade

Um fato marcante de experiência bíblica na Igreja no Brasil é a Campanha da Fraternidade, nascida em 1964 e realizada anualmente, no período da Quaresma, como forma de apelo à conversão, em vista da preparação para a Páscoa. Trata-se de iniciativa da Igreja no campo social para chamar a atenção de toda a sociedade para situações e problemas que atingem a maioria da população ou minorias excluídas e ajudar na busca conjunta de soluções. A reflexão sobre esses temas é feita à luz da Bíblia, com um tema bíblico inspirador que auxilia os cristãos no processo de conversão e compromisso social, celebrando a vida sempre à luz das Sagradas Escrituras.

3.6. Mudança de “dimensão catequética” para “dimensão bíblico-catequética”

Outro momento importante da pastoral bíblica na Igreja no Brasil foi a mudança de nomenclatura da Linha 3 de ação pastoral, que, na 29ª Assembleia Geral de 1991, passou de *dimensão catequética* para *dimensão bíblico-catequética*, com o desejo de acentuar melhor a centralidade da Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja.

A dimensão bíblico-catequética expressa o chamado feito a toda a Igreja para se fazer permanente ouvinte da Palavra, assimilando-a sempre mais profundamente ao confrontá-la com a vida dentro do mundo e da história.

A partir das *Diretrizes* de 1991 a 1994, a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética tem se empenhado em desenvolver, a cada quadriênio, atividades que contemplem a unidade da Bíblia com a catequese.

A Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética sentiu a necessidade de um grupo de reflexão bíblica que pudesse ajudar no serviço de animação bíblica junto às dioceses. Nasceu assim o

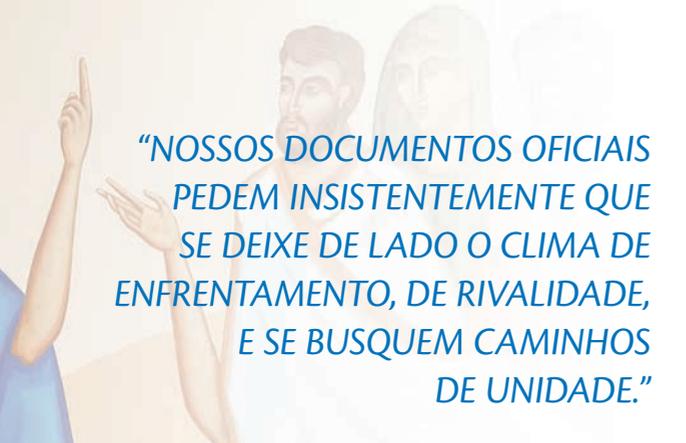
Grebin (Grupo de Reflexão Bíblica Nacional), formado por representantes das instituições que se dedicam ao serviço da animação bíblica. É um espaço de articulação das instituições bíblicas, de intercâmbio de experiências e parceria em torno de ações comuns no campo da formação bíblica. Hoje, chama-se Grebicat (Grupo de Reflexão Bíblico-Catequética).

3.7. Articulação entre a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética e as instituições da pastoral bíblica

Há um diálogo produtivo e uma caminhada conjunta entre a Comissão para a Animação Bíblico-Catequética e as instituições bíblicas, sobretudo no estudo e escolha de temas para o Mês da Bíblia. Há grande empenho em ações comuns no que se refere à formação e à produção de subsídios de animação bíblica da pastoral. As instituições que se dedicam ao serviço da Palavra e formam o Grebin tem seu foco no avanço da questão bíblica na Igreja no Brasil. São elas: Serviço de Animação Bíblica (SAB), Movimento da Boa-Nova (Mobon), Centro de Estudos Bíblicos (Cebi), Movimento Bíblico Nova Jerusalém, Centro Bíblico Verbo (CBV), Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (Abib), Centro Bíblico PAULUS.

3.8. Bíblia no diálogo ecumênico, um fruto do Vaticano II

Nestes 40 anos, o povo católico cresceu bastante na intimidade com a Bíblia. Mas uma conquista do Concílio é o diálogo ecumênico. Nossos documentos oficiais pedem insistentemente que se deixe de lado o clima de enfrentamento, de rivalidade, e se busquem caminhos de unidade. A Bíblia é muito importante nessa busca, pois pode contribuir para o encontro de todos os cristãos. Vale a pena ressaltar os empreendimentos



**“NOSSOS DOCUMENTOS OFICIAIS
PEDEM INSISTENTEMENTE QUE
SE DEIXE DE LADO O CLIMA DE
ENFRENTAMENTO, DE RIVALIDADE,
E SE BUSQUEM CAMINHOS
DE UNIDADE.”**

ecumênicos lançados aqui em nosso país: as revistas especializadas para agentes de pastoral, entre as quais *Estudos Bíblicos* e *Ríbla* (*Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*), bem como a coleção dos comentários aos livros bíblicos, todos numa perspectiva ecumênica, lançados pelas editoras Vozes (católica) e Sinodal (luterana). A Igreja no Brasil vem incentivando a produção de textos que aproximem os cristãos das diversas denominações e aprofundem as relações fraternas. Destaques, nesse sentido, são as Campanhas da Fraternidade em nível ecumênico e a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. A intenção é abrir, cada vez mais, caminhos para uma conversa construtiva em prol da unidade na fé, na esperança e na caridade, tornando visível o testemunho do quanto estamos unidos no amor de Jesus. Uma boa leitura bíblica, atualizada, tem papel importante no diálogo sereno e construtivo, o que será enorme benefício para todas as Igrejas envolvidas.

3.9. Lectio Divina ou leitura orante da Bíblia

Cada vez é mais notável a leitura orante da Bíblia e da vida nos pequenos grupos, “igrejas domésticas” (LG 30; CIC 1655). Ela contribui também para maior liberdade de expressão, diálogo e comunhão com as culturas e religiões. A Palavra de Deus não é mero material de estudo: é chamado a um diálogo reverente. Nosso povo, com muita sabedoria, valoriza a oração. Com a Bíblia, bem usada, cresce na espiritualidade, em todos os sentidos. A oração centrada na Bíblia é a grande valorização do nosso texto sagrado.

Há muito se vem difundindo, com regras simplificadas, a prática do antigo método da leitura orante, que já era utilizado por muitas congregações religiosas e tem um lugar especial na Tradição da Igreja. A divulgação desse método tem trazido profundidade e alegria para a oração do povo, em todas as classes sociais. Intensificar essa prática trará grandes benefícios em nível pessoal e comunitário. O método da leitura orante é ajuda valiosa para o aprendizado da vida de oração por meio da Bíblia. Tanto a 5ª Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) como a *Verbum Domini* acentuam a importância da leitura orante da Bíblia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a *Dei Verbum* até a *Verbum Domini*, é possível perceber, na Igreja no Brasil, o esforço criativo para acentuar a Palavra de Deus em sua vida e missão evangelizadora.

Com o espírito inovador das Conferências de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), o povo, cada vez mais, busca ler a Bíblia e encontrar nela uma palavra orientadora e consoladora para a vida.

A animação bíblica da vida e da pastoral envolve toda a atividade da Igreja, no esforço de anunciar com eficácia o Reino de Deus: “é preciso, pois, que, do mesmo modo que a religião cristã, também a pregação eclesial seja alimentada e dirigida pela Sagrada Escritura” (DV 21).

Contudo, faz-se necessário priorizar uma animação bíblica da vida e da pastoral capaz de formar discípulos de Jesus Cristo, servidores da Palavra. Trata-se de grande tarefa que o novo tempo nos impõe.

A Bíblia, sendo assumida pelas comunidades eclesiais missionárias como *a fonte e a alma de toda pastoral*, será uma das mediações privilegiadas na promoção da pastoral de conjunto, tão essencial para que a comunidade eclesial seja expressão de uma Igreja querigmática, mistagógica e missionária. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil: Cadernos da CNBB n. 1. 2. ed.* São Paulo: Paulinas, 2009. (Documento 76).
- _____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015.* Brasília: Ed. CNBB, 2011. (Documento 94).
- _____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019.* Brasília: Ed. CNBB, 2019. (Documento 102).
- _____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023.* Brasília: Ed. CNBB, 2019. (Documento 109).
- _____. *Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja.* Brasília: Ed. CNBB, 2012. (Documento 97).
- _____. *Orientações para a animação bíblica da pastoral na América Latina e no Caribe.* Brasília: Ed. CNBB, 2018.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum: Constituição Dogmática sobre a revelação divina.* Petrópolis: Vozes, 1966.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *1ª Conferencia General del Celam.* Disponível em: <https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Rio.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2021.
- _____. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968 (Med).* São Paulo: Paulinas, 1998.
- _____. *Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina (PB).* 14. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.
- _____. *Santo Domingo: conclusões. IV Conferência do Episcopado Latino-Americano. Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã (SD).* 7. ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (DAp).* São Paulo: Paulus, 2007.
- DOCUMENTOS sobre a Bíblia e sua interpretação (1893-1993). São Paulo: Paulus, 2004.
- LIBÂNIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão.* São Paulo: Loyola, 2005. (Theologka).
- MELO, Antonio Alves de. *A evangelização no Brasil: dimensões teológicas e desafios pastorais. O debate teológico e eclesial (1952-1995).* Roma: Editrice Pontificia Gregoriana, 1996. (Teologia, 16).
- PAPA BENTO XVI. *Verbum Domini: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja.* São Paulo: Paulinas, 2010.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja.* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1994.
- RETAMALES, Santiago Silva. *A animação bíblica da pastoral: sua identidade e missão.* São Paulo: Paulus, 2011.
- RICHTMANN, Flodoaldo Proença. O atual movimento bíblico católico no Brasil. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, v. 26, fasc. 1, p. 85, mar. 1966.
- SALAZAR, Gabriel Naranjo. *Da pastoral bíblica à animação bíblica da pastoral.* São Paulo: Paulus, 2011.
- SALVADOR, Joaquim. A Liga de Estudos Bíblicos – LEB. Histórico da fundação e algumas iniciativas. *Revista Eclesiástica Brasileira*, São Paulo: Loyola, v. 12, fasc. 3/4, 1975.
- TERRA, D. João Evangelista Martins. Pastoral bíblica no Brasil. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, v. 11, fasc. 43/44, 1987.
- _____. História da Federação Bíblica Católica Mundial (Febicam). *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, v. 12, fasc. 45/46, p. 25, 1988.

O EVANGELHO DE JESUS CRISTO CRUCIFICADO

Entendendo a carta aos Gálatas

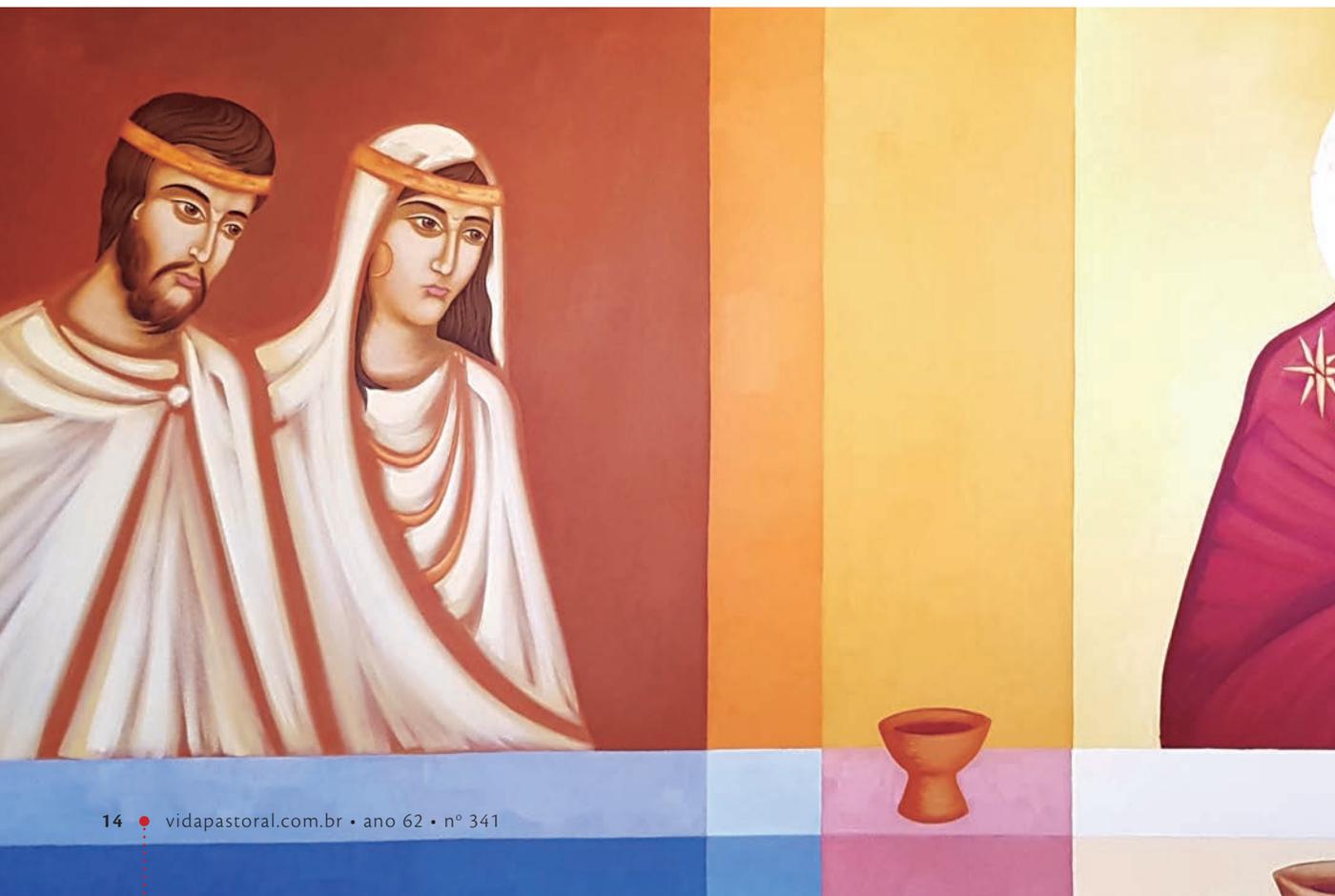
Sobre as características da carta aos Gálatas, a força da escrita de São Paulo, a teologia, a estrutura literária da carta e os interlocutores do apóstolo.

*Shigeyuki Nakanose, svd, é assessor do Centro Bíblico Verbo e professor no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp).

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

**Maria Antônia Marques é assessora do Centro Bíblico Verbo e professora no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp).

E-mail: ma.antoniabv@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Recordando o modo inusitado do nascimento das “igrejas da Galácia” (Gl 1,2), Paulo lhes escreve uma carta direta e personalizada, para que se esforcem por clarificar as ideias – perturbadas pela intervenção do grupo judaizante – e voltem a viver na liberdade, na igualdade e na unidade, à luz da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Por volta dos anos 53-54 d.C., as comunidades gálatas entraram em crise. Os convertidos gálatas, gentios em sua maioria, foram “enfeitados” pelo grupo de tendência judaizante – que preconizava o modo de viver como judeus, segundo a cultura e os costumes judaicos – e caíram sob o jugo da Lei: “Ó gálatas sem juízo! Quem foi que os enfeitou, a vocês que tinham diante dos olhos os traços bem claros de Jesus Cristo crucificado? Quero saber somente isto de vocês: foi pelas obras da Lei que vocês receberam o Espírito, ou foi pela aceitação da fé?” (Gl 3,1-2).

O grupo judaizante radical (Gl 1,7; 4,17; 5,7-12; 6,13) tentou impor aos convertidos gálatas a circuncisão – que ocupava lugar central no judaísmo oficial, na qualidade de sinal da aliança com Deus Javé –, como meio de alcançar a salvação, e atacou o Evangelho e a prática pastoral de Paulo: “Não existe outro Evangelho. No entanto, alguns estão deixando vocês confusos, querendo distorcer o Evangelho de Cristo” (Gl 1,7).

No dizer de Paulo, o grupo judaizante radical anuncia outro Evangelho, baseado na justiça pela observância da Lei, provocando e justificando a segregação e a desigualdade nas comunidades gálatas e até a escravidão no mundo greco-romano. O grupo desvirtua o Evangelho baseado na justiça que vem pela fé no amor e na graça de Cristo Jesus crucificado (Gl 5,5-6).

A discriminação, a desigualdade e a marginalização das pessoas são intoleráveis para a “verdade do Evangelho” (Gl 2,5), segundo a



CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de trinta anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Maiores informações:

Tel.: (11) 5187.1008

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br;

facebook.com/cbiblicoverbo



“Na prática, Paulo abandonou o grupo dos judeus fariseus, com seu modo legalista e ritualista de ver Deus, a Escritura, as pessoas e as coisas, e ingressou no movimento de Jesus Cristo crucificado.”

liturgia batismal, citada por Paulo: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Afinal, quem é Paulo, que prega a unidade entre as pessoas sem as barreiras raciais, sociais e sexuais?

1. Conhecendo Paulo

Paulo, “circuncidado no oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus” (Fl 3,5), converte-se ao amor de Cristo Jesus. O judeu “perseguidor da Igreja” (Gl 1,13) transforma-se em seguidor de Jesus crucificado, pregando a mensagem da justificação pela obra da fé, pelo esforço do amor e pela constância da esperança no Senhor Jesus Cristo (1Ts 1,3).

Segundo a prática religiosa da sinagoga do seu tempo, Paulo, um judeu fariseu, bastante cômico de seu trabalho de observar a Lei de Moisés, pregava a salvação pela observância da lei da pureza, a obra salvífica que era justificada pela fé no Deus poderoso e castigador (Dt 30,15-18) e argumentada pela teologia da retribuição – segundo a qual Deus retribuía saúde, riqueza e vida longa a quem observasse a Lei com sua exigência de sacrifícios de purificação, pagamento dos dízimos etc. (Dt 28; Mt 3,6-12). Desta forma, seria possível manipular Deus conforme a justiça alcançada pela observância da Lei. Observada a Lei, Deus seria obrigado a retribuir e ajudar a pessoa “justa”.

Como fariseu, Paulo desprezava e discriminava pobres, doentes e estrangeiros como impuros, pois eles, muitas vezes, infringiam a Lei. Em sua prática da Lei, tornou-se perseguidor do grupo dos judeus helenistas

crentes em Jesus de Nazaré, que estavam pregando e perturbando a ordem religiosa (templo e Lei) de Jerusalém, a qual justificava o poder e as riquezas dos governantes judaicos. Paulo, um fariseu irrepreensível, era cheio de si e autossuficiente (Fl 3,6).

No entanto, ele mudou sua vida! Graças ao contato com a vivência comunitária e fraterna dos seguidores de Jesus que sofriam perseguição (At 9,10-19), aos poucos, foi sendo tocado pelo amor gratuito de Jesus de Nazaré, o Crucificado, que seria “escândalo” para os judeus (Dt 21,22-23). Paulo começou a acreditar que Jesus crucificado por Pilatos era o Messias de Javé, o Filho de Deus, como havia anunciado o Segundo Isaías, na forma do servo sofredor (Is 42,1-9; 52,13-53,12). Ele descobriu que o projeto da vida foi manifestado na cruz de Jesus como graça de Deus, e não pela observância da Lei (Gl 2,19-21).

Na prática, Paulo abandonou o grupo dos judeus fariseus, com seu modo legalista e ritualista de ver Deus, a Escritura, as pessoas e as coisas, e ingressou no movimento de Jesus Cristo crucificado, praticando e experimentando no dia a dia o amor gratuito e incondicional de Deus. Em seu longo processo de transformação e aprendizagem (Gl 1,15-18), começou a pregar a salvação pela prática do amor, a obra salvífica justificada pela fé na graça de Deus misericordioso, Pai e Mãe (Os 11,1-4; 1Ts 2,1-12) – ou seja, a teologia da gratuidade (Jn 4; Rm 5,1-2).

Sendo um judeu de cultura greco-romana – judeu helenista, como Estêvão e Filipe –, Paulo se formou nas comunidades helenistas de Damasco (Gl 1,17) e iniciou seu trabalho

missionário na comunidade de Antioquia da Síria (At 11,19-30), composta de judeus helenistas e gentios, em sua maioria, e de língua grega, mais aberta à realidade multicultural e multirracial de Antioquia. Nela a circuncisão e as leis alimentares judaicas não eram impostas aos seguidores gentios de Jesus Cristo.

Com o tempo, a comunidade de Antioquia, com tal prática, entrou em conflito com a “igreja mãe de Jerusalém” (Gl 1,18-24), que era formada, em sua maioria, por judeus que acreditavam em Jesus como o Messias prometido, mas assumia uma prática mais tradicional, pregando um Evangelho subordinado às tradições judaicas. A postura dos judaizantes era clara: os gentios poderiam participar das promessas feitas por Deus ao povo de Israel, desde que estivessem dispostos a observar a Lei.

O conflito resultou na realização da primeira assembleia em Jerusalém, por volta do ano 49, cuja discussão girou em torno da imposição da circuncisão e de outros costumes judaicos aos gentios que seguiam Jesus (Gl 2,1-10; At 15). Apesar da dura oposição dos “falsos irmãos” (Gl 2,4) – um grupo judaizante radical na igreja de Jerusalém –, Paulo defendeu a prática missionária segundo a “verdade do Evangelho” e selou acordo com os apóstolos de Jerusalém. Estes consideravam sua missão restrita aos circuncidados, mas mesmo assim reconheciam e apoiavam a missão do grupo de Paulo (Gl 2,3-10).

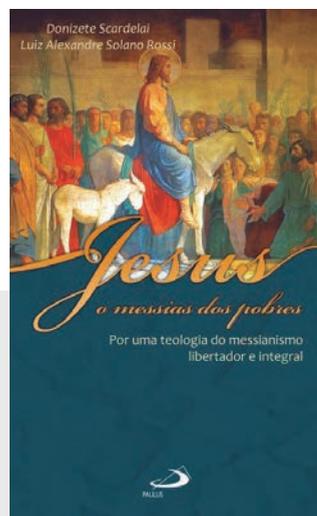
Entretanto, os “falsos irmãos” (cf. At 15,1.5) acreditavam na necessidade de todos os seguidores de Jesus se tornarem judeus e exigiam deles a observância da Lei em sua totalidade, rejeitando o acordo firmado na assembleia de Jerusalém. Historicamente, a influência desses judaizantes radicais chegou à Macedônia, à Grécia e à Ásia Menor, causando conflito com a missão de Paulo.

Após a assembleia, Paulo desempenhou com maior vigor sua missão entre os gentios. Na segunda viagem, durante 49-52

Jesus, o messias dos pobres

Por uma teologia do messianismo libertador e integral

Donizete Scardelai
e Luiz Alexandre Solano Rossi



456 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra busca compreender de perto a sociedade de Jesus, marcada pela desigualdade e pelo favorecimento das minorias abastadas, em detrimento da maioria explorada. Revela ainda como esse contexto favoreceu o surgimento de diversos messias antes de Jesus e como cada um deles, com sua visão de mundo e sua busca por libertação, deu uma resposta de vida e de fé para si e seus seguidores, por meio da resistência e do combate à miséria e à opressão.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“A sociedade gálata foi marcada pelo sistema de escravatura.”

d.C., seu grupo realizou a missão em meio aos gentios da Ásia Menor, da Macedônia e da Grécia, fundando comunidades na Galácia, em Filipos, Tessalônica, Corinto etc. (At 15,36–18,23), comunidades compostas de judeus e gentios que tentavam viver a irmandade em nome de Jesus Cristo crucificado.

Com o tempo, as comunidades foram apresentando vários problemas: perseguições dos judeus e governantes romanos (1Ts 2,1–2) e conflitos internos (1Cor 1,10–16) etc. As comunidades gálatas também não escaparam da crise provocada pela diversidade. Nelas surgiram, por volta dos anos 53–54 d.C., conflitos provocados por dois grupos principais: por um lado, o grupo “judaizante” tentava submeter à circuncisão e aos costumes judaicos os gentios que abraçaram a mensagem de Jesus, suscitando a segregação e a desunião nas comunidades (Gl 3,1–5,12); por outro, o grupo “liberal” exagerava a liberdade cristã, desrespeitando qualquer mandamento e criando uma crise ética (Gl 5,13–26). De certa forma, essa situação crítica das comunidades gálatas era marcada pela realidade particular do povo da Galácia.

2. Conhecendo a Galácia

O nome Galácia deriva dos gauleses (gálatas), descendentes de antigos imigrantes celtas, provenientes do território da Gália (França, Bélgica, Itália etc.), que invadiram, em 279–277 a.C., o centro-norte da Ásia Menor (a região entre a Capadócia e o Ponto). Os gálatas foram subjugados pelo Império Romano em 189 a.C. Após longo período de vassalagem, o reino gálata passou

a ser a província romana da Galácia, com a capital Ancira (hoje Ancara), em 25 a.C., ficando, desde então, sob a dominação direta de Roma.

Quanto à vida do povo, a Galácia era basicamente uma província rural agrícola e pecuária (pequenos rebanhos). Era abundante a produção de cereais e vinho, e a fonte principal de riqueza consistia na produção de lã. Sabe-se que as enormes fazendas de ovelhas ocupavam grande parte da área central e meridional da Galácia, e a maioria das terras pertencia ao Império Romano. Como prática do império, a produção da região não só beneficiava a elite local, mas também era levada a Roma pelos “mercadores da terra” para enriquecer a autoridade imperial. A maioria da população estava submetida à escravidão do império, vivendo na miséria e sofrendo espoliação e violência dos governantes.

Nesse longo processo de romanização, a sociedade gálata foi marcada pelo sistema de escravatura. O duro trabalho nas fazendas de ovelhas, por exemplo, empobrecia e enfraquecia o povo. O sofrimento deste aumentava ainda mais com a dominação cotidiana do império. Para além da brutalidade e violência do exército, da cobrança sistemática do imposto e do monopólio do comércio, a legitimação do poder imperial era feita pela implantação da religião e da cultura do Império Romano. Por exemplo, no culto, o evangelho – a “boa-nova” de César Augusto, o senhor do império e da terra – era proclamado, exaltando o império e o imperador por estabelecerem na terra a paz e a salvação.

Exatamente para esse mundo é que Paulo levava o Evangelho de Jesus Cristo crucificado, introduzindo novo sistema capaz de mudar as relações humanas. No lugar do vínculo senhor-escravo, ele propôs o da irmandade e o da liberdade, conforme sua proclamação nas comunidades da Galácia.

3. Conhecendo as comunidades gálatas

Durante sua primeira viagem missionária (46-48 d.C.), Paulo e Barnabé devem ter percorrido o sul da Galácia, região habitada por romanos, gregos e judeus, passando por Icônio, Listra e Derbe, entre outras cidades (At 13,50-14,28). Realizaram a missão entre judeus e simpatizantes gentios nas sinagogas por onde passaram, fundando várias comunidades. Paulo voltou para lá durante sua segunda viagem (49-52 d.C.; cf. At 16,1-8) e percorreu também o norte da Galácia (a região em torno das cidades de Ancira e Pessinunte; cf. At 16,6), evangelizando os gálatas propriamente ditos. Na terceira viagem (53-57 d.C.), ele passou de novo pela Galácia e pela Frígia (cf. At 18,23).

Por volta do ano 50 d.C., nessa região do norte da Galácia, as comunidades dos seguidores de Jesus foram fundadas em uma circunstância incomum: “Vocês sabem que foi por causa de uma doença física que lhes anunciei o Evangelho pela primeira vez” (Gl 4,13). No meio dos gálatas, o “Evangelho de Cristo” (Gl 1,7) havia causado grande entusiasmo, pois a irmandade pregada em nome de Jesus Cristo crucificado suscitara o sonho de vida e liberdade para quem vivia sob o jugo da escravidão do império. O entusiasmo, porém, durou pouco. Logo depois da segunda visita de Paulo, essas comunidades caíram na escravidão da Lei de Moisés (Gl 1,6). E, para piorar a situação, alguns membros contestaram a autoridade de Paulo e seu Evangelho (Gl 1,7-10).

Possivelmente, durante a longa permanência de dois anos e meio em Éfeso (53-55 d.C.), Paulo recebeu notícias de um ataque contra ele e seu Evangelho em meio às comunidades da Galácia, que estavam em crise. A carta aos Gálatas, então, foi escrita, com muita emoção, como uma resposta de Paulo nesse contexto conturbado; por isso, ela revela tal discussão e a situação pela qual as comunidades gálatas estavam passando, além de retratar as características delas e sua relação com o apóstolo:

- a) Os membros das comunidades gálatas eram gentios que só conheceram o Deus judeu e a mensagem de Jesus depois de sua conversão de vida (4,8-9; 5,2-3; 6,12).
- b) As comunidades acolheram Paulo, um enfermo judeu, sem discriminação (4,13-14). O laço afetivo das comunidades com Paulo era tão forte, que o fez declarar: “se fosse possível, vocês arrancariam os próprios olhos e os dariam a mim” (4,15).
- c) Paulo anunciara a “cruz de Jesus Cristo” (3,1), na qual a graça de Deus foi dada (2,21). Por ela, os convertidos gálatas tornaram-se pessoas capazes de amar e de se pôr a serviço umas das outras (5,13).
- d) No batismo, o Evangelho de Jesus Cristo crucificado, com seu amor gratuito, foi assumido pelos gentios pobres como fonte de liberdade, irmandade e igualdade em um mundo escravagista (3,23-29).
- e) O ponto principal de discussão e de crise é “outro Evangelho”, que “distorce o Evangelho de Cristo” (1,7). O grupo judaizante radical insiste: o seguidor de Jesus deve submeter-se à prática de todas as leis judaicas para alcançar a salvação (2,11-21).
- f) Os convertidos gálatas estavam prestes a se submeter à Lei de Moisés (4,1) e a trair a amizade e a lealdade com Paulo, abandonando o verdadeiro Evangelho (1,6) e decaindo da graça (5,4).
- g) Alguns membros, gentios cristãos, fizeram-se circuncidar (5,2-4) e exerciam pressão sobre os outros membros das comunidades (6,13).
- h) Havia o grupo helenizado, com o espírito da busca desenfreada de bens, poder e prazer, que radicalizou a liberdade, transformando-a em libertinagem, causando um problema ético e aumentando as tensões internas (5,13-24).
- i) Os opositores negavam a autoridade do apóstolo Paulo e seu Evangelho (1,1-5.7-10).

j) Diante do risco real de perder as comunidades “amadas”, Paulo, indignado e revoltado, chegou a dizer: “Que se mutilem de uma vez aqueles que estão perturbando vocês!” (5,12).

Informado da grave ameaça à fé em Jesus Cristo crucificado, ao seu verdadeiro Evangelho e à prática do amor, da igualdade e da unidade, e diante da acusação contra sua condição de apóstolo, Paulo escreveu a carta aos Gálatas, cheia de raiva e emoção, provavelmente de Éfeso, entre 54 e 55 d.C.

4. Conhecendo a carta aos Gálatas

A carta aos Gálatas é mais profundamente marcada pelo tom duro e polêmico do que qualquer outra e é a única carta sem a costumeira ação de graças nas saudações inicial e final. Ela contém cinco argumentos usados por Paulo contra os adversários: histórico, teológico, exegético, batismal e emocional.

Eis um possível esquema da carta:

- a) Introdução – 1,1-10: apresentação do tema “o Evangelho de Cristo”, baseado na graça de Deus.
- b) Primeira parte – 1,11-2,21: relato autobiográfico e histórico.
- c) Segunda parte – 3,1-5,12: argumento contra os adversários.
- d) Terceira parte – 5,13-6,10: exortação ética – liberdade e caridade.
- e) Conclusão – 6,11-18: advertência contra o grupo judaizante radical.

5. Conhecendo os conteúdos específicos

Convencido do perigo que representavam para o Evangelho de Jesus Cristo crucificado, Paulo não poupou críticas fortes contra os grupos formados pelos judaizantes e heinizados radicais, que estavam desvirtuando o valor salvífico do amor gratuito de Jesus Cristo crucificado, a manifestação da graça de Deus. Ele procurou mostrar os conteúdos do verdadeiro Evangelho com base na experiência e na Escritura:

1) Preguar e praticar o Evangelho de Jesus Cristo crucificado (Gl 1,7): o verdadeiro Evangelho (Gl 2,5,14) é a própria pessoa de Jesus de Nazaré, que pregou e praticou a justiça e deu sua vida na cruz, por puro amor ao próximo (Gl 1,3-5). A fé na cruz de Jesus é fonte da liberdade, da irmandade, da vida, porque é na cruz de Jesus de Nazaré que Deus Pai manifestou sua graça, seu amor primeiro e gratuito.

2) Ser herdeiro da promessa de Abraão pela fé em Jesus Cristo crucificado (Gl 3,6-18): o fato de Jesus Cristo – que conviveu com os pecadores e morreu na cruz por amor ao próximo – ser reconhecido como o Messias sofredor e o Filho de Deus (Gl 4,4) é a mensagem essencial de que o Deus da promessa a Abraão (Gn 15,4-8; 18,17-18) reconhece a pessoa não em virtude das obras da Lei, mas sim de sua prática do amor ao próximo. A fé no Messias sofredor abre a salvação a todos os povos, sem o pré-requisito do cumprimento da Lei, como a circuncisão e as leis alimentares (Gl 2,11-14).

3) Ter liberdade em Jesus Cristo crucificado (Gl 5,1): no Espírito (o poder do amor gratuito) de Jesus Cristo crucificado, a pessoa torna-se “nova criatura” (Gl 6,15), fica liberta de qualquer lei e de qualquer diferença que possa privilegiar uns e marginalizar outros (Gl 3,28).

4) Viver segundo o Espírito (Gl 5,5): quem caminha na fé e no amor do Crucificado é acompanhado pela força criadora, profética, sapiencial e libertadora do Espírito para viver do modo como Jesus viveu: na liberdade, na justiça e no amor, criando irmandade, paz e esperança.

5) Carregar o peso uns dos outros (Gl 6,2): a verdadeira liberdade cristã é fruto do Espírito de Deus, que leva à vida de caridade, justiça e fraternidade, sobretudo de amor-serviço aos outros (Gl 5,13-6,10).

6) Evangelizar com base na realidade (Gl 4,12): ao contrário do grupo judaizante, Paulo considerou e respeitou os anseios por liberdade e igualdade do povo sofrido e escravizado, formando comunidades de fraternidade sem a imposição das leis e costumes judaicos.

7) Evangelizar junto com os pobres (Gl 2,10): Paulo evangelizou as nações, pondo-se ao lado dos pobres, mergulhando no mundo deles, carregando os fardos do trabalho (Gl 6,2), organizando comunidades de partilha e de fraternidade junto com os pobres (1Cor 4,9-13).

8) Carregar as marcas de Jesus, que significam as cicatrizes dos maus-tratos sofridos e suportados pelo Nazareno (Gl 6,14.17; cf. 2Cor 4,10): quem assume o Evangelho de Jesus Cristo crucificado, seu amor gratuito e o espírito da liberdade, será perseguido e maltratado no mundo do legalismo judaico e da escravização do império. As pessoas que seguem Jesus, porém, mesmo perseguidas, devem gloriar-se na cruz de Jesus Cristo, porque é dela que nasce “o poder de Deus e a sabedoria de Deus” (1Cor 1,24), para construir o mundo da partilha e da fraternidade: o Reino antecipado de Deus.

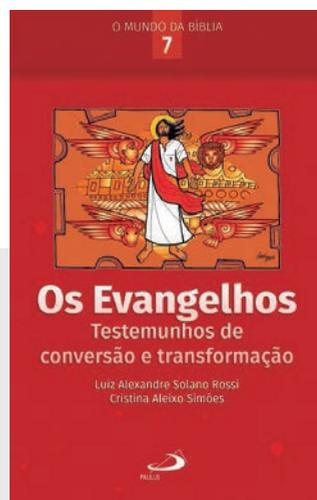
Essas são algumas das principais convicções que orientam e animam Paulo em sua missão. As certezas que podem ser encontradas ao longo da carta aos Gálatas amadureceram aos poucos, à luz de seu próprio trabalho missionário e pastoral, guiado pela reflexão sobre as palavras, ações e vida de Jesus à luz da Escritura, e também à luz da realidade do povo sofrido, dos empobrecidos, marginalizados e escravos como os gálatas.

No contexto do imperialismo romano e da religião legalista e ritualista do judaísmo oficial, Paulo pregou Jesus crucificado e ressuscitado e ousou caminhar na contracorrente, com a proposta do amor gratuito e da justiça do “servo sofredor”. Quase 2 mil anos se passaram, mas o imperialismo continua encarnado em muitas “feras”, devorando pessoas inocentes mediante guerras, ditaduras brutais, trabalhos em condição de escravidão ou semiescravidão, economia selvagem, fomes, violências. E muitas Igrejas, com seu Cristo triunfalista, legalista e ritualista, servem para conservar as feras do presente. **vp**

Os Evangelhos

Testemunhos de
conversão e transformação

Luiz Alexandre Solano Rossi
e Cristina Aleixo Simões



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra faz a descrição e a análise detalhada dos quatro Evangelhos, destacando suas semelhanças e diferenças, extraíndo os ensinamentos dos textos e sugerindo, portanto, a melhor forma de interpretá-los.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Joel Antônio Ferreira*



O HINO BATISMAL (Gl 3,26-28): CHAVE PARA A LEITURA DA CARTA AOS GÁLATAS

Neste 50º ano do Mês da Bíblia, saboreando a carta aos Gálatas na revista Vida Pastoral e, também, no texto-base da CNBB, buscou-se o ardor bíblico dessa carta da UNIDADE em Cristo que ajuda a viver a comunhão fraterna.

*Joel Antônio Ferreira é doutor em Sagrada Escritura pela Umesp e pós-doutor pela Georgetown University de Washington D.C. É professor titular em Ciências da Religião na PUC-Goiás e assessor bíblico de comunidades populares. E-mail: joelantonioferreira@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Gostamos de ler a carta aos Gálatas começando pelo “hino batismal” (Gl 3,26-28). De forma esquemática, eis os acontecimentos que estão na origem dessa carta:

- 1) Paulo havia evangelizado a Galácia (região da atual Turquia).
- 2) As comunidades, por um bom tempo, caminharam muito bem na fidelidade ao Evangelho.
- 3) Um fato inesperado: alguns judaizantes foram, depois, à Galácia pregar um Evangelho diferente, ou seja, baseado na Lei e nos costumes do judaísmo.
- 4) Várias pessoas evangelizadas por Paulo aderiram à pregação dos judaizantes.
- 5) Algumas pessoas fiéis mandaram notícias a Paulo, falando da divisão.
- 6) O apóstolo ficou indignado.
- 7) Escreveu a carta, demonstrando sua revolta.

É uma carta bem conflituosa. Para pedir aos gálatas que revissem suas posições, Paulo contou que também em outras experiências cristãs originárias aconteceram muitas tensões. Disse que só existia um Evangelho (1,6-10), para já ir mostrando que os judaizantes não foram leais. Descreveu a revelação e o chamado recebido de Jesus Cristo e revelou que sua vocação era evangelizar os gentios (1,11-17). Narrou o encontro com a igreja de Jerusalém (Pedro, Tiago, João). Apontou as decisões positivas sobre a questão da circuncisão e abertura aos gentios (1,18-2,10), indicando que estes não precisavam ser circuncidados.

Outro conflito (lei do puro/impuro) estava criando barreiras. Em Antioquia (2,11-14) vivenciava-se excelente momento comunitário durante as refeições, nas quais se reuniam gentios (v. 12b), circuncisos (v. 12d) e judeu-cristãos (v. 13a). No entanto, foram para lá, vindos de Jerusalém, da parte de Tiago (v.12a), alguns cristãos que eram

contra aquelas experiências. A reação foi forte: Cefas (v. 11), Barnabé (v. 13) e outros judeu-cristãos, com hipocrisia, retraíram-se com medo e agiam com fingimento.

Os gálatas que “pularam” para o lado dos judaizantes precisavam ouvir sobre as tensões. Depois, Paulo desenvolveu, com fundamentações bíblicas, questões sobre a fé, a unidade em Cristo, a abertura de fronteiras para os gentios e a liberdade cristã (Gl 3-4). Apresentou a vida no Espírito e mostrou que o campo de ação do Espírito é a comunidade (5-6,10). Na conclusão (6,11-18), frisou que a mística da liberdade leva à nova criação, ou seja, a viver no espírito do Crucificado.

Apesar dos conflitos, Paulo não perdeu sua mística, o transpirar Jesus Cristo pelos poros: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo. É Cristo quem vive em mim” (Gl 2,20).

1. HINO BATISMAL COMO ABERTURA DE FRONTEIRAS

Eis a chave principal para entrar na carta aos Gálatas (3,26-28):

²⁶Pois todos vós sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. ²⁷Pois quantos de vós fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. ²⁸Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher: pois todos vós sois UM só em Cristo Jesus.

É um hino batismal conhecido no cristianismo originário, anterior a Paulo. Trata-se do fragmento de um credo conhecido pelas comunidades (BETZ, 1988, p. 184-186). Ao citar a fórmula já celebrada por outros grupos cristãos, o apóstolo demonstrou ter entendido a proposta e abraçado a causa na opção pelos gentios, na preocupação com os escravos e na emancipação feminina. No pequeno hino se percebe que as questões étnicas, sociais e de gênero foram bem interligadas (BAUMERT, 1999, p. 10ss).

A confissão batismal apareceu em quatro textos (Gl 3,26-28; 1Cor 12,13; Rm 10,12; Cl 3,11). Há um consenso entre os comentaristas de que em Gálatas está o texto quase

original. As diferenças têm sua explicação nos destinatários diferentes, com situações vitais diversas. Eis a sinopse (FERREIRA, 2005, p. 90):

Gl 3,26-28	1Cor 12,13	Rm 10,12	Cl 3,11
Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus			
Pois todos vós fostes batizados em Cristo	pois fomos todos batizados num só Espírito, para ser um só corpo		
vos vestistes de Cristo			
Não há judeu nem grego,	judeus e gregos	não há distinção entre judeu e grego.	Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita,
não há escravo nem livre,	escravos e livres		escravo, livre,
não há homem e mulher.			
Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus	e todos bebemos de um só espírito	Pois ele é o Senhor de todos	mas Cristo é tudo em todos

A reflexão parte de Gl 3,26-28, por ser o texto mais original. É preciso perceber que as três afirmativas se conformam às exigências do batismo e da fé em Jesus Cristo.

A *ekklesia* (Gl 1,2) movia-se no Espírito de Jesus Cristo. O hino foi dirigido a ela (“vós”). Os membros da *ekklesia* eram “filhos de Deus pela fé”, “batizados” e

“revestidos”. Todos podiam superar as divisões: “judeu/grego”, “escravo/livre” e “homem/mulher”, porque todos eram “UM só”. Isso era possível por causa de “Cristo Jesus”, citado quatro vezes. O hino batismal apresenta três prioridades de acordo com as quais os cristãos devem se mover no espírito comunitário.

1.1. “Não há judeu nem grego”: rompimento com nacionalismos radicais e com dogmatismos religiosos e culturais

A proposta do hino batismal, assumida por Paulo, anunciava a abertura de fronteiras no âmbito racial, com extensão para o religioso e o cultural.

O “judeu”: desde o pós-exílio, com a definição do judaísmo como a religião judaica, havia a afirmação de ser um povo escolhido por causa da aliança com Deus. Com Esdras aflorou um nacionalismo que privilegiava os judeus e excluía os estrangeiros da vida da nação (Esd 9-10). Essa linha perpassou a história dos judeus até os tempos de Jesus, porém essa postura nacionalista não era unanimidade.

O “grego”: não se refere à enorme civilização grega, com sua filosofia que penetrou o mundo, nem à cultura e ao modo de viver dos cidadãos gregos. Aliás, os gregos também tinham seus preconceitos, porque muitas vezes consideravam outros povos como bárbaros (Rm 1,14; Cl 3,11). Aqui no hino, “grego” se refere aos gentios espalhados pela civilização grega e pelo Império Romano.

Nas primeiras décadas após o “evento Jesus”, as comunidades cristãs eram judias. Entre as várias tendências dentro do judaísmo, existiam os grupos populares (simples e humildes) ou judeu-cristãos: antigos apóstolos, discípulos, mulheres, os que acompanharam Jesus desde a Galileia, a periferia de Israel. Parece, contudo, que Tiago, irmão do Senhor, era de uma linha que levava a sério a lei do puro/impuro e, por conta disso, evitava os

estrangeiros (Gl 2,11-13). Outro grupo, os helenistas (Estêvão, Barnabé, Paulo e outros) partiram para outras regiões (FERREIRA, 2005, p. 104).

1.1.1. Os gentios escutaram o Evangelho

A partir daí, entre 40 e 68 d.C., o Evangelho foi proclamado nas cidades e adentrou muitas partes do império. Os gentios de várias culturas foram aderindo ao seguimento de Jesus Cristo. Antioquia foi se tornando a referência, e foi ali que os seguidores dele foram chamados, pela primeira vez, de “cristãos”.

O grupo helenista abriu-se para os gentios e se inculturou, respeitando os valores, costumes e cultura dos gregos (gentios). O Evangelho estava se encarnando em outras culturas. A evangelização foi avançando pela Ásia Menor e Europa (Gl 2,9). O que, parece, atraiu tantos gentios foi o entendimento de que eles podiam seguir o Evangelho de Jesus Cristo e continuar com suas identidades culturais.

1.1.2. Judaísmo, judeu-cristãos, judaizantes e a unidade

Como o hino batismal afirmou que “não há judeu nem grego”, é preciso clarear alguns conceitos.

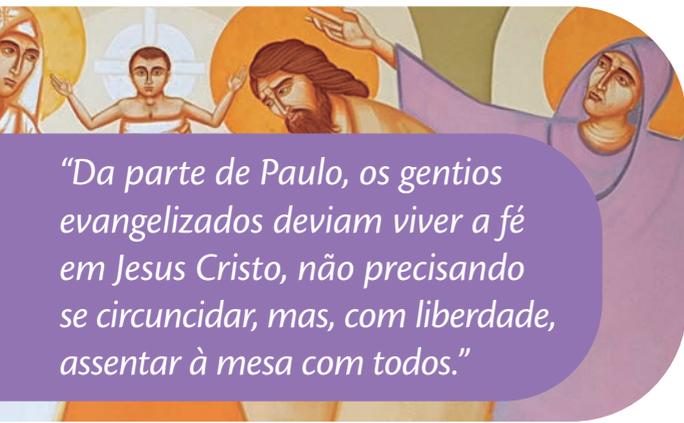
O “judaísmo” era e é a religião dos judeus, desde os tempos do pós-exílio da Babilônia. Os helenistas não tiveram problemas com o judaísmo. Paulo estava convencido de que o judaísmo era querido por Deus (Rm 3,1-4a).

Os “judeu-cristãos” eram os fiéis que haviam pertencido à tradição do judaísmo. Sugere-se que os judeu-cristãos eram os de visão mais popular e aberta, na linha dos pobres e humildes de Yahweh. As polêmicas que aparecem na carta aos Gálatas não foram contra os judeu-cristãos. Estes se abriram à evangelização dos gentios (Gl 2,9) e se assentavam à mesa com todos.

Os “judaizantes” surgiram como grupo que provocou muitos conflitos. Eram cristãos que passaram pela tradição do judaísmo

“O hino batismal apresenta três prioridades de acordo com as quais os cristãos devem se mover no espírito comunitário.”





"Da parte de Paulo, os gentios evangelizados deviam viver a fé em Jesus Cristo, não precisando se circuncidar, mas, com liberdade, assentar à mesa com todos."

(Gl 1,7-22), talvez mais ortodoxo, e agora viviam a experiência cristã. Na sua missão, os judaizantes comportavam-se como se ainda fossem do judaísmo, sustentando que os gentios deviam se circuncidar (Gl 5,2-12) e praticar a lei do puro/impuro (Gl 2,11-14). É por isso que o apóstolo os acusou de estarem pregando um Evangelho diferente (Gl 1,9).

A carta aos Gálatas é bem conflituosa: da parte dos judaizantes, os gentios deveriam se converter ao cristianismo, com a condição de observarem a lei do puro/impuro e praticarem a circuncisão. Da parte de Paulo, os gentios evangelizados deviam viver a fé em Jesus Cristo, não precisando se circuncidar, mas, com liberdade, assentar à mesa para as refeições e para a Eucaristia com todos/as.

Diante das divisões, foi escrita a "carta da unidade em Cristo" (Gl 3,28d), baseada no hino batismal. Com ela, descerraram-se duas portas: a da abertura clara e decidida do Evangelho para as nações e a do papel da fé em Jesus Cristo. O Evangelho único é o de Cristo (Gl 1,6-9). A assembleia de Jerusalém (Gl 2,1-12) clareou a abertura para judeus e gregos e o respeito às diversidades. No projeto de toda a *ekklesía*, os judeu-cristãos e os gentio-cristãos deveriam conviver como membros vivos da mesma fraternidade, respeitando o que era próprio de cada cultura (Gl 5,13-26).

1.1.3. Intolerância religiosa ontem e hoje

A intolerância religiosa manifestou-se na assembleia de Jerusalém, com os espiões da liberdade (Gl 2,4), repetiu-se em Antioquia (Gl 2,11-14) e efetivou-se na Galácia, com os judaizantes (Gl 1,6-7). Com isso, criou-se um

clima de intolerância religiosa (lei do puro/impuro) e racial (gentio não podia comer com judeu-cristão).

Na história, os dogmatismos (aferra-mentos a ritos e normas) são sempre pe-rigosos, porque conduzem ao fechamento em si mesmo. Tornam-se fundamentalistas e sectários. O clima de intolerância religiosa (lei do puro/impuro) e racial (gentio não pode comer conosco) tantas vezes é repe-tido com outros rituais religiosos e posturas autoritárias que censuram, provocam medo e insegurança nos grupos subalternos. Os dogmatismos sentenciosos podem matar, até em nome de Deus.

1.2. "Não há escravo nem livre": rompimento com a escravidão

As sociedades greco-romanas eram or-ganizadas em torno das diferenças entre os livres e os escravos. O Império Romano se mantinha pelo "modo de produção escrava-gista". Havia a presença romana civil em todo o império com o "patronato" (CROSSAN; REED, 2007, p. 272-273) e com os contin-gentes militares atuantes em todas as partes.

Com exceção de antigas famílias ricas, que moravam em terras tomadas pelos ro-manos e aderiram ao sistema imperialista, a grande maioria da população era escrava. A maior parte dos habitantes cuidava da agri-cultura, o campo tinha de produzir. Grande parte dos escravos do império era obrigada a trabalhar nas minas subterrâneas (carvão, minério precioso), em péssimas condições. Os escravos das pedreiras despendiam enorme força física para dar suporte às grandes construções. Nas cidades, os escravos mais preparados culturalmente serviam as autori-dades e as famílias de elite, exercendo ativi-dades educativas, administrativas, nos banhos públicos, nos aquedutos. Os/as escravos/as domésticos/as dependiam do humor dos seus senhores e das tarefas que lhes eram confiadas (FERREIRA, 2005, p. 110).

O império, em nível administrativo e militar, era completíssimo (STEGEMANN; STEGEMANN, 2004). Cada localidade tinha de garantir e sustentar as forças militares: alimentação dos inumeráveis soldados, limpeza e manutenção dos uniformes, higiene dos quartéis. No nível agrário, a contradição se explicitava no consumo dos milhares de soldados das legiões. As colônias, além de mantê-los, repassavam os excedentes de produção ao sistema romano. Este sugava quase tudo das colônias.

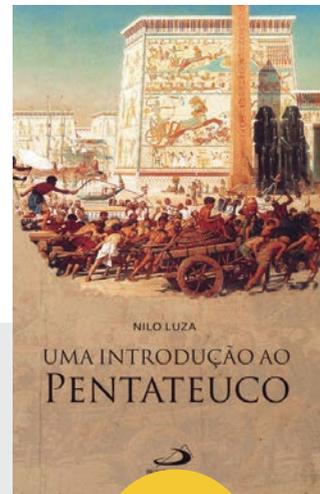
1.2.1. Luta contra a escravidão ontem e hoje

Paulo tomou várias atitudes, em oposição ao sistema escravagista, para trazer os escravos às experiências cristãs da igualdade: em Gálatas, denunciou o desrespeito à liberdade (Gl 2,4) e gritou pela liberdade em Cristo (Gl 5,1.15); toda a carta aos Coríntios é uma opção pelos “fracos, vis e desprezados” (1Cor 1,26–29) e um alerta para que “não vos torneis escravos dos homens” (1Cor 7,22–23); o apóstolo se revoltou com alguns ricos da comunidade que, na celebração da ceia do Senhor, discriminavam os pobres (1Cor 11,17–38), provavelmente escravos (FERREIRA, 2013, p. 135–141); liderou grande coleta nas igrejas para ser destinada aos miseráveis de Jerusalém (2Cor 8,13–14); na libertação do escravo Onésimo, desautorizou o escravagismo romano.

No Brasil, a vergonhosa escravidão análoga sempre existiu, oficiosamente. Ela está na região “urbana” (indústria têxtil/costura e canteiros de obras), na “construção civil” e na “zona rural”. De 1995 a 2016, houve reações jurídicas e religiosas contra a escravidão análoga. Foram criados os Grupos Especiais de Fiscalização Móvel (GEFM) que conseguiram efetuar centenas e centenas de “resgates” de seres humanos em condições escravas. Entidades religiosas (CNBB, CPT, Cimi, Conic) têm gritado pela libertação dos escravos análogos no Brasil. Depois de muitas vitórias libertadoras, no governo Temer

Uma introdução ao Pentateuco

Nilo Luza



56 págs.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Imagens meramente ilustrativas.

O objetivo da obra é desenvolver um comentário sobre os textos que compõem o Pentateuco, formado pelos cinco primeiros livros da Bíblia: *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*. Na obra, o leitor encontrará explicações sobre a origem dos livros, quando e por quem foram escritos. Além disso, o autor apresenta as teorias sobre a diversidade de textos e gêneros, entre elas a Teoria Documental de Wellhausen.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

(2016–2018), aliado da bancada ruralista, verificou-se o retorno pesado da escravidão no Brasil. Os grupos jurídicos e religiosos, porém, não se acomodaram, baseando-se na Constituição, que assegura a inviolabilidade: “Ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante” (art. 5º, inciso III).

1.3. “Não há homem nem mulher”: rompimento com o patriarcalismo

Na língua original do hino não se falou em “homem” e “mulher”. No grego, “homem” se diz *aner*. O hino falou de *arsen*, que significa “macho, masculino”. “Mulher”, em grego, é *gyné*. No hino, porém, foi empregada a palavra *thelys*, cujo significado é “fêmea, feminina”. O hino batismal, portanto, está dizendo que “não há macho (masculino) nem fêmea (feminina)” (VANHOYE, 1985). Possivelmente, os autores do hino usaram “macho/fêmea” (masculino/feminino) por causa da situação constrangedora em que viviam as mulheres naquele tempo.

Usaremos a expressão “não há homem nem mulher” como todas as traduções em português decidiram usar.

1.3.1. Casa (*oikía*): origem das comunidades femininas

No mundo hebraico/israelita, na esfera religiosa, as experiências domésticas devem ser salientadas historicamente. No templo e nas sinagogas, as mulheres eram marginalizadas. No entanto, as celebrações domésticas constituíam uma força para o avivamento da família, e aí a mulher tinha seu espaço. Era o momento primário para a transmissão da fé. A família, de manhã, à noite e também nas refeições, tinha o momento de oração. Muitas vezes, isso cabia à mulher. Havia algumas festas realizadas na casa: *Sukkot* (festa das Tendões no jardim da casa); *Shavuot* (festa das Semanas); a decoração das casas com flores: *Hanukká* e *Purim*; a festa mais significativa, a

Péssah (Páscoa), acontecia também na casa de cada família. Na casa, as mulheres tomavam as iniciativas.

Os inícios do cristianismo se deram dentro do judaísmo. Muitas mulheres judias se tornaram cristãs. Com isso, a prática judaica familiar ajudou as experiências cristãs. As igrejas domésticas cristãs deveram muito às experiências hebreias. A casa é onde quase tudo se inicia.

As mulheres cristãs, no início, rezavam e formavam-se (catequese) dentro da casa. Aqui se podia falar, cantar, louvar a Deus, celebrar a Escritura e chamar as vizinhas para celebrar a vida do povo. Como os cristianismos originários foram se abrindo para os gentios, ampliaram-se as relações sociais e religiosas. Foram surgindo líderes cristãs. Algumas saíram do ambiente doméstico para anunciar o Evangelho fora das casas.

1.3.2. Lideranças femininas no hino batismal

Certamente, quem conseguiu que a asserção “não há homem e mulher” entrasse no hino batismal foram mulheres que já eram protagonistas em algumas comunidades.

Há na Bíblia várias alusões às líderes cristãs, a partir da “casa” (BRANICK, 1994): *Júlia*, sua *irmã* (Rm 16,15); *Ápia* (Fm 1,1-2); *Lídia* em Filipos (At 16,15). Nas casas, as mulheres iam encontrando seu espaço para exercer as funções de líderes das igrejas.

As mulheres percebiam que podiam participar da vida comunitária, sem nenhuma repressão contra elas. O salto para a liberdade comunitária em Jesus Cristo as foi levando à clareza sobre a igualdade com os irmãos masculinos. Mulheres e homens caminhavam juntos, com igualdade (FERREIRA, 2015, p. 105–118).

O apóstolo aludia às líderes com muito carinho e afeição. Aos filipenses, referiu-se a duas líderes: *Evódia* e *Síntique*, porque elas “lutaram a meu lado pelo Evangelho” (Fl 4,2–3). A Filêmon, fez alusão “à nossa irmã *Ápia*” (Fm 1,2). Aos coríntios, lembrou-se da

casa de Cloé (1Cor 1,11), de Priscila e seu esposo, Áquila (1Cor 16,19). Aos romanos, falou: “Recomendo a vocês Febe, a nossa irmã, diaconisa da comunidade de Cencreia” (Rm 16,1-2). Saudou Priscila e Áquila (Rm 16,3-5). Referiu-se a Maria (Rm 16,6). Aludiu a um casal: “Saudai Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros de prisão” (Rm 16,7). Saudou três mulheres: “Trifena e Trifosa, que se afadigaram... Pérsida, que muito se afadigou no Senhor” (Rm 16,12). Referiu-se a uma mãe: “Saudai a Rufo, este eleito do Senhor, e sua mãe” (Rm 16,13). Lembrou-se de duas mulheres: “Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, Olimpas” (Rm 16,15).

1.3.3. Cristãs da base ontem e hoje

Paulo partiu da base. Se esta era unida em torno do Cristo Jesus, então o hino era Palavra de Deus. Na base ocorria a comunhão entre mulheres e homens. Os cristianismos originários foram se clareando em nível de gênero, porque a declaração batismal forçou as rupturas androcêntricas (FABRIS; GOZZINI, 1986). A experiência de igualdade levou várias mulheres a assumir lideranças de igreja. Como o batismo transforma os membros do povo de Deus, as mulheres (judias e gentias) se tornaram “sujeitos” e “protagonistas”, sendo impulsionadas para a evangelização. Hoje, se olharmos as comunidades eclesiais de base, a maioria dos participantes, quase sempre, são mulheres. O papa Francisco tem lembrado que as mulheres são protagonistas de uma Igreja em saída.

Conclusão: “Todos vós sois UM SÓ em Cristo Jesus” (Gl 3,28d) – ontem e hoje

O hino afirma que “todos” foram “batizados” e “vestidos”. A identidade se inicia, pela fé, com o batismo. Este aproxima gentios, mulheres, escravos, livres, homens, judeus, porque “todos vós sois filhos de Deus, pela fé em Cristo Jesus”, e “todos vós sois UM só em Cristo Jesus”. Acabaram os privilégios.

Na *ekklesia* se realizam as experiências da liberdade e da igualdade entre os irmãos. Tudo e todos se transformam por causa da “unidade” (UM SÓ) em Jesus Cristo.

As pequenas comunidades cristãs rompiam com as discriminações e intolerâncias. Todos os “filhos de Deus” eram chamados à experiência do amor (Gl 5,13-14). O hino batismal é um apelo à unidade, e toda a carta aos Gálatas é uma conclamação à comunhão.

Olhando o contexto vital atual e o Mês da Bíblia, perguntemo-nos: que barreiras alguns cristãos constroem hoje, provocando a desunião? Seria bom que cada leitor/a olhasse os muitos dados positivos da unidade eclesiológica entre nós. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMERT, Norbert. *Mulher e homem em Paulo*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BETZ, Hans-Dieter. *Galatians: a commentary on Paul's letter to the churches in Galatia*. Philadelphia: Fortress Press, 1988.
- BRANICK, Vincent. *A igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994.
- CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CROSSAN, J. D.; REED, J. L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FABRIS, Rinaldo; GOZZINI, Vilma. *A mulher na Igreja primitiva*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas: a epístola da abertura de fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *Primeira epístola aos Coríntios*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- _____. Religião e gênero. *Paralellus*, Recife, v. 6, n. 12, p. 105-118, jan./jun. 2015.
- STEGEMANN, Ekkhard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- VANHOYE, A. *La lettera ai Galati*. Roma: PIB, 1985. v. 2.

Rafael Rodrigues da Silva*

A LIBERDADE CRISTÃ E OS CONFLITOS NAS COMUNIDADES



*Rafael Rodrigues da Silva, biblista, integrante da direção nacional do Cebi, professor da Universidade Federal de Alagoas, campus Arapiraca. E-mail: raphaelli.puc@gmail.com

A carta aos Gálatas apresenta Paulo, com sua franqueza, chamando a atenção das comunidades para os conflitos que estavam enfrentando. Diante da cultura plural das comunidades e dos seus problemas pastorais, o apóstolo as orienta e exorta para a retomada do Evangelho ali anunciado e para que não caíam nas armadilhas do “outro Evangelho”, pautado pela Lei. Temas como a liberdade e o hino batismal – marcas do cristianismo recebido e vivido com entusiasmo quando da passagem de Paulo pela região – são fundamentais no caminho que o apóstolo reconstrói com as igrejas da Galácia.

INTRODUÇÃO

Encontramos diferentes maneiras de ler a carta endereçada às igrejas da Galácia. Podemos lê-la segundo o ponto de vista de quem escreve ou daqueles e daquelas que, na região, a receberam, leram, interpretaram e reagiram ao seu conteúdo. Esses dois caminhos não deixam de ser interessantes e provocantes para a releitura em nossas comunidades, em meio a pandemias, conservadorismos, intolerâncias e opressões. Lê-la na perspectiva da sua recepção na comunidade desafia nossa imaginação e nos provoca a entrar no debate que se criou entre os fiéis e suas lideranças. Nestor Míguez conta a experiência de leitura popular da Bíblia num encontro ecumênico no Uruguai, no qual se propôs a escrita de uma carta a Paulo, demonstrando a reação das comunidades (MÍGUEZ, 2017, p. 158-159). As respostas nos conduzem às suspeitas de como as igrejas da Galácia reagiram e conseguiram resolver seus conflitos e problemas cotidianos.

O caminho que propomos para a leitura da carta é o dos conflitos. Se fizermos rápida incursão nos ambientes das comunidades cristãs ou da prática cristã que emergiu na primeira geração de cristãos, iremos deparar com confrontos e brigas recorrentes, seja entre judeus e cristãos, seja entre cristãos vindos do judaísmo e cristãos vindos de fora dessa tradição. Podemos perceber, no relato de Atos 15 sobre a assembleia (Concílio) de Jerusalém, quanto foi acirrada a discussão

entre o grupo de Jerusalém e o grupo de Antioquia (os de fora da Palestina).

Os cristianismos que se espalharam e as comunidades da Galácia enfrentaram a dura realidade de opressão naquele sistema de guerras, empobrecimento e escravização.

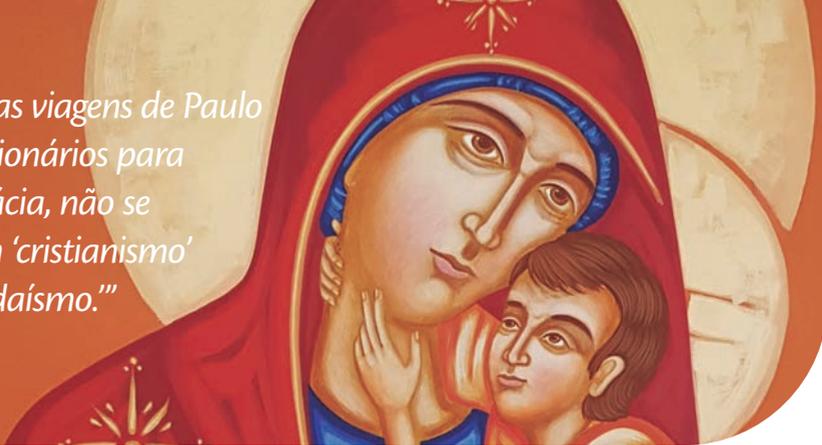
A percepção dos conflitos presentes no cotidiano da comunidade e nas entrelinhas da carta nos revela o rosto da comunidade, suas escolhas, erros, tentativas de diálogo e de acerto nos passos para solucionar os problemas.

1. AS COMUNIDADES DA GALÁCIA

A Galácia compreendia, naqueles tempos, a região onde foram assentadas tribos gálicas desde o século III a.C., um território que, no período da dominação romana, serviu como ponto estratégico para dominar Pérgamo. Assim, ao redor de 40 a.C., Pisídia, Frígia, Licaônia e Isauria passaram a pertencer à Galácia e tornaram-se importante província romana. Não adentraremos na discussão sobre o que representa, na carta, a expressão “Galácia” em 1,2 e a referência “gálatas” em 3,1, pois há alguns estudiosos que argumentam que se trata de referência a toda a região, enquanto outros veem uma menção à província romana da Galácia.

O nome geográfico e político Galácia é usado em dois sentidos. O primeiro significado designa o Planalto da Anatólia

“No ambiente das viagens de Paulo e de outros missionários para a região da Galácia, não se apresentava um ‘cristianismo’ separado do ‘judaísmo.’”



Central entre o Ponto, a Bitínia e a Licaônia. O nome deriva dos gauleses que invadiram a Macedônia, Grécia e Ásia Menor em 279 a.C. e anos seguintes; finalmente eles se estabeleceram na Anatólia, onde formaram um reino. Em 64 a.C. a Galácia tornou-se um estado dependente de Roma, e nos anos seguintes o território do reino foi ampliado pelas regiões vizinhas. No segundo sentido, Galácia designa a província romana da Galácia, estabelecida em 24 a.C., depois da morte do último rei, Amintas; incluía a região da Galácia e as regiões da Pisídia, Panfília, e parte da Licaônia. Depois desta data, o nome Galácia foi usado para designar a província (MACKENZIE, 1993, p. 309).

Trata-se de grupos étnicos que estão na origem dos habitantes da província romana da Galácia – certamente, grupos bem heterogêneos, entre os quais encontramos gálatas, gregos, galo-gregos, romanos e judeus. Os gálatas não gozavam de muita simpatia entre os gregos e eram considerados raça misturada, simplórios, imprevisíveis, cruéis, sem perseverança e fáceis de ser enganados (O’CONNOR, 2000, p. 199).

Conforme Atos 13, a comunidade de judeus da Galácia já estava assentada ali e bem organizada antes da chegada de Paulo e Barnabé. É importante lembrar que, no ambiente das viagens de Paulo e de outros missionários para a região da Galácia, não se apresentava um “cristianismo” separado do “judaísmo”; tampouco Paulo e aqueles que se opunham a ele sabiam que eram “cristãos”, embora

tivessem a certeza comum de pertença a Israel e a suas tradições e interpretassem as mesmas Escrituras (KOESTER, 2005, p. 132).

As comunidades da Galácia são marcadas pela pluralidade cultural, e a identidade cristã se constrói num lento processo, desde a recepção do Evangelho anunciado por Paulo, em meio às tradições judaicas que já se encontravam na região, passando por outras propostas e discursos de judeu-cristãos. Entre as comunidades da região da Galácia, deparamos com os conflitos entre judaísmos e judaísmos, ou seja, entre judeus de fato em oposição aos judeus que se tornaram cristãos. Contudo, também encontramos conflitos entre cristianismos e cristianismos. É patente a presença de um cristianismo que se abre para o mundo helênico bem como de outro que se fecha nas tradições judaicas, além de um cristianismo que relê as tradições em defesa dos empobrecidos. Nessas comunidades há um misto de confluência cultural e tentativas de diálogo e unidade.

Os diferentes grupos cristãos nos primórdios do cristianismo se formaram e configuraram a partir dos diversos contextos judaico-helenísticos e inseridos no mundo greco-romano; atuavam com reciprocidade, reinterpretavam os elementos religiosos e socioculturais e as diversas formas de pensamentos ali encontrados. Tal realidade aponta para diferentes compreensões dos mesmos acontecimentos e, com isso, possibilita atribuir-se ao cristianismo um significado flexível e plural, que supera a compreensão monolítica (IZIDORO, 2017, p. 14).

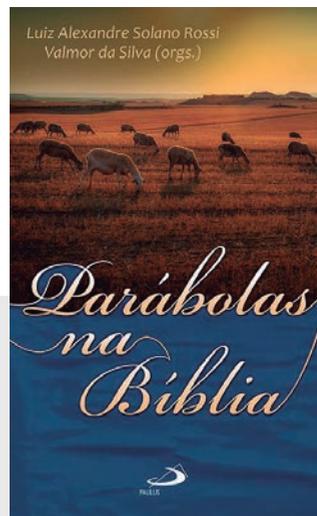
A heterogeneidade demográfica e cultural que marca a região da Galácia nos leva a efetuar a leitura de que uma comunidade de judeus da Galácia se agregou à comunidade paulina e a interpretação que faziam do Evangelho de Jesus Cristo produziu reações em Paulo, que então lhes escreve uma carta com linguagem franca. Deixa transparecer que os inimigos que atacavam o Evangelho paulino representam grupos judaizantes, que podem ser judeus tentando fazer com que os cristãos voltem a seguir as práticas judaicas ou cristãos de origem não judaica que procuravam fielmente obedecer à Torá. Este conflito ao redor dos costumes e da prática da Lei está presente no Concílio de Jerusalém (At 15 e Gl 2) e aponta para a seguinte constatação:

Os oponentes gálatas são os primeiros apóstolos ambulantes conhecidos que invadiram uma igreja paulina. Sua mensagem recomendava que os novos convertidos gentios fossem circuncidados e observassem a lei ritual para usufruir de todos os benefícios de sua condição recém-obtida como membros do povo de Deus (KOESTER, 2005, p. 133).

Da leitura da carta de Paulo às igrejas da Galácia infere-se que os opositores estão dentro das comunidades e conduzindo-as em outra direção, a ponto de atacarem o Evangelho paulino e serem apresentados como representantes do “outro” Evangelho, com a exigência da circuncisão e a obediência aos rituais e costumes judaicos. Para Paulo, a comunidade tinha recebido o Evangelho como dom gratuito do Espírito e agora corre o risco de ficar dependente das “obras” da Lei – traduzidas na circuncisão e em normas culturais sobre comida e tempos, conforme lemos em Gl 3,2; 4,8-10; 5,2; 6,12-13 (SAMPLEY, 2008, p. 291). Paulo escreve para que as igrejas da Galácia não consentam em

Parábolas na Bíblia

Luiz Alexandre Solano Rossi
e Valmor da Silva (orgs.)



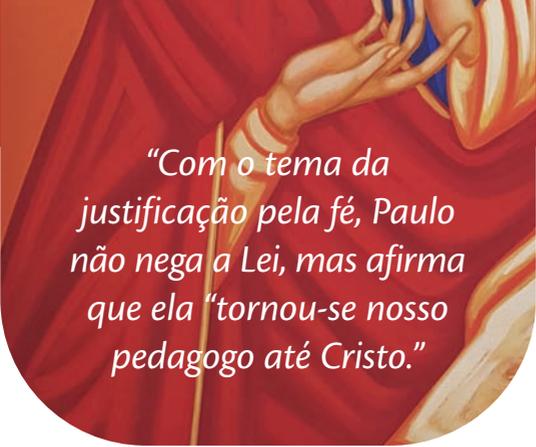
240 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro procura investigar o uso de parábolas ao longo das Sagradas Escrituras. Para isso, faz uma grande introdução ao gênero literário e investiga as parábolas presentes nos apócrifos, que não entraram no cânon judaico-cristão. Além disso, interpreta parábolas específicas do Antigo Testamento e de cada um dos Evangelhos. Apresenta ainda a maneira pela qual a argumentação parabólica paulina é construída.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“Com o tema da justificação pela fé, Paulo não nega a Lei, mas afirma que ela “tornou-se nosso pedagogo até Cristo.”

seguir a pregação dos “perturbadores” que estão apresentando o Evangelho de tendência judaica (Gl 1,7 e 5,10).

Se lemos o hino em Gl 3,26–28 junto com a primeira questão levantada na carta acerca do “outro Evangelho” que está sendo anunciado na comunidade (1,6–10), perceberemos o conflito entre dois modelos: de um lado, o Evangelho anunciado por Paulo naquela região, conhecido pela comunidade como “Evangelho de Cristo”; de outro, o Evangelho baseado na Lei judaica ou mosaica. A confusão aludida no início da carta e o apelo à unidade no hino apontam para o conflito instaurado na comunidade, que corre o risco de perder a dimensão da liberdade e se tornar prisioneira da Lei. O apelo à unidade no hino representa uma tentativa de enfrentamento do conflito.

Com base nesse contexto, logo somos levados a ler a carta para as comunidades da Galácia como uma “carta indignada” e carregada da decepção de Paulo com a comunidade. No entanto, não podemos assumir somente essa perspectiva de leitura. Temos de levar em conta a ternura e o apreço que o apóstolo nutre pelas comunidades. Por exemplo, ele os chama de “irmãos” (*adelphoi*) nove vezes: 1,11; 3,15; 4,12.28.31; 5,11.13; 6,1.18.

2. CONFLITO ECLESIAL AO REDOR DO EVANGELHO ANUNCIADO E SUA PRÁTICA

Depois que Paulo passou pela Galácia anunciando o Evangelho, outros pregadores andaram por aquelas comunidades, defendendo a prática da Lei mosaica como

fundamental para que os gentios pudessem ser cristãos. Eles representam judeu-cristãos que buscam fazer dos gentios “novos” cristãos por meio do Evangelho da Lei. A identidade cristã passa pela herança abraâmica: Jesus, filho de Abraão. A memória de Abraão era fundamental, pois, conforme Gn 17, ele era praticante da lei da circuncisão. Justamente a releitura das tradições ao redor de Abraão, Sara e Agar é parte dos argumentos de Paulo para as igrejas da Galácia.

Certamente os influenciadores nas igrejas da Galácia utilizaram a figura de Abraão para ilustrar como deve ser o cristão praticante da Lei mosaica. Em Gl 3, Paulo procura situar Abraão e seus descendentes como praticantes do bem pela fé, indicando que aqueles que caminham pela Lei estão na linha da maldição (cf. v. 6–9, em oposição aos v. 10–14). Com o tema da justificação pela fé, Paulo não nega a Lei, mas afirma que ela “tornou-se nosso pedagogo até Cristo” (3,24). Aspecto fundamental no argumento de Paulo é o da unidade e eliminação das distinções, presente no hino batismal de Gl 3:

De fato, todos vocês são filhos de Deus, por meio da fé em Cristo Jesus. Pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus (3,26–28).

Esse hino batismal que conclui o capítulo 3 já era conhecido nas comunidades, e Paulo não só faz uso dele, como também o insere no centro de sua carta. Vale lembrar que encontramos esse hino em outras cartas: 1Cor 12,13; Cl 3,11; Rm 10,12. Comparando esses textos, podemos concluir que Paulo deve ter procurado um texto mais completo para argumentar sobre seu propósito da unidade nas comunidades. O batismo e a pertença à comunidade estavam presentes nas liturgias

e na organização dos diferentes cristianismos originários. É interessante que somente na carta aos Gálatas aparece a referência “não há homem nem mulher”, o que demonstra a forte presença das mulheres nas igrejas da Galácia. O hino tem, na abertura, a expressão: “todos vocês são filhos de Deus” e conclui em paralelo com a expressão: “todos vocês são um só em Cristo Jesus”. Assim, conduz as comunidades a entender que a proposta cristã é inclusiva e abre fronteiras, ao passo que o Evangelho pregado pelos opositores é excludente e tem como critério de pertença a observância da Lei e dos costumes. As igrejas cristãs têm de se abrir em termos econômicos, sociais (não há escravo nem livre), étnicos (não há judeu nem grego) e de gênero (não há homem nem mulher). Em outras palavras, o conflito presente nas igrejas da Galácia necessita de um projeto além-fronteiras, que aprofunde na comunidade o espírito de igualdade, liberdade e justiça, capaz de derrubar as barreiras da indiferença, da marginalização e da escravidão.

Na organização das comunidades, Paulo recorda o Evangelho que anunciou quando esteve na região da Galácia e o quanto é motivo de alegria a perseverança e o entusiasmo com que viviam a nova vida em Cristo. Depois de sua partida, porém, as igrejas da Galácia receberam missionários judeu-cristãos que não só anunciaram um Evangelho diferente, como também impuseram a Lei mosaica como critério. A carta revela, nas entrelinhas, que muitas pessoas nas igrejas aceitaram essas propostas e foi instalada a divisão das igrejas da Galácia.

O discurso da unidade e o resgate do elemento fundamental da identidade e da existência da comunidade cristã são apresentados por Paulo numa mistura entre indignação e ternura para com a comunidade. Por isso, na primeira parte da carta, o apóstolo se pauta pelos exemplos e testemunhos: como se comportava antes no judaísmo, como perseguidor

e com extremo zelo pelas leis e tradições, e como Deus o separou e o chamou pela graça para anunciar a Boa Notícia entre as nações (1,11-16); suas viagens missionárias (1,17-24); o período do Concílio em Jerusalém (2,1-10); como manteve sua posição contra Pedro e em favor do Evangelho (2,11-14). Na carta, Paulo apontou fatos conflituosos na história dos cristianismos originários e seu intento de denunciar os grupos missionários que estavam gerando divisão e destruindo o trabalho que fora realizado. A lembrança do concílio demonstra à comunidade o quanto os missionários que se infiltraram nas igrejas da Galácia estavam indo contra as determinações e acordos estabelecidos em Jerusalém.

Paulo e outros helenistas missionários estavam abrindo as fronteiras na direção dos gentios, anunciando o Evangelho (1,15; 2,2.8-9; 3,8.14). Nessa proclamação, era pregado que também os gentios eram justificados pela fé. O apóstolo sugeriu que era na vida da comunidade livre e igualitária, que vivia no e pelo Espírito, portanto, unida e dinâmica, que estava a saída. Então, se comunidades de outros cristianismos originários elaboraram e emprestaram o texto batismal a Paulo, agora os gálatas precisavam interrogar suas vidas, espelhando-se no mesmo hino de Gl 3,26-28 (FERREIRA, 2017, p. 111).

O conflito eclesial, teológico e missionário que aparece nas igrejas da Galácia está espelhado no conflito entre o Evangelho da cruz, anunciado por Paulo, o Evangelho das ritualizações judaicas e o Evangelho itinerante entre as comunidades, defendido pela comunidade de Jerusalém. A postura radical de Paulo, em sua carta às igrejas da Galácia, nega a relação do Evangelho de Cristo com qualquer variante que implique pertença a grupos de poder (“Cristo e a Lei”, “Cristo e a circuncisão”, “Cristo e a raça”, “Cristo

e o imperador”). Essas variantes negam o Evangelho (ah, quantas variantes hoje, no Brasil, negam o princípio cristão e o Evangelho!) e, certamente,

a cruz desqualifica qualquer “e...” que se queira acrescentar ao Evangelho ou qualquer distinção que se queira introduzir entre os seres humanos. A cruz não traz nem admite prestígio, nem sabedoria, nem riqueza, nem orgulhos raciais. A cruz era o modo de morte dos escravos e rebeldes, a mais denigradora das condenações, a condenação própria dos malditos. Portanto, é incompatível com qualquer pretensão de poder, com qualquer sinal de mérito (MÍGUEZ, 1995, p. 25).

3. ESCRAVIDÃO X LIBERDADE

Refletimos até aqui sobre um primeiro ponto de conflito: os diferentes e divergentes Evangelhos anunciados nas comunidades. Estas se encontram diante da escolha entre o Evangelho anunciado com base nos ensinamentos e na memória de Jesus crucificado e ressuscitado e o Evangelho da glorificação, imposta pelas alianças de poder naquela região, tão marcada pela realidade de escravidão e opressão e pela liberdade daqueles que têm garantida a cidadania aos olhos do império. Para a imposição de um Evangelho adequado aos propósitos imperialistas e à lógica do poder, colaboram os mecanismos de “pureza e santidade” advindos da tradição judaica. Essa questão produziu grande divisão não só entre as comunidades de Jerusalém e de Antioquia, mas também (e sobretudo) nas comunidades na região da Galácia. Na leitura da carta, percebemos a defesa apaixonada dos princípios da liberdade e da vivência da unidade nos espaços cotidianos da comunidade, aspectos que sabemos não serem tão fáceis de encontrar na caminhada das comunidades, marcadas por uma herança hierárquica e patriarcal. Comunidades que estão caminhando segundo uma

proposta que exclui mulheres, pobres, crianças, impuros, estrangeiros e escravos. Ou seja, todos aqueles e aquelas que eram impedidos de estar na comunidade e de conviver como irmãos.

É notório que a liberdade tem grande importância na carta aos Gálatas, escrito que nos deixa entrever que os trabalhadores e os empobrecidos naquela região estavam privados dela e dos mínimos direitos para viver dignamente. Também estavam marcados na esfera religiosa por uma escravização da Lei, com seus rigorismos e a lógica da santidade e pureza, a qual aumentava ainda mais a distância entre ser escravo e viver uma vida livre, conforme a proposta do Reino e sua justiça. O trecho de Gl 5,1-6 representa belo texto para a comunidade, pois apresenta a liberdade na dimensão da graça e do espírito. Paulo argumenta com base no Evangelho de Jesus, recusando uma leitura alicerçada na Lei mosaica. Para os pobres que se encontravam na escravidão, os preceitos e leis judaicas reforçavam a manutenção daquelas condições. A liberdade vista somente pelo prisma religioso não era garantia que os empobrecidos viriam a ser livres na esfera econômica e social.

Havia uma distância muito grande entre ser escravo e ser livre na sociedade greco-romana (vale lembrar que o Império Romano vivia da escravidão). O sujeito que era livre tinha cidadania e estava na mesma classificação de senhor. Participava da organização social e tinha direitos e deveres naquela sociedade. Já o escravo não tinha nenhum direito. Pensando na conjuntura das igrejas da Galácia, recordemos como as pessoas se tornavam escravas naqueles tempos. Se a pessoa havia praticado algum crime, a escravidão era uma forma de castigo e punição. Também a pessoa que já nascia numa família de escravos tinha na escravidão sua herança. A forma mais promovida pelos romanos era a escravidão por dívidas e guerras. Determinada cidade, ao perder uma guerra, via seus habitantes serem transformados em

prisioneiros e escravos, ou a pessoa vendia seus filhos como forma de pagar dívidas. Imaginemos o quanto essa realidade estava presente na região da Galácia, com as inúmeras conquistas e ações do Império Romano.

Havia escravos destinados aos serviços na agricultura, nas minas e nas pedreiras. Na expansão econômica romana, foi fundamental a utilização de escravos nas construções de estradas. Também havia contingente de escravos nos serviços administrativos e nos trabalhos domésticos. A vida das igrejas da Galácia era marcada pelo grande número de escravos na região, e estes figuravam entre os pobres que deviam ser lembrados no projeto da comunhão e partilha comunitária (Gl 2,10 e a coleta dos pobres). As admoestações da carta aos Gálatas apresentam, em linhas gerais, uma reflexão sobre as divisões produzidas nas igrejas pelo outro Evangelho, baseado nas leis judaicas. É, porém, intrigante e questionador que Paulo utilize expressões como escravidão e liberdade e ressoem como alegorias as imagens de Sara e Agar. Cumprir presente que a afirmação em Gl 5,1 (“É para a liberdade que Cristo nos libertou. Fiquem firmes, portanto, e não se deixem prender de novo ao jugo da escravidão”), que abre o conjunto dos capítulos 5-6, é, no mínimo, provocativa. Evoca, por trás das palavras, a dura realidade da região marcada pela escravidão. O projeto de liberdade é importante para a militância e para a luta por transformação social nas comunidades. A comunidade não pode caminhar, celebrar, viver o Evangelho e a comunhão entre irmãos e irmãs sem enfrentar as desigualdades sociais, o empobrecimento e a escravidão.

UMA PALAVRA FINAL

A leitura pastoral da carta aos Gálatas nos desafia a enfrentar os problemas e conflitos em nossas comunidades nos mais variados aspectos e lançar as apostas no compromisso da comunidade com a defesa da vida fragilizada

pelos modelos e esquemas deste mundo, que escravizam e destroem tudo e todos. Quase no final da carta, a certeza que Paulo queria que as igrejas da Galácia transmitissem: “Nem a circuncisão nem a incircuncisão valem nada, e sim a nova criatura” (Gl 6,15). Essa certeza teremos de construir para nossos dias, na luta contra o sistema econômico, político, social e religioso que está matando a todos e destruindo tudo. O poder religioso, o capital, o poder político, os projetos e alianças dos governos nos parlamentos não valem nada, e sim a nova criatura. Seguindo essa regra, construiremos um mundo diferente. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Joel Antônio. Abertura de fronteiras: a universalidade do Evangelho (Gl 3,26-28). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, São Bernardo do Campo: Metodista, v. 76, n. 3, p. 105-123, 2017.
- IZIDORO, José Luiz. Introdução às cartas de Paulo aos Gálatas. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, São Bernardo do Campo: Metodista, v. 76, n. 3, p. 13-22, 2017.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005. v. 2.
- MACKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1993.
- MÍGUEZ, Nestor. Paulo, o compromisso da fé. Para uma “vida de Paulo”. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, p. 7-29, 1995.
- _____. Conflito e liberdade: Gálatas 2,11-14 e as lutas intraeclesiais. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, São Bernardo do Campo: Metodista, v. 76, n. 3, p. 149-161, 2017.
- O’CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- SAMPLEY, J. Paul (Org.). *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2008.

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Francisco Cornélio Freire Rodrigues*

23º DOMINGO DO TEMPO COMUM

5 de setembro

O Deus que liberta e faz opção pelos pobres

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste primeiro domingo do Mês da Bíblia, a liturgia evidencia o cuidado de Deus com a vida e a força libertadora da sua Palavra, cuja expressão máxima é Jesus de Nazaré e sua práxis. Isso mostra que Deus tem um projeto de libertação e vida plena para a humanidade e, também, que cada pessoa é chamada a participar desse projeto, abrindo-se à escuta da Palavra e fazendo das opções de Deus as suas, especialmente no compromisso com os pobres e marginalizados, como fez Jesus.

Todas as leituras deste domingo recordam esse projeto libertador de Deus. Na primeira, o profeta injeta coragem e esperança no povo exilado na Babilônia, anunciando o fim do cativeiro e o retorno à terra, com imagens que descrevem a restauração da vida, tanto do ser humano quanto da natureza. O Evangelho mostra o cumprimento do anúncio profético por Jesus – com a cura de um homem surdo que falava com dificuldade –, atestando a qualidade da sua messianidade. A segunda

leitura recorda que não há contradição entre a imparcialidade de Deus e a opção preferencial pelos pobres, e esse deve ser o parâmetro do agir cristão. O salmo é uma síntese poética de cada leitura.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 35,4-7a)

A primeira parte do grande livro de Isaías, chamada convencionalmente pelos estudiosos de “Primeiro Isaías” (Is 1-39), é obra do Isaías clássico, um profeta que exerceu seu ministério em Jerusalém, antes do exílio, provavelmente entre os anos 740 e 700 a.C. Contudo, essa obra possui duas seções de estilo apocalíptico (Is 24-27; 34-35), chamadas respectivamente de grande e pequeno apocalipse, que remontam ao final do exílio, pertencendo originalmente à segunda parte do livro, denominada de “Segundo Isaías” (Is 40-55). Tirada do pequeno apocalipse, a primeira leitura é um hino de restauração que anuncia a intervenção de Deus em favor do seu povo exilado na Babilônia.

O anúncio profético contempla, inicialmente, um convite à coragem e à esperança (v. 4). Isso porque, embora esteja próxima, a libertação não é imediata. Por isso, é importante que o povo mantenha viva a fé e o espírito de resistência. A opressão torna as pessoas deprimidas, mas é certo que Deus

*Francisco Cornélio Freire Rodrigues é presbítero da diocese de Mossoró-RN. Possui mestrado em Teologia Bíblica pela Pontificia Università San Tommaso D'Aquino – Angelicum (Roma). É licenciado em Filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia (Insaf), no Recife, e bacharel em Teologia pelo Ateneo Pontificio Regina Apostolorum (Roma). É professor de Antigo e Novo Testamentos na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (Mossoró-RN). E-mail: francornelio@gmail.com

vem em seu socorro, para salvar. A salvação, aqui, consiste no fim do exílio. A vingança anunciada nada tem que ver com violência ou ira: significa a reivindicação do direito dos pobres e oprimidos. E é Deus quem faz isso, restabelecendo a justiça, que, neste caso, é a libertação do seu povo. Obviamente, isso passa pelo desmonte dos instrumentos de opressão – no caso, o Império Babilônico.

Na sequência, são descritos os efeitos da intervenção libertadora de Deus com imagens que representam a restauração total da vida, começando pelo ser humano. A cura de doenças e a superação de deficiências são sinais de vida nova (v. 5–6a), interpretados mais tarde como a chegada dos tempos messiânicos. A intervenção de Deus comporta também a renovação da natureza, com a transformação do deserto em jardim (v. 6b–7a). A mensagem de esperança do profeta encontra seu cumprimento na vida e obra de Jesus de Nazaré, como mostra o Evangelho. Isso confirma que ele é o verdadeiro Messias e realizador do projeto libertador de Deus, seu Pai.

2. II leitura (Tg 2,1-5)

Continua a leitura da carta de Tiago, que foi iniciada no domingo passado e continuará nos próximos três domingos. Trata-se de um escrito do final do primeiro século, dirigido a comunidades cristãs de fora da Palestina, chamadas simbolicamente de “as doze tribos da diáspora” (Tg 1,1). A autodenominação do autor como Tiago é pseudônima. As características da carta não apontam para nenhum dos quatro personagens neotestamentários com esse nome, a saber: o filho de Zebedeu (Mc 1,19), o filho de Alfeu (Mc 3,18), o irmão do Senhor (Gl 1,19) e o pai de Judas Tadeu (Lc 6,16). O local da redação também é desconhecido, sendo mais prováveis as cidades de Alexandria ou Antioquia.

O trecho lido nesta liturgia – como, aliás, toda a carta – chama a atenção para a relação entre fé e vida, recordando a imparcialidade de

Deus e a opção preferencial pelos pobres. De praxe, as sociedades costumam privilegiar as pessoas ricas, favorecendo-as das mais diversas maneiras. O autor recorda que essa prática é inaceitável na comunidade cristã, uma vez que a fé em Jesus Cristo não admite acepção de pessoas (v. 1). Aqui, fazer acepção de pessoas significa privilegiar os ricos, favorecê-los por causa das aparências e da condição social, como o autor ilustra com um exemplo bem concreto (2–4). Fazer isso é ignorar a opção preferencial que Deus já fez pelos pobres (v. 5). Embora pareça contraditório, é assim que funciona a imparcialidade de Deus: ele ama a todos indistintamente, mas seus cuidados se voltam especialmente para os pobres e marginalizados, muitas vezes vítimas das injustiças e da ganância dos ricos. E assim deve ser o agir cristão, como foi o agir de Jesus de Nazaré.

3. Evangelho (Mc 7,31-37)

Ao ensinar que nenhum elemento externo pode tornar o ser humano impuro, mas somente o que é gerado no coração (Mc 7,1–23), Jesus declarou o fim das barreiras que impediam o encontro e a convivência fraterna com as pessoas de etnias, religiões e culturas diferentes. Por isso, fez uma campanha missionária em terras pagãs (Mc 7,24–8,10), cumprindo, também ali, sinais semelhantes aos já cumpridos na Galileia, com destaque para a cura de um surdo-mudo, episódio correspondente ao Evangelho deste domingo. Exclusivo de Marcos, o episódio é paradigmático: revela o cuidado e o zelo de Jesus para com o ser humano, obra-prima da criação, com seu amor inclusivo.

O primeiro elemento relevante do texto é o indicativo geográfico: a passagem de Jesus por Tiro e Sidônia e pela Decápole, terras pagãs, não sujeitas à Lei judaica (v. 31). A Decápole era uma espécie de confederação de dez cidades de cultura grega localizadas a leste do mar da Galileia. A atuação de Jesus nessa região indica o universalismo da sua

mensagem. Na sequência, vem apresentado o destinatário imediato dessa mensagem: um homem surdo, que falava com dificuldade (v. 32). A surdez era sinônimo de maldição, conforme a mentalidade da época, pois impedia a pessoa de ouvir a proclamação e a explicação da Palavra de Deus. Ora, sem ouvir a Palavra, o ser humano estava perdido, sem rumo.

A acolhida de Jesus revela verdadeira pedagogia do cuidado: ele olha para cada um em particular e age de acordo com as reais necessidades (v. 33). Os gestos descritos pelo evangelista são muito significativos: Jesus toca nos ouvidos, cospe e, com a saliva, toca a língua do homem. Ao tocar, deixa sua marca no outro, transmite sua essência. Tocando nos ouvidos, doou o dom da escuta do Evangelho; tocando a língua, capacitou o homem também para o anúncio. Para a mentalidade semita, a saliva continha o espírito da pessoa; fazendo isso, Jesus transmitiu seu espírito vivificador àquele homem, restituindo-lhe a dignidade e tornando-o apto para anunciar seu Evangelho.

Toda a obra restauradora de Jesus é realizada em profunda comunhão com o Pai; é esse o significado do gesto de olhar para o céu (v. 34a). Em seguida, ele dá o comando: “Abre-te!” – *efatá*, em aramaico (v. 34b). Essa ordem é dirigida à pessoa em sua inteireza, e não apenas aos sentidos com deficiência. Significa um abrir completo, como deve ser toda pessoa diante do Evangelho. É fruto da força libertadora da palavra de Jesus, como mostra a sequência do texto (v. 35). O encontro pessoal com ele transforma; quem se deixa tocar por ele e se abre à escuta da sua palavra, muda radicalmente. É preciso ter ouvidos abertos e atentos para ouvir e a língua livre para anunciar. Apesar de nunca ser atendido, Jesus costumava pedir segredo quando cumpria um gesto prodigioso (v. 36), principalmente em Marcos, que tem o segredo messiânico como um dos temas mais relevantes.

A conclusão do texto atesta a qualidade da obra de Jesus, associando-a diretamente à criação (v. 37). Com efeito, fazer bem todas as coisas é a característica do Deus criador, que, ao final de cada obra criada, contemplava que aquilo era muito bom (Gn 1). Fazer bem as coisas é, portanto, agir como Deus. Fazer os surdos ouvir e os mudos falar é a realização das expectativas messiânicas, conforme a mensagem da primeira leitura. Assim, Jesus renova a criação do seu Pai, comunicando vida em abundância à humanidade e tendo as pessoas mais necessitadas e excluídas como primeiras destinatárias.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Mostrar a relação entre as três leituras, destacando o cuidado de Deus com a criação inteira e a plenitude desse cuidado na obra de Jesus. Recordar que o amor universal de Deus não contradiz a opção preferencial pelas pessoas mais necessitadas. Enfatizar a importância e a atualidade do imperativo “abre-te” e, como um convite à vivência do Mês da Bíblia, ressaltar que é preciso abrir-se à leitura e ao estudo da Palavra de Deus e deixar-se transformar por ela.

24º DOMINGO DO TEMPO COMUM

12 de setembro

Confessar o Messias com palavras e atitudes

I. INTRODUÇÃO GERAL

O centro da liturgia deste domingo é o reconhecimento da identidade de Jesus como Messias e as implicações concretas do seu seguimento. Isso é evidenciado, sobretudo, pelo Evangelho, que corresponde ao exato centro temático e literário da obra de Marcos, constituído pela confissão de Pedro e pelo primeiro anúncio da paixão por Jesus, com as exigências básicas para seu discípulo. A primeira leitura serve de preparação: a situação do servo do Senhor, descrita pelo profeta, é prefiguração de Jesus e da natureza

da sua messianidade. Apesar de perseguido e humilhado, o servo mantém inabaláveis a fé e a confiança no Senhor Deus, levando sua missão ao pleno cumprimento. A segunda leitura recorda que não é suficiente confessar a fé com palavras; é necessário traduzi-la em obras, para torná-la credível. E o compromisso com as pessoas mais necessitadas é o modo mais eficaz de fazer isso. A certeza de que “o Senhor defende os humildes” atesta a relação entre as leituras e o salmo responsorial.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 50,5-9a)

A segunda parte do livro de Isaías (Is 40-55) é atribuída a um profeta-poeta anônimo que exerceu seu ministério profético na fase final do exílio na Babilônia. Entre os estudiosos, convencionou-se denominar a obra de “livro da consolação” e o autor de “Segundo Isaías”. Essa obra possui quatro seções, chamadas de “cânticos do servo do Senhor” (Is 42,1-9; 49,1-7; 50,4-11; 52,13-53,12). A primeira leitura desta liturgia faz parte do terceiro cântico e apresenta o servo como um personagem perseguido e humilhado, mas profundamente confiante no Senhor.

O servo se apresenta totalmente disponível para cumprir em sua vida os propósitos de Deus. Ao dizer que o Senhor lhe abriu os ouvidos, expressa sua consciência de vocacionado; quer dizer que o Senhor o chamou pessoalmente e o chamado foi irresistível (v. 5). Essa convicção é essencial, tendo em vista as consequências da missão: a perseguição e a humilhação, incluindo a violência física (v. 6). Ele encara o sofrimento como consequência da missão, por isso se mantém firme, sem deixar-se abater nem desanimar, pois confia no auxílio do Senhor (v. 7). Convicto de ter Deus ao seu lado, o servo até desafia seus adversários (v. 8). Desse modo, afirma sua confiança inabalável no Senhor e ainda denuncia seus opressores, mostrando que não se combate violência

com violência nem se responde ao mal com o mal (v. 9). Logo, a passividade do servo não é sinal de impotência nem de resignação; pelo contrário, significa resistência, denúncia e, acima de tudo, confiança no Senhor Deus, que está sempre do lado dos humilhados.

Sendo o servo um personagem anônimo, sua identidade é misteriosa. Alguns estudiosos afirmam tratar-se do profeta mesmo, tendo em vista que a perseguição faz parte da missão. A maioria, no entanto, vê-o como uma figura coletiva: representa o povo de Israel exilado, especificamente o resto que permaneceu fiel à Aliança, em meio à exploração e ao sofrimento. E essa é a explicação mais plausível. Os primeiros cristãos o identificaram como prefiguração de Jesus, o Messias crucificado por amor e fidelidade aos propósitos do Pai.

2. II leitura (Tg 2,14-18)

A segunda leitura continua a ser tirada da carta de Tiago, cuja contextualização foi feita no domingo passado, embora brevemente. Por isso, ainda faremos aqui algumas considerações contextuais, precisamente sobre o estilo do escrito. Do gênero epistolar, essa carta contém apenas a saudação inicial (Tg 1,1); o restante aproxima-se mais dos estilos sapiencial e profético. Trata-se de um conjunto de reflexões e conselhos práticos sobre aspectos essenciais da vida cristã que pareciam ameaçados nas comunidades destinatárias – por exemplo, sobre a importância de obras concretas que deem respaldo à fé. Por sinal, esse é o tema do trecho lido nesta liturgia, considerado o coração de toda a carta.

O autor introduz o tema com uma pergunta retórica que põe em xeque o sentido de uma fé meramente teórica, considerando-a incapaz de levar à salvação (v. 14). No desenvolvimento, ilustra seu argumento com dois exemplos bem reais: a quem não tem o que vestir nem o que comer, não basta dirigir-lhe palavras; é necessário agir concretamente em

seu favor, oferecendo vestimenta e comida (v. 15-16). Isso vale também para as demais situações de necessidade. Daí se conclui que a fé sem obras é morta (v. 17). Nessa perspectiva, não há oposição entre fé e obras. Pelo contrário, há uma relação intrínseca entre as duas; ambas são inseparáveis (v. 18-19).

Com base nesse texto, alguns estudiosos chegaram a afirmar uma oposição entre o pensamento de Tiago e a doutrina paulina da justificação pela fé. No entanto, isso é um equívoco, pois as obras que Paulo contrapõe à fé correspondem à observação da Lei, ao passo que as obras que Tiago reivindica são consequência da fé e do seguimento de Jesus Cristo. Por isso, pode-se dizer que há complementaridade entre os dois, ao invés de oposição.

3. Evangelho (Mc 8,27-35)

Todo o Evangelho de Marcos gira em torno da implícita pergunta: “Quem é Jesus?”, à qual o evangelista responde com dois títulos que marcam a divisão da obra em duas partes: Jesus é o Messias – ou seja, o Cristo – e Filho de Deus (Mc 1,1). A primeira parte (1-8) tem seu ponto alto na solene confissão de Pedro: “Tu és o Messias” (8,29), enquanto a segunda (9-16) culmina na confissão do centurião aos pés da cruz: “Esse homem era Filho de Deus” (Mc 15,39). O texto deste domingo é a conclusão da primeira parte e o centro temático e literário da obra; compreende a confissão de Pedro, o primeiro anúncio da paixão e as exigências básicas para o discípulo. É um episódio presente nos três sinóticos (Mt 16,13-19; Lc 9,18-21), sendo a versão de Marcos a mais rica e original.

A cena transcorre no caminho de Cesareia de Filipe (v. 27), no extremo norte da Galileia. Cesareia era uma cidade imperial, onde se prestava culto ao imperador romano; sua população era predominantemente pagã. A confissão da messianidade de Jesus ali se torna, então, uma denúncia ao império, com todo o seu aparato de dominação. A pergunta

de Jesus sobre o que dizem dele não significa preocupação com sua imagem pessoal, mas com a eficácia do anúncio. Ele já tinha realizado muitos sinais e ensinado bastante, mas pouca gente o conhecia verdadeiramente. Muitos o acompanhavam por curiosidade, uns pela euforia, outros para tirar proveito dos sinais realizados, e poucos por convicção.

Conforme a resposta dos discípulos, o povo não tinha clareza sobre a identidade de Jesus, mas nutria grande estima pela sua pessoa, ao reconhecê-lo como profeta (v. 28). Isso, porém, não é suficiente, porque Jesus é muito maior. A pergunta sobre o que as outras pessoas diziam foi apenas um pretexto; o que ele queria mesmo saber era a opinião dos discípulos (v. 29a). E Pedro confessou: “Tu és o Messias” (v. 29b). Aqui, Pedro fala em nome do grupo. Essa é a resposta da comunidade e, apesar de solene e formalmente correta, não é satisfatória, por isso Jesus impõe o silêncio. De fato, o messias esperado pelo povo, incluindo os discípulos, era um guerreiro, restaurador do Reino de Israel, enquanto Jesus veio para instaurar o Reino de Deus, com uma mensagem de libertação para toda a humanidade.

Diante do equívoco dos discípulos, Jesus inaugura nova etapa na sua catequese, com o primeiro dos três anúncios da paixão (v. 31). Com isso, revela sua identidade de Messias “às avessas”: vai sofrer muito, será rejeitado e humilhado até a morte. Pedro não aceita um Messias assim; por isso, repreende Jesus (v. 32). Essa atitude é absurda, pois é Jesus quem tem autoridade para repreendê-lo, como o faz (v. 33). O Mestre, contudo, não o manda para longe, como diz a tradução litúrgica, mas para trás, ou seja, para a posição de discípulo. Ao chamá-lo de satanás, Jesus diz que Pedro estava agindo como seu adversário, criando obstáculos para a realização do seu projeto de libertação.

Pedro queria evitar a cruz, enquanto Jesus afirma que a cruz é condição para seu seguimento (v. 34). Obviamente, não se trata

de uma busca voluntária por sofrimento; significa a capacidade de viver por amor, a ponto de dar a vida. Por conseguinte, Jesus reforça: para segui-lo, é preciso coragem de dar a vida por sua causa e pelo Evangelho (v. 35); isso comporta o compromisso com o próximo, especialmente com as pessoas mais necessitadas. Logo, o discipulado é incompatível com o egoísmo e com qualquer pretensão de sucesso e prestígio pessoal.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Apresentar a relação entre as três leituras, enfatizando as exigências concretas que a fé e o seguimento de Jesus comportam. A pergunta de Jesus sobre sua identidade é dirigida aos cristãos de todos os tempos: é importante que haja coerência entre a resposta dada com palavras e as ações concretas do dia a dia. Recordar o compromisso com as pessoas necessitadas como componente essencial da fé cristã.

25º DOMINGO DO TEMPO COMUM
19 de setembro

O primado do serviço no seguimento de Jesus

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia da Palavra deste domingo é marcada pela contraposição entre duas maneiras de conceber e conduzir a existência humana. A primeira leitura, tirada do livro da Sabedoria, expõe a oposição entre a maneira de viver e pensar dos ímpios e a dos justos, funcionando como preparação ao Evangelho, uma vez que a perseguição ao justo é vista como prefiguração da paixão de Jesus, o Justo por excelência. A segunda leitura chama a atenção para o contraste entre a sabedoria terrena e a sabedoria do alto, evidenciando as consequências práticas de cada uma no dia a dia da comunidade cristã. No Evangelho, Jesus faz o segundo

anúncio da paixão e, em seguida, propõe o serviço e a humildade como condições para seu discipulado, contrapondo-se à mentalidade ambiciosa e triunfalista dos discípulos. O salmo confirma a unidade entre as três leituras e reforça a certeza de que o Senhor permanece do lado dos justos e humildes, mostrando que vale a pena confiar nele e viver segundo sua justiça.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 2,12.17-20)

O livro da Sabedoria, do qual é tirada a primeira leitura, é obra de um sábio judeu, exímio conhecedor da cultura grega e das tradições judaicas, que viveu na cidade de Alexandria do Egito. Foi o último livro do Antigo Testamento a ser escrito, já no final do século I a.C., quando a cultura grega exercia grande influência sobre as novas gerações de judeus. Com isso, os valores e tradições de Israel, como a fé monoteísta, estavam ameaçados, havendo até perseguição contra quem permanecia fiel. O livro foi escrito, portanto, para reforçar a fé e encorajar os judeus que se sentiam perseguidos por causa da fidelidade a Deus. Para garantir prestígio e autoridade à obra, a autoria foi atribuída a Salomão, expoente máximo da sabedoria de Israel, mediante o fenômeno literário da pseudonímia.

O texto lido nesta liturgia pertence à primeira parte do livro (Sb 1-5), precisamente à seção conhecida como discurso dos ímpios ou injustos (Sb 2,1-20). Nesse discurso, o autor reproduz a mentalidade dos que se opõem à maneira de viver dos justos. Os ímpios ou injustos são os pagãos adeptos de escolas filosóficas materialistas, os governantes corrompidos que, sentindo-se superiores, menosprezavam a fé monoteísta e os judeus que, atraídos pela cultura grega, tinham abandonado a fé. Os justos, por sua vez, são os judeus fiéis que vivem de modo coerente com a fé em Deus, observando os mandamentos.

A maneira de viver da pessoa justa revela a incoerência de vida dos injustos, tornando-se verdadeira denúncia (v. 12). Isso porque a genuína fé no Deus de Israel é, acima de tudo, testemunhal, e não mera abstração teórica. Logo, os justos incomodam porque vivem em conformidade com a vontade de Deus, como filhos, não compactuando com nenhum tipo de injustiça, ganância, corrupção e violência. As características da pessoa justa – confiança em Deus, mansidão, paciência e humildade – são insuportáveis para os injustos. Como consequência, vem a perseguição com humilhações, ofensas e tortura até a morte (v. 17-20).

A figura do justo perseguido prefigura a paixão de Jesus e serve de advertência aos cristãos e cristãs de todos os tempos: o jeito de viver dos filhos e filhas de Deus é sinônimo de contestação a todos os sistemas injustos que excluem e matam. E isso gera perseguição, em vez de prestígio e poder.

2. II leitura (Tg 3,16-4,3)

A segunda leitura ainda é tirada da carta de Tiago. Embora agrupado entre as cartas católicas, esse livro quase não possui características epistolares, aproximando-se mais do estilo dos escritos sapienciais e proféticos. O trecho lido neste domingo é tipicamente sapiencial; nele o autor contrapõe os frutos da sabedoria terrena àqueles da sabedoria do alto. A expressão “sabedoria terrena” não aparece no texto, mas no versículo que o antecede (3,15); já “sabedoria do alto” aparece explicitamente (3,17), o que deixa clara a oposição entre as duas. Para cada uma delas compreende-se um projeto de vida, quer dizer, uma forma de conduzir a existência.

O primeiro sinal da ausência da sabedoria do alto é a presença de inveja e rivalidade, das quais decorrem tantas outras desordens e males (3,16), como guerras, brigas e divisões (4,1). Esses são os frutos da sabedoria terrena. São coisas inadmissíveis na comunidade

cristã; se encontradas, precisam ser eliminadas. Já a sabedoria do alto se caracteriza por sete qualidades ou virtudes (3,17), o que evoca perfeição e equilíbrio; quem vive dessa maneira é uma pessoa realizada e coerente com a vontade de Deus, tornando-se promotora da justiça e da paz (3,18).

A insistência sobre os frutos da sabedoria terrena denuncia o quanto ela estava enraizada nas comunidades destinatárias, comprometendo a relação com Deus e, por consequência, tornando ineficaz a oração (4,1-3). A verdadeira oração é comunhão com Deus e conformação à sua vontade. Quem não vive essa comunhão, obviamente, não sabe pedir, pois não conhece sua vontade.

3. Evangelho (Mc 9,30-37)

Conforme a divisão clássica da obra de Marcos (1ª parte: cap. 1-8; 2ª parte: cap. 9-16), o Evangelho desta liturgia já pertence à segunda parte, marcada pelo aprofundamento da catequese de Jesus sobre sua identidade de Filho de Deus e as exigências que seu seguimento comporta. É um texto também dividido em duas partes, delimitadas pela dimensão espacial: a primeira (v. 30-32) transcorre no caminho, enquanto o cenário da segunda é a casa (v. 33-37). Na perspectiva de Marcos, caminho e casa são os lugares privilegiados da experiência cristã. O caminho significa instabilidade, dinamismo, denotando a natureza missionária da Igreja e a necessidade de estar sempre em saída. A casa significa a necessidade das relações fraternas e sinceras que devem marcar a vida da comunidade; é o lugar da acolhida, da compreensão e da vivência do amor.

A incompreensão de Pedro após o primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-35) foi um alerta para Jesus: os discípulos ainda não tinham compreendido quase nada da sua identidade e do seu projeto, o Reino de Deus. Logo, era necessário estar sozinho com eles, isolados das multidões, para reforçar o

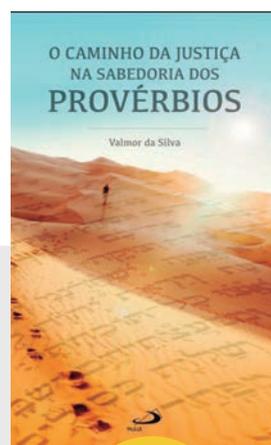
ensinamento (v. 30). É nesse contexto que Jesus faz o segundo dos três anúncios da paixão (v. 31). Os discípulos não aceitavam um Messias sofredor, porque esperavam um que fosse poderoso e guerreiro. A repetição de um ensinamento é sinal da sua importância e, ao mesmo tempo, da dificuldade de compreensão dos destinatários, como se verificava nos discípulos (v. 32). Eles não compreendiam nem tinham coragem de perguntar, preferindo, covardemente, conversar entre si sobre as próprias aspirações. Jesus, todavia, conhecia-os bem e sabia o que pensavam. Por isso, ao chegar a casa, perguntou-lhes – apenas por protocolo e como forma de denúncia irônica – o que tinham discutido (v. 33). A discussão sobre quem é o maior revela ambição e sede de poder, alimenta rivalidades, coisas incompatíveis com a lógica igualitária do Reino de Deus. O próprio silêncio deles diante de Jesus denuncia a incoerência (v. 34).

Para contornar a situação, Jesus senta e chama os doze para perto de si (v. 35a), gestos que recordam sua condição de Mestre, o único que poderia reivindicar grandeza naquele grupo. Com isso, convida os discípulos a renovar a vocação originária, corrompida pelas pretensões de poder e ambição que estavam alimentando. Assim, ele mostra um caminho oposto, ensinando que só há um modo de ser o primeiro na comunidade: fazendo-se o último, sendo o servidor de todos (v. 35b). Jesus deixa claro, portanto, que o serviço é o primeiro sinal distintivo do seu discipulado. Trata-se de um serviço motivado pelo amor, desinteressado e universal.

Com o gesto de pegar a criança, abraçá-la e colocá-la no meio (v. 36–37), Jesus recorda que as pessoas mais vulneráveis e necessitadas devem ser as primeiras destinatárias da atenção e dos cuidados dos seus discípulos servidores. Na época, a criança era sinônimo de incapacidade e inutilidade, tanto na cultura semita quanto na greco-romana. Jesus,

O caminho da justiça na sabedoria dos *Provérbios*

Valmor da Silva



152 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

A obra analisa ditados atuais em comparação com os provérbios bíblicos, mostrando que ambos ilustram as realidades ambíguas e paradoxais da vida e refletem a sabedoria popular. Além disso, aborda o imaginário bíblico proverbial sobre justiça, expondo suas principais figuras e metáforas. Discute ainda o conceito de justiça nos Provérbios.

Por fim, comenta o desafio fundamental apontado pelo livro bíblico para a proposta da justiça: a realidade da pobreza.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

no entanto, vê com outros olhos: a criança é sinal de pequenez, imagem de todas as pessoas necessitadas, mas também simboliza a capacidade de aprendizagem, tão necessária para o discipulado. Com esse exemplo concreto, ele aponta para os discípulos de todos os tempos quem tem prioridade no Reino de Deus: todas as pessoas vulneráveis e marginalizadas, representadas pela criança. Acolher essas pessoas é acolher a ele mesmo e ao Pai, que o enviou.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Relacionar as três leituras, mostrando a coerência temática entre elas. Recordar a incoerência entre o seguimento de Jesus e as rivalidades muitas vezes alimentadas na própria comunidade, comprometendo o anúncio e a eficácia dos serviços pastorais. Questionar a maneira de acolher as crianças e as demais pessoas vulneráveis na comunidade. Continuar a motivar a vivência do Mês da Bíblia.

26º DOMINGO DO TEMPO COMUM

26 de setembro

Seguir Jesus de forma radical e sem exclusivismo

I. INTRODUÇÃO GERAL

Celebramos neste domingo o Dia da Bíblia, a Palavra de Deus expressa em palavras humanas que, antes de tornar-se livro, foi experimentada e vivida por inúmeros indivíduos e comunidades, ao longo de vários séculos. Por meio dela, conhecemos o projeto de amor de Deus para a humanidade e os traços essenciais da sua identidade, e aprendemos a viver como seu povo. Com efeito, os textos desta liturgia mostram isso muito bem. A primeira leitura e o Evangelho recordam a liberdade do agir de Deus: ele concede seus dons como quer e a quem lhe apraz. É um Deus que não permite ser monopolizado por ninguém. Logo, nenhum

grupo ou instituição pode determinar seu agir. Isso indica que a fé no Deus bíblico é incompatível com qualquer tipo de exclusivismo. A denúncia aos ricos gananciosos e exploradores, na segunda leitura, também recorda outra característica de Deus: a opção preferencial pelos pobres e a intolerância com a injustiça. É nessa perspectiva que deve orientar-se o discipulado de Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Nm 11,25-29)

A primeira leitura é tirada do livro dos Números, obra composta de textos narrativos e legislativos, provenientes de tradições e épocas diversas. O fio condutor do livro é a estadia de Israel no deserto, desde o Sinai até a chegada às planícies de Moab, a última etapa antes da entrada na terra. Apesar da dificuldade de estabelecer uma estrutura da obra, devido à complexidade literária e teológica, atualmente é consensual sua divisão em três partes (1,1-10,10; 10,11-20,13; 20,14-36,13). O trecho lido neste dia pertence à segunda parte. Para compreendê-lo, é necessário recordar o contexto, como faremos a seguir.

O povo tinha murmurado contra Deus por causa do maná, com saudade da comida boa e farta do Egito (Nm 11,4-9). Moisés ouviu tudo e lamentou-se diante do Deus, alegando já não ter forças para continuar a liderar um povo tão ingrato e difícil de lidar (Nm 11,10-15). Em resposta, Deus ordenou-lhe que escolhesse 70 anciãos e os reunisse na tenda do encontro, prometendo habilitá-los com seu Espírito para ajudar Moisés na condução do povo (Nm 11,16-17). O texto lido neste domingo é a continuação desses eventos.

Moisés fez tudo como lhe fora ordenado (Nm 11,18-24), e o Senhor desceu sobre a assembleia reunida, conforme prometera, e repartiu o Espírito (v. 25). Para participar da liderança do povo, ou seja, para profetizar,

é necessário ser portador do Espírito de Deus. Até então, o Espírito estava concentrado todo em Moisés; a retirada de uma porção dele significava a descentralização das responsabilidades e da liderança. Surpreendentemente, dois homens que estavam na lista não compareceram à reunião, mas também receberam o Espírito e começaram a profetizar no acampamento; aliás, com maior perseverança do que os outros que tinham participado da reunião (v. 26). Aqui se encontra a mensagem central da leitura: o Espírito de Deus é livre no seu agir, sua atuação transcende os espaços e as prescrições determinadas por qualquer grupo ou instituição.

A reação negativa de Josué, ajudante de Moisés, adverte sobre o perigo de querer monopolizar o agir de Deus (v. 27-28). Por seu turno, a correção de Moisés revela a qualidade da sua autoridade, digna de quem, de fato, se deixa conduzir pelo Espírito de Deus (v. 29): melhor seria se todo o povo tivesse o dom da profecia.

2. II leitura (Tg 5,1-6)

Neste domingo, concluímos a sequência de leituras da carta de Tiago, que nos acompanhou por cinco domingos. Como afirmamos em ocasiões anteriores, apesar de classificado como carta, esse escrito não possui características epistolares, à exceção da saudação inicial (1,1), aproximando-se mais do estilo sapiencial e profético. Enquanto o trecho lido no domingo passado era sapiencial, o desta liturgia é tipicamente profético. Trata-se precisamente de um lamento profético contra os ricos, um texto que se aproxima da pregação de Amós e do próprio Jesus.

Na primeira parte do texto, o autor denuncia duramente os ricos pelo acúmulo de riquezas e pela confiança nelas depositadas (v. 1-3). O tom ameaçador da denúncia reflete a gravidade da situação e a mentalidade disseminada entre os pregadores do século I d.C., que acreditavam no retorno imediato do

Senhor para o julgamento. A ameaça funciona como apelo à conversão, o que, neste caso, seria a partilha dos bens. A segunda parte traz a acusação: as riquezas acumuladas são fruto de injustiça, provêm da exploração dos pobres (v. 4-6). Por seu turno, Deus é intolerante com todo tipo de injustiça, ainda mais quando é a negação de um direito dos pobres, que trabalharam, mas não receberam o salário para a sobrevivência (v. 4). Quem comete esse tipo de injustiça não ficará impune (v. 5), pois é uma forma de assassinato (v. 6).

Deus, que é livre para conceder seus dons à sua maneira, preocupa-se também com a distribuição dos bens materiais. Por isso, condena a ganância e o acúmulo, sobretudo quando é fruto de exploração. E quase sempre é.

3. Evangelho (Mc 9,38-43.45.47-48)

O Evangelho desta liturgia, continuação imediata daquele do domingo passado, apresenta mais uma atitude incoerente dos discípulos, a correção de Jesus e o ensinamento. A incoerência denunciada desta vez é a mentalidade fechada e exclusivista: a tentação deles de monopolizar os dons do Espírito e o Evangelho, proibindo um homem de agir em nome de Jesus somente por não os seguir, como revela a fala de João (v. 38). Ora, a atividade de expulsar demônios significa a promoção da liberdade e da dignidade das pessoas. É o rompimento com as estruturas de morte e opressão vigentes em qualquer sistema. Quem faz isso está em sintonia e comunhão com Jesus, mesmo que não pertença a determinado grupo ou comunidade eclesial. Por isso, a reação do Mestre é de total reprovação à mesquinhez dos discípulos (v. 39-40). Ninguém deve ser impedido de fazer o bem nem de identificar-se com Jesus apenas por não pertencer a um grupo. Dos discípulos exige-se abertura, tolerância e consciência de que a mensagem do Evangelho não é propriedade de ninguém. Jesus fecha a questão com um simples e profundo

provérbio (v. 40). Ser contra é optar pelo mal e fechar-se aos valores do Reino; quem não faz isso já está, conseqüentemente, a favor e, portanto, apto a agir em nome de Jesus, independentemente de pertença a algum grupo ou instituição religiosa.

Jesus aprofunda a catequese com exemplos simples e concretos. Dar um copo de água é gesto que significa acolhida, criação de vínculos (v. 41). Quem faz isso é recompensado; a recompensa, porém, não é um prêmio, mas a comunhão com Jesus. Em seguida, ele apresenta exigências cada vez mais radicais para o discipulado, como o cuidado em não escandalizar os pequeninos que creem nele (v. 42a). Escandalizar significa criar obstáculo, fazer o outro tropeçar, tornando a vida mais difícil. Os pequeninos são todas as categorias de pessoas vulneráveis e historicamente excluídas. Jesus reprova e adverte severamente quem dificulta a vida dessas pessoas, prevendo um destino trágico (v. 42b): a morte por afogamento era a mais temida pelos judeus, pelo risco de não encontrar o corpo para o sepultamento. Daí a ênfase de Jesus em mostrar que o ser humano se autocondena quando se torna obstáculo na vida dos pequeninos.

Na seqüência, Jesus menciona alguns membros do corpo humano para ilustrar ainda mais a atitude radical que seu seguimento exige. Não é um convite para amputá-los, mas advertência para conduzir a vida sempre em favor do bem. As mãos, os pés e os olhos (v. 43-47) eram considerados os membros do corpo responsáveis pelo bom ou mau comportamento das pessoas, segundo a mentalidade semita. As mãos representam o agir humano, e os pés a conduta, podendo levar a pessoa por caminhos retos ou tortuosos. Os olhos, por sua vez, são a porta de entrada dos sentimentos e desejos; tudo o que é processado no coração, sentimentos bons e maus, passa antes pelo olho. Diante disso, se esses membros são usados para o mal, é preferível privar-se deles.

Com uma linguagem tão severa, Jesus ensina que a vida não tem sentido quando não é pautada pelo bem ao próximo. Afogamento e fogo são imagens de uma vida sem sentido, fora do Reino. Esse Reino não é um paraíso para o futuro, mas o projeto de Deus para ser vivido desde agora; é o mundo justo e fraterno, incompatível com todas as formas de dominação, exclusivismo, autoritarismo e ausência de amor e justiça.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Apresentar a relação entre as leituras, evidenciando a atualidade de cada uma. Recordar o significado do dia da Bíblia, reforçando a importância da Palavra de Deus na vida da comunidade e de cada pessoa. Chamar a atenção para os frutos que a Palavra de Deus deve gerar na comunidade: a tolerância e o respeito às diferenças, a acolhida a todos, com preferência pelos mais necessitados, os pequeninos. Mostrar a importância de reconhecer a liberdade de Deus e sua presença nas outras experiências de fé.

27º DOMINGO DO TEMPO COMUM

3 de outubro

Criados para fazer comunhão

I. INTRODUÇÃO GERAL

Este é o primeiro domingo do mês das missões, tempo rico de reflexão e conscientização sobre a condição de discípulo(a) e missionário(a) de Jesus Cristo que o sacramento do batismo confere a toda pessoa que o recebe. Providencialmente, a liturgia deste dia recorda a missão primordial do ser humano: criar laços, viver em comunhão. E uma das expressões mais privilegiadas dessa missão é a vida matrimonial, pois permite o máximo de comunhão entre dois humanos, a ponto de tornarem-se uma só carne. É essa a temática que une a primeira leitura e o Evangelho.

O texto do Gênesis mostra a incompletude do ser humano sozinho: mesmo envolto dos demais seres da criação, ele permanece na solidão, enquanto não encontra “carne da sua carne” para fazer comunhão. No Evangelho, Jesus, provocado pelos fariseus sobre a licitude do divórcio, remete-se ao projeto originário do Criador – homem e mulher unidos para sempre como uma só carne –, reconhecendo as concessões da Lei como consequência da dureza de coração do povo. O texto da carta aos Hebreus recorda o amor solidário e incondicional de Jesus pela humanidade: assumindo a condição humana em plenitude, experimentou o que é inerente a ela, como o sofrimento e a morte.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 2,18-24)

A primeira leitura faz parte do segundo relato da criação do livro do Gênesis (Gn 2,4b-3,24), um texto atribuído à tradição javista, cuja origem remonta, provavelmente, à época de Salomão (século X a.C.). Com efeito, os aspectos sapienciais do texto convergem para essa origem. Como é sabido, trata-se de um relato catequético e teológico, sem nenhuma pretensão histórica ou científica. O objetivo é ensinar que é Deus a fonte originária da vida e mostrar sua preocupação com a felicidade do ser humano e com toda a criação. Enquanto, no primeiro relato (Gn 1,1-2,4a), pertencente à tradição sacerdotal, o ser humano – criado homem e mulher – é a conclusão da criação, no relato javista ele é também o princípio. Primeiro, Deus criou o homem (Gn 3,7); em seguida, colocou-o num rico e fértil jardim, com grande diversidade de árvores e água para regá-las (Gn 3,8-17). Ao contemplar tudo isso, no entanto, Deus constata a incompletude da sua obra, devido à solidão do homem. É esse o ponto de partida do trecho lido neste domingo (v. 18a).

Para suprir a solidão do homem, Deus continua a criar; pensa numa criatura que seja correspondente, quer dizer, semelhante (v. 18b). Como possível solução, criou os animais e conferiu ao homem a capacidade de dar-lhes os nomes (v. 19). Dar o nome a um ser, na Bíblia, significa ter poder sobre ele. Desse modo, Deus torna o homem também sujeito da criação. O homem, porém, não encontrou entre os animais nenhum ser com quem pudesse fazer comunhão, continuando incompleto, solitário e, conseqüentemente, infeliz (v. 20). Ao dar-se conta de que os animais não são capazes de suprir a solidão do homem, Deus providencia a criatura semelhante (v. 21-22). A imagem da costela tirada do homem significa a igualdade da mulher, em essência e dignidade; logo, não pode ser usada para justificar inferioridade ou submissão. Significa também a capacidade e a necessidade de relação para encontrar a felicidade. Ao ver a mulher, o homem exclama, sentindo-se, finalmente, completo e realizado (v. 23).

A declaração final do texto (v. 24), além de fundamentar o modelo de matrimônio monogâmico e indissolúvel, confirma que a realização plena do ser humano passa pela relação com o outro. Independentemente do estado de vida, o ser humano – homem e mulher – precisa de comunhão.

2. II leitura (Hb 2,9-11)

Iniciamos uma seqüência de sete domingos em que a segunda leitura será tirada da carta aos Hebreus. Apesar de inserido entre as cartas do Novo Testamento, esse escrito não pertence ao gênero epistolar. Trata-se de uma homilia exortativa e expositiva, de rica teologia, dirigida a uma ou mais comunidades cristãs de origem judaica que passavam por dificuldades, como crise de identidade e perseguição. O anônimo autor foi um erudito judeu-cristão, profundo conhecedor das Escrituras e da liturgia judaica. A época mais

provável da redação é a década de 60 d.C., quando os serviços litúrgicos do templo de Jerusalém ainda funcionavam. A leitura deste dia pertence à primeira parte (1,5-4,13), que apresenta Jesus Cristo como a revelação definitiva de Deus e, por isso, superior aos anjos e Moisés, mediadores da Antiga Aliança.

O breve trecho chama a atenção para a solidariedade de Cristo à humanidade e sua fidelidade ao Pai. Jesus assumiu plenamente a condição humana, passando pelo sofrimento e morte; contudo, tendo ressuscitado, está glorificado (v. 9). Isso mostra que a condição humana não é empecilho para a realização plena do projeto de Deus; pelo contrário, é o meio privilegiado, pois foi no sofrimento que Jesus provou sua fidelidade ao Pai e o amor incondicional à humanidade (v. 10). Sua mediação é perfeita, porque ele, o Santificador, fez-se irmão dos santificados – a humanidade inteira (v. 11). Por isso, pode nos conduzir ao Pai, sem ignorar nossas limitações.

3. Evangelho (Mc 10,2-16)

O Evangelho deste domingo está inserido no contexto do caminho de Jesus com seus discípulos para Jerusalém, cujo desfecho será a paixão, morte e ressurreição. Enquanto caminham, Jesus ensina e é constantemente confrontado, tanto pelos seus discípulos quanto por opositores declarados, como os fariseus, interlocutores do confronto a que assistimos nesta liturgia e tradicionais adversários, desde o início do ministério na Galileia (Mc 2,16; 3,6; 7,1). Com eles, o confronto é sempre no campo doutrinário, sobretudo na maneira de compreender e interpretar a Lei.

Desta vez, o confronto diz respeito à legitimidade do divórcio: os fariseus perguntam se é permitido ao homem divorciar-se da mulher (v. 2). A pergunta deles é maliciosa; o objetivo é pôr Jesus à prova para posteriormente acusá-lo. Como fiéis observadores da Lei, já tinham opinião formada e conhecimento a respeito desse tema. Por isso,

Jesus, em sua resposta, remete ao que Moisés ordenou (v. 3), e eles replicam, confirmando (v. 4): de fato, Moisés permitiu ao homem dar certidão de divórcio à mulher e despedi-la (Dt 24,1-4). Jesus, todavia, recorda o motivo da concessão de Moisés: a dureza de coração do povo, ou seja, o pecado (v. 5). A vida regida pela Lei não corresponde aos propósitos originais da criação. A Lei foi dada para corrigir. De sua parte, Jesus não veio ao mundo para conformá-lo à Lei, mas para recuperar o projeto da criação, com a instauração do Reino de Deus. Por isso, orienta seus interlocutores para o começo da criação (v. 6-9): Deus criou homem e mulher e os uniu em perfeita comunhão, para se tornarem uma só carne.

Mais uma vez, o evangelista evidencia o caminho e a casa como lugares privilegiados da catequese de Jesus. Por isso, diz que, em casa, os discípulos fizeram perguntas sobre o assunto (v. 10). A eles Jesus responde com maior profundidade: “Quem se divorciar de sua mulher e se casar com outra cometerá adultério contra a primeira. E se a mulher se divorciar de seu marido e se casar com outro, cometerá adultério” (v. 11-12). Nessa resposta, Jesus reafirma seu compromisso com o projeto da criação – segundo o qual o divórcio não deveria existir – e traz grande novidade: a condição de igualdade entre o homem e a mulher, afirmando que também o homem comete adultério ao divorciar-se da mulher e se casar de novo. Conforme a Lei, a culpa e as consequências do divórcio recaíam sempre sobre a mulher, que poderia ser até apedrejada. Ao redirecionar a humanidade ao plano da criação, Jesus combate todos os preceitos que geram discriminação, exclusão e morte.

Na parte final, o evangelista põe novamente em cena personagens muito caros na etapa do caminho: as crianças (v. 13). A ênfase de Jesus e do evangelista nas crianças tem uma função didática muito específica, sobretudo para a formação dos discípulos.

Com efeito, quanto mais se aproximavam de Jerusalém, mais eles alimentavam projetos de poder e sonhos de grandeza. Diante disso, o evangelista insiste em apresentar as crianças como modelo, considerando a insignificância que lhes era atribuída na época. Na controvérsia sobre o divórcio, Jesus elevou a mulher à condição de igualdade; agora, com as crianças, eleva todas as categorias de pessoas excluídas à condição de preferidos e preferidas do Reino (v. 14-15). O gesto de abraçar, abençoar e impor as mãos sobre as crianças (v. 16) enfatiza o amor acolhedor de Jesus pelas pessoas mais necessitadas, que a sociedade considera insignificantes.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Explicar bem as leituras, mostrando a relação entre elas, sobretudo entre a primeira e o Evangelho. Mostrar a beleza do matrimônio e como esse encontra respaldo na Palavra de Deus, sem, no entanto, condenar outras formas de união. Evite-se o tom moralista. Recordar que na essência do ser humano está a abertura à comunhão, à relação. Reforçar a importância do mês missionário.

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM

10 de outubro

Viver com sabedoria, segundo a Palavra

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo constitui verdadeiro convite à reflexão e ao discernimento acerca do que é essencial e pode, de fato, dar sentido à existência. Em forma de elogio, o autor da primeira leitura declara a sabedoria superior a todos os bens da terra; comparados a ela, o poder e as riquezas são insignificantes. No Evangelho, Jesus é interpelado por um homem muito rico, obediente aos mandamentos e sedento de vida eterna, mas incapaz de renunciar ao

que o impede de ganhá-la: as riquezas. Com base no colóquio com aquele homem, Jesus aprofunda a catequese sobre a necessidade do desapego aos bens para um autêntico discipulado. A segunda leitura é um elogio à Palavra de Deus: é viva e eficaz, por isso interpelante e performativa; logo, quem se deixa orientar por ela alcança a verdadeira sabedoria e torna-se apto ao seguimento radical de Jesus. O salmo segue a mesma linha, ensinando-nos a pedir ao Senhor o que é essencial: “dai ao nosso coração sabedoria!” (Sl 89,12).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 7,7-11)

A primeira leitura é tirada do livro da Sabedoria, cuja autoria foi atribuída a Salomão, mediante o recurso literário da pseudonímia, a fim de conferir prestígio e autoridade ao escrito, uma vez que Salomão era o protótipo de homem sábio em Israel. Cronologicamente, é o último livro do Antigo Testamento. Foi escrito já no final do século I a.C. por um erudito judeu, da cidade de Alexandria do Egito, com o objetivo de reforçar a fé e as tradições de Israel, que estavam ameaçadas devido à influência exercida pela cultura grega sobre as novas gerações de judeus. Tanto assim que havia até perseguição: os judeus que não aderiam aos costumes gregos eram publicamente hostilizados. Daí a importância desse livro, com a função de estimular a fidelidade e a resistência do povo.

O trecho lido neste domingo pertence à segunda parte do livro (Sb 6-9), conhecida como o “elogio da sabedoria” e considerada o coração da obra. Foi inspirado no clássico episódio do sonho de Gabaon (1Rs 3,5-15), no qual o Senhor concedeu a Salomão a oportunidade de pedir qualquer coisa, que lhe seria dada; então, em vez de pedir riqueza e glória, o jovem rei pediu sabedoria para governar seu povo com justiça. Em estilo autobiográfico, o Pseudo-Salomão reconta

essa experiência. Ele recebeu a prudência e o espírito da sabedoria como frutos da oração e da súplica (v. 7); trata-se de afirmação muito importante, pois apresenta a sabedoria como dom de Deus, e não como atividade do intelecto, conforme a concepção da filosofia grega. A sabedoria é, acima de tudo, a arte de viver bem; para a mentalidade judaica, isso consiste na observância da Lei e na capacidade de discernir entre o bem e o mal, escolhendo sempre o bem que conduz à verdadeira felicidade. Por isso, ela é preferível a tudo; qualquer coisa comparada a ela é insignificante, como o poder, a riqueza, os metais preciosos e até mesmo a saúde e a beleza (v. 8-10).

O reconhecimento do valor inestimável da sabedoria não significa, contudo, desprezo pelos bens e dons a ela comparados. Quer dizer apenas que ela deve ser preferida a tudo. Ao invés de opor-se aos bens, ela é sua fonte (v. 11). Por isso, deve ser buscada acima de tudo, pois sem ela nada tem sentido.

2. II leitura (Hb 4,12-13)

Continuamos a leitura da carta aos Hebreus, iniciada no domingo passado. O breve trecho lido nesta liturgia é a conclusão da primeira parte do livro (1,5-4,13). Trata-se de um elogio à Palavra de Deus. Logo, possui um significado muito importante, ainda mais quando se considera a função pastoral da obra: animar comunidades em crise de fé e esperança. Em contextos assim, nada mais justo do que recordar a potência vivificante da Palavra de Deus, fundamento e alimento da fé.

Empregando imagens bastante interessantes, o autor descreve a Palavra de Deus com cinco características que revelam sua força performativa: viva e eficaz, cortante e penetrante, e judicante (v. 12). A Palavra de Deus é viva e eficaz porque comunica vida e realiza os propósitos para os quais é enviada (Is 55,10-11); por meio dela, Deus age falando, desde a criação. Sendo mais cortante do

que uma espada de dois gumes, ela penetra no mais íntimo do ser da pessoa a quem é destinada. Isso quer dizer que confronta todas as dimensões da vida e nada escapa ao seu alcance. Não permite neutralidade; quem a recebe, deve tomar uma posição a favor ou contra. Por isso, ela é também juiz: confrontada aos sentimentos e emoções, denuncia as incoerências e hipocrisia de quem não a acolhe com sinceridade.

Para o autor, a Palavra é o próprio agir de Deus na história, cuja expressão máxima é a pessoa de Jesus, o Filho, que é a Palavra definitiva (Hb 1,1-2). Prestar contas a ela, portanto, significa confrontar-se com a vida de Jesus de Nazaré (v. 13), a Palavra encarnada e fonte de sabedoria. Quem acolhe essa Palavra, obviamente, alcança a verdadeira sabedoria.

3. Evangelho (Mc 10,17-30)

O Evangelho deste domingo continua inserido no contexto do caminho de Jesus com os discípulos para Jerusalém. Esse caminho é, antes de tudo, um itinerário teológico e catequético. Por isso, enquanto caminha, Jesus é interrompido diversas vezes por várias categorias de interlocutores, que lhe fazem perguntas relevantes sobre a Lei, o Reino de Deus, as condições para o discipulado e questões do cotidiano.

Enquanto Jesus caminhava, alguém correu ao seu encontro (v. 17). A versão de Mateus desse episódio diz que era um jovem (Mt 19,22). Para Marcos, era apenas alguém. E alguém carente de sentido para a existência; a postura e a pergunta evidenciam isso, apesar de, paradoxalmente, tratar-se de um homem muito rico e fiel aos mandamentos (v. 20,22). Ele ajoelhou-se e perguntou o que fazer para ganhar a vida eterna. Até então, na obra de Marcos, somente um doente de pele tinha se ajoelhado aos pés de Jesus, suplicando-lhe a cura (Mc 1,40); quer dizer que esse alguém do episódio deste domingo tinha

um mal equivalente à doença que então se denominava lepra (a pior das enfermidades conhecidas na época): o apego às riquezas. A pergunta revela que o homem buscava sentido para a existência. A vida eterna, aqui, mais do que uma vida pós-morte, significa o sentido da vida presente; quem encontra sentido para a vida aqui eterniza sua existência.

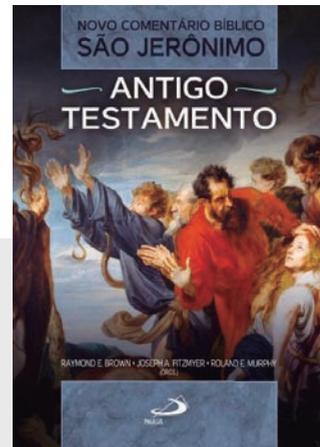
Para a mentalidade judaica, a observância dos mandamentos já era suficiente para a vida ter sentido. Jesus, porém, mostra que essa visão está superada; é necessário algo mais: vender tudo, dar aos pobres e segui-lo (v. 21). Ele não diz isso como imposição, mas como proposta de amor. Contudo, aquele homem não estava pronto para isso; não assimilou o olhar amoroso de Jesus nem sua proposta. Por isso, saiu triste do encontro (v. 22). Assim, o evangelista mostra que é mais fácil a cura da doença então conhecida como lepra do que o desapego aos bens.

Após o diálogo com o desconhecido, Jesus se volta para os discípulos (v. 23–24), os mais necessitados de assimilar sua mensagem. Com eles, o discurso já não se limita à vida eterna, mas passa ao Reino de Deus e às exigências para entrar nele. Entrar no Reino é difícil porque exige adesão incondicional. Para os ricos, é ainda mais difícil, tendo em vista a necessidade maior de renúncias, como Jesus expressa com um provérbio tão hiperbólico: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!” (v. 25). Diversas tentativas de interpretação foram sugeridas para suavizar o impacto dessa afirmação. Chegou-se a afirmar que o “camelo” era um tipo de corda grossa e que o “buraco da agulha” era uma porta estreita num muro de Jerusalém. Ler dessa forma é distorcer a mensagem. Jesus gostava de imagens fortes, deixando seus seguidores perplexos (v. 26). Ademais, a história da salvação é marcada por diversos acontecimentos aparentemente impossíveis, mas realizados com a graça de Deus, para

Novo comentário bíblico São Jerônimo

Antigo Testamento

Raymond E. Brown



1264 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Trata-se de uma verdadeira enciclopédia bíblica, na qual, além de uma introdução e um comentário a cada um dos livros bíblicos, encontram-se também artigos mais amplos concernentes à História de Israel, à Teologia Bíblica e à Hermenêutica. É destinado não só a exegetas e teólogos, mas também a pregadores, missionários, catequistas, pesquisadores de outras áreas do conhecimento e toda pessoa que busca informações consistentes sobre a Palavra de Deus.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

quem nada é impossível (v. 27). Logo, não é impossível a entrada dos ricos no Reino de Deus. Contudo, não será possível se não assimilarem a lógica da partilha e do desapego.

A incompreensão dos discípulos se torna evidente na fala oportunista de Pedro (v. 28). De fato, Jesus os conhecia e sabia o que cada um tinha deixado para o seguir. “Casa, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos” são imagens do que é caro e essencial na vida. Para seguir Jesus com fidelidade, é necessário desapegar-se do que é mais importante. Quem o segue, porém, não fica sem o essencial. Por isso, Jesus elenca as coisas que devem ser deixadas e a seguir as repete, como as mesmas que serão dadas aos seus seguidores (v. 29–30). Assim, ensina que nada falta a quem deixa tudo por causa sua e do Evangelho. A verdadeira sabedoria consiste na assimilação dessa lógica.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Explicar bem as leituras, mostrando a coerência entre elas. Apresentar a preferência pela sabedoria como prefiguração da adesão radical exigida para o seguimento de Jesus. Provocar uma reflexão crítica sobre os efeitos produzidos pela Palavra de Deus na comunidade e na vida de cada um.

NOSSA SENHORA APARECIDA

12 de outubro

A força da mulher intercessora

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na solenidade de Nossa Senhora Aparecida, a liturgia rende homenagens a Maria, recordando o protagonismo feminino na história do povo de Deus. Considerando a marginalização da mulher nos tempos bíblicos, esse dado é muito relevante, pois revela a predileção de Deus pelas pessoas humildes e marginalizadas, escolhidas para fazer grandes coisas em favor do seu povo

e de toda a humanidade. Nas três leituras, a mulher exerce um papel determinante para o desfecho de cada episódio narrado. Na primeira leitura, temos o exemplo de Ester, que, atenta às necessidades do seu povo ameaçado de extermínio, intercede ao rei, pedindo vida para si e para seu povo. A segunda leitura apresenta o sinal da mulher que dá à luz um filho para governar o mundo; ela é perseguida pelas forças do mal e resiste. No Evangelho, vemos a presença ativa da mãe de Jesus no início de seu ministério; sensível e solidária às necessidades do próximo e confiante na palavra de Jesus, ela participa da realização do seu primeiro sinal messiânico. Portanto, a figura feminina presente nesta liturgia, de quem Maria é a síntese, é sinônimo de força e resistência ao mal, solidariedade às pessoas necessitadas e confiança no Deus da vida. Tudo isso ainda é ilustrado pelo simbolismo da pequena imagem de cor negra encontrada por humildes pescadores no ano de 1717, quando a maioria da população brasileira era escrava e negra.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Est 5,1b-2; 7,2b-3)

O livro de Ester, do qual é tirada a primeira leitura, provavelmente foi composto entre os anos 300 e 100 a.C., durante a dominação grega, embora a história narrada remonte ao período da dominação persa, quando o trono era ocupado pelo rei Assuero, cujo reinado se deu por volta dos anos 486 a 465 a.C. A autoria e o lugar de composição do livro são completamente desconhecidos. A história contada no livro não tem correspondência com os fatos históricos. O importante, no entanto, é sua mensagem de libertação e resistência, protagonizada por Ester, uma mulher judia que usa seus privilégios de rainha para interceder ao rei pela vida dos seus compatriotas judeus que estavam para ser

exterminados. A vida do povo judeu que estava ameaçada não era a existência física, mas sim sua identidade cultural e religiosa, incluindo a fé no Deus criador e libertador, devido à imposição da cultura grega.

O trecho selecionado pela liturgia é bastante curto, e, para ser compreendido, é necessário recordar brevemente alguns fatos que o antecedem. Ester era uma jovem judia, de esplêndida beleza, que vivia entre os deportados e foi escolhida pelo rei Assuero para ser rainha (Est 2,1-18). Na corte, atua como primeiro-ministro um homem chamado Amã, o qual trama o extermínio de todo o povo judeu, incluindo a própria rainha Ester (Est 3,1-13). Informada da situação, Ester é chamada a intervir (Est 4,1-8). É nesse contexto que se insere a primeira leitura desta festa, cujo conteúdo é exatamente a intervenção de Ester junto ao rei. Vestida como rainha, Ester se apresenta diante do rei (5,1-2) para convidá-lo a um banquete preparado por ela mesma (Est 5,3-6). Fascinado pela beleza de Ester, o rei atende ao convite e comparece ao banquete, demonstrando todo o seu apreço por ela. Surge então, a oportunidade de Ester interceder por si e pelos seus compatriotas judeus, já que o rei lhe dá a oportunidade de pedir qualquer coisa, até mesmo a metade do reino (7,2), garantindo que ela terá seu pedido atendido. O que a rainha pede é sua vida e a vida do seu povo (7,3).

Como mulher que resiste e intercede, Ester é prefiguração de Maria, a mulher do sim a Deus e da fidelidade ao seu filho, Jesus, a qual também intercede pelo seu povo necessitado de vinho bom, símbolo da felicidade e da vida em abundância.

2. II leitura (Ap 12,1.5.13a.15-16a)

A segunda leitura é tirada do Apocalipse de São João, o último livro do Novo Testamento, escrito nos últimos anos do século I – quando Domiciano era o imperador romano

– por um profeta, discípulo do apóstolo João, que usa este mesmo nome como pseudônimo (Ap 1,2). A palavra “apocalipse” quer dizer “revelação”; significa tirar o véu que encobre uma realidade para torná-la conhecida, empregando a linguagem simbólica, como é característica do gênero literário apocalíptico. O Apocalipse é um livro de resistência que faz intenso uso de imagens para criticar o poder opressor e transmitir esperança e coragem aos cristãos perseguidos, ensinando que é Deus quem tem a palavra final sobre a história. Seus primeiros destinatários foram os cristãos da Ásia Menor (Ap 1,4), vítimas da perseguição de Domiciano.

O texto desta liturgia apresenta a luta entre a mulher e o dragão, representando as forças do bem e do mal (v. 1.13). É luta desigual entre uma criatura frágil e um monstro terrível. A mulher é imagem da Igreja, a comunidade cristã, aparentemente indefesa e frágil; o dragão, que tem a serpente como aliada (v. 15), é a imagem do poder opressor – na época, o Império Romano com todo o seu aparato militar e ideológico e, ao longo da história, toda força que se opõe à instauração do Reino de Deus na terra. Apesar da aparência frágil, a mulher é revestida de Deus; os elementos mais esplendorosos da criação – sol, estrelas, lua e terra – estão à sua disposição, dando-lhe beleza e proteção (v. 1.16). Dela nasce um filho para governar o mundo (v. 5): obviamente, Jesus, enquanto Ressuscitado que, embora nos céus junto de Deus, está igualmente presente no cotidiano das comunidades cristãs.

A resistência da mulher ao dragão mostra que Deus fortalece os pequeninos e marginalizados da história. Maria, a mãe de Jesus, é personificação e prova das escolhas de Deus pelo que é simples e humilde, porém capaz de confundir e vencer os grandes. Por isso, muito cedo os cristãos associaram essa mulher a Maria, geradora de Jesus, o Filho de Deus.

3. Evangelho (Jo 2,1-11)

O Evangelho segundo João descreve sete sinais realizados por Jesus ao longo do seu ministério. Nesse Evangelho, os atos prodigiosos de Jesus não são chamados de milagres, mas de sinais. Embora reconheça que Jesus realizou muitos outros, o autor escolheu somente sete – na tradição bíblica, número que evoca perfeição e completude – para constar em seu livro, julgando-os suficientes para revelar a identidade de Jesus como o Cristo, o Filho de Deus, despertar a fé da comunidade nele e gerar vida em seu nome (Jo 20,30-31). O texto lido nesta liturgia, o relato das bodas de Caná, traz a descrição do primeiro dos sete sinais: a mudança da água em vinho.

O texto fala de uma festa de casamento realizado em Caná da Galileia, na qual estavam a mãe de Jesus e este com seus discípulos (v. 1-2). As festas de casamento eram muito apreciadas no mundo semita; ser convidado para uma era motivo de honra e gerava muita alegria. Como, no Antigo Testamento, o matrimônio se tornou metáfora da relação entre Deus, o esposo, e Israel, a esposa (Os 2,16-25; Is 1,21-23; 49,14-16; 62,1-5), em toda festa de casamento fazia-se memória da aliança entre Deus e Israel. O cenário é perfeito para a manifestação de Jesus, que veio ao mundo estabelecer nova relação entre Deus e a humanidade, com a participação direta da sua mãe.

Mais do que um gesto de solidariedade aos noivos, a intervenção da mãe de Jesus revela a necessidade de um jeito novo de se relacionar com Deus (v. 3-5). O vinho é símbolo do amor e da alegria, sinais da presença de Deus na vida das pessoas e das comunidades. A mãe de Jesus age como porta-voz da humanidade carente de amor e vida plena. A recomendação para fazer tudo o que Jesus disser é sinal de confiança na sua palavra e certeza do seu agir (v. 5). As seis talhas de pedra vazias representam a Lei e

todo o aparato religioso de Israel, marcado por um complexo de normas e ritos, mas carente de amor (v. 6). Sensível à situação indicada pela sua mãe, Jesus age de modo surpreendente e oferece o vinho em abundância (v. 7-10). A qualidade e a quantidade do vinho dado por Jesus significam que nada mais separa Deus da humanidade; todo o seu amor é oferecido em abundância, cujo sinal maior será a entrega de Jesus na cruz, ao pé da qual também estará presente sua mãe (Jo 19,25-27).

A presença da mãe de Jesus em Caná e na cruz significa que ela participou de todo o ministério e deve participar também da vida de todas as comunidades cristãs, ensinando sempre a fazer tudo o que Jesus disser. Ela não é chamada pelo nome no Evangelho de João porque é personificação de toda a humanidade, especialmente das mulheres. Nela estão presentes todas as mulheres da terra, com seus sonhos e esperanças.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Comentar as leituras, mostrando a relação entre as três. Lembrar que a verdadeira devoção a Maria consiste em fazer o que Jesus disser, ou seja, viver conforme o Evangelho. Rezar pelos destinos do Brasil, recordando a responsabilidade de todos na construção de um país justo, tolerante, inclusivo e feliz.

29º DOMINGO DO TEMPO COMUM

17 de outubro

Serviço e doação, sem ambição

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo recorda o serviço e a doação de si mesmo como síntese da missão de Jesus e, consequentemente, como exigências indispensáveis para seu discipulado em todos os tempos. Outrossim, chama a atenção para posturas

e atitudes inaceitáveis na comunidade dos seus seguidores e seguidoras, como a ambição, as rivalidades e a sede de poder. Isso é evidenciado, sobretudo, no Evangelho, o qual é preparado pela primeira leitura: a figura do servo sofredor, que oferece a vida em expiação para tornar justo todo o povo, prefigura o destino de Jesus, o Filho do Homem que veio para servir e dar a vida em resgate de muitos. A segunda leitura apresenta Jesus como sumo sacerdote e perfeito mediador: nele encontramos misericórdia e compaixão, pois ele conhece nossas fraquezas, uma vez que, por fidelidade ao Pai e amor à humanidade, foi provado em tudo como nós, exceto no pecado.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 53,10-11)

A primeira leitura é um fragmento do quarto cântico do servo do Senhor (Is 52,13-53,12), um texto que pertence ao “livro da consolação” (Is 40-55). Essa obra corresponde à segunda parte do grande livro de Isaías e é atribuída a um profeta e poeta anônimo, chamado pelos estudiosos de “Segundo Isaías” ou “Dêutero-Isaías”, que exerceu sua missão profética junto aos exilados na Babilônia, já no final do exílio (anos 550 a 539 a.C.). O livro surgiu com o objetivo de transmitir consolo e esperança de libertação a um povo cansado e abatido diante de tanta opressão. A propósito, os cânticos do servo, sobretudo o terceiro e o quarto, contêm as melhores descrições simbólicas dessa situação, o que tem levado a maioria dos estudiosos a ver o servo como uma figura coletiva: é a imagem do povo de Israel exilado, especificamente o resto que permaneceu fiel à Aliança, não obstante as inúmeras provações.

O texto desta liturgia recorda o sofrimento do servo, com seus efeitos positivos. O profeta concebe o sofrimento como a

realização da vontade do Senhor (v. 10a), tendo em vista os efeitos salvíficos, e não como um fim em si mesmo. É óbvio que Deus não se apraz com o sofrimento de ninguém; mas sabe reverter a situação em benefício da libertação. A pessoa justa sofre porque sua maneira de viver é a mais eficaz denúncia das estruturas e sistemas que geram injustiças e morte. A vida oferecida como expiação, sinal de total adesão à vontade do Senhor, é garantia de descendência duradoura (10b), o que ratifica a fidelidade de Deus, pois a descendência é uma de suas mais clássicas promessas (Gn 21,12; 22,17; Dt 4,40). No contexto do exílio, essas palavras possuem um significado muito importante, tornando-se convite à resistência. Somente um povo resistente e fiel ao Senhor poderia garantir descendência. Por isso, oferecendo-se em expiação, o servo cumpre com êxito a vontade do Senhor e sua própria missão (v. 10c).

O efeito principal da vida de sofrimento do servo, por fidelidade a Deus, é a justificação do povo (v. 11). A expressão “inúmeros homens” significa a totalidade do povo de Deus e um aceno universalista. Sofrer pelos outros, carregando suas culpas, é a expressão máxima de serviço e doação desinteressados, como Jesus fez e espera que também o façam seus seguidores. Por isso, o quarto cântico do servo é o que melhor prefigura a vida e a missão de Jesus.

2. II leitura (Hb 4,14-16)

A segunda leitura continua a ser tirada da carta aos Hebreus. O breve trecho corresponde ao início da segunda parte da obra (Hb 4,14-10,31), cujo tema central é o sacerdócio de Jesus Cristo. Saliente-se que a carta aos Hebreus é o único livro do Novo Testamento que apresenta explicitamente Jesus como sumo sacerdote, e a passagem lida neste domingo pode ser considerada uma síntese de toda a obra.

O texto começa com uma afirmação, seguida de uma exortação: Jesus, o Filho de Deus, é o sumo sacerdote que entrou no céu (v. 14a). Ora, no culto da Antiga Aliança, o espaço máximo onde o sacerdote podia entrar era o Santo dos Santos, considerado a morada de Deus na terra e, por isso, o espaço mais sagrado do templo; entrava-se nele apenas uma vez por ano. Está clara, portanto, a perfeição da mediação do sacerdócio de Jesus, pois ele está definitivamente no mundo de Deus, e não apenas ocasionalmente. A exortação à perseverança na profissão de fé (v. 14b) indica o contexto de crise e perseguição nas comunidades destinatárias, com a consequente tendência ao desânimo.

A pertença de Jesus ao mundo de Deus, no entanto, não significa desconhecimento nem distância dos problemas que afligem a humanidade, pois, tendo assumido a condição humana em plenitude, ele passou pelo sofrimento e pela morte; foi provado como nós em tudo, exceto no pecado (v. 15). Isso faz dele o exemplo máximo de serviço e doação. Por conseguinte, devemos nos aproximar de Jesus com toda a confiança, na certeza de que nele encontramos misericórdia e compaixão (v. 16).

3. Evangelho (Mc 10,35-45)

O Evangelho continua ambientado no contexto do caminho de Jesus com seus discípulos para Jerusalém. Mais do que mero deslocamento físico, esse caminho é um itinerário teológico e catequético, no qual Jesus instrui seus discípulos, com maior clareza, sobre sua identidade e sobre as exigências que seu seguimento comporta. Paradoxalmente, é no caminho que os discípulos demonstram maior incompreensão e resistência ao que Jesus ensina.

O texto é a sequência imediata do terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34). Trata-se do absurdo pedido dos discípulos irmãos, Tiago e João, para ocuparem os primeiros lugares na glória: um à direita e outro à

esquerda de Jesus, numa demonstração clara de ambição e sede de poder (v. 35-37). Esse é um episódio bastante polêmico e comprometedor para a imagem dos primeiros discípulos, registrado dessa maneira somente por um evangelista tão realista como Marcos. Por isso, Lucas preferiu omiti-lo, e Mateus o modificou, apresentando a mãe dos discípulos como a autora do pedido (Mt 20,20-23). Chamados de “filhos do trovão” (Mc 3,17), em alusão ao seu comportamento intolerante e ambicioso, Tiago e João, junto com Pedro, são os discípulos mais evidenciados nos Evangelhos sinóticos, não pelos méritos, mas pelas contradições. Além da ambição, o pedido revela a visão equivocada da messianidade de Jesus. Os discípulos não aceitavam um Messias sofredor; continuavam a alimentar as expectativas por um Messias glorioso e potente, conforme as tradições de Israel.

Diante da incompreensão dos discípulos, Jesus aprofunda a catequese. Primeiro, denuncia a ignorância deles (v. 38a); em seguida, provoca-os sobre a disposição de compartilhar a vida, sintetizada pelas imagens do cálice e do batismo (v. 38bc): o batismo alude ao início da missão (Mc 1,8-11), enquanto o cálice antecipa a paixão (Mc 14,23.36). Isso quer dizer que ser discípulo(a) de Jesus exige conformar-se à sua vida em tudo, incluindo a capacidade de dar a vida. A resposta dos discípulos é positiva, mas não suficiente para garantir o que desejam (v. 39-40). A disposição para abraçar o seguimento de Jesus e assumir suas consequências não pode estar atrelada à obtenção de recompensas. O arranjo dos lugares na glória futura é um dom gratuito do Pai, e não conquista pessoal.

A ambição gera rivalidades, causando a divisão da comunidade (v. 41). Na medida em que os projetos individuais são evidenciados, a unidade é quebrada. Por isso, Jesus convoca uma reunião para mostrar seu projeto com maior clareza ainda, procurando deixar claro o quanto este é diferente de qualquer projeto

humano de poder (v. 42). Tendo negligenciado os três anúncios da paixão, os discípulos tinham como parâmetro os modelos vigentes de poder, marcados pelo domínio e pela tirania, o que é incompatível com o seguimento de Jesus. Por isso, ele apresenta o modelo a ser seguido pela comunidade dos seus seguidores: o serviço. É necessário passar de um modelo baseado na imposição para novo paradigma, baseado no serviço, tendo em vista a igualdade e o bem de todos (v. 43-44).

Portanto, o referencial para a comunidade cristã não pode ser outro senão o próprio Jesus, o Filho do Homem, que veio para servir e dar a vida em resgate de muitos (v. 45). Ele próprio é o exemplo de que a autoridade autêntica deve ser exercida por meio do serviço incondicional, contemplando a capacidade de dar a própria vida. Qualquer tentativa ou experiência na comunidade que tenham como parâmetro “os reinos deste mundo” fazem essa comunidade deixar de ser cristã.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Refletir sobre as três leituras, apresentando a relação temática entre elas. Enfatizar o serviço como o mais eficaz sinal de identificação com o projeto de Jesus. Provocar uma reflexão crítica na comunidade, especialmente nos movimentos e serviços, sobre a maneira de exercer a liderança, mostrando o quanto a ambição, o espírito de competição, as rivalidades e o autoritarismo desviam a comunidade do Evangelho de Jesus.

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM
24 de outubro

Ver para seguir Jesus e anunciar

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste domingo em que celebramos o Dia Mundial das Missões, a liturgia recorda o projeto libertador de Deus para

a humanidade, com predileção clara pelas pessoas mais vulneráveis e necessitadas, vítimas das mais diversas formas de exploração e injustiça. Ao mesmo tempo, convida-nos a contemplar e anunciar a realização contínua desse projeto na história. Na primeira leitura, em tom jubiloso, o profeta Jeremias anuncia a libertação dos exilados e o retorno ao país, sendo conduzidos pelo próprio Deus, com seu amor de pai que ama seus filhos e deles cuida. A segunda leitura fala do sacerdócio de Cristo: ele possui todas as credenciais de sumo sacerdote, mas as supera, por ser o Filho de Deus, o que torna perfeita sua mediação. O Evangelho narra a cura do cego Bartimeu; mais do que um relato de milagre, esse episódio representa um modelo de fé e de adesão ao seguimento de Jesus. O salmo é um hino de ação de graças pelo retorno dos exilados, uma das muitas maravilhas realizadas por Deus em favor do seu povo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 31,7-9)

Jeremias foi um dos profetas bíblicos de ministério mais fecundo e longo, com duração aproximada de 50 anos. Recebeu o chamado de Deus ainda muito jovem, por volta do ano 627 a.C., durante o reinado de Josias em Judá (Jr 1,4-10). Era uma época até promissora, devido à política reformista de Josias; esta, porém, não foi continuada por seus sucessores. A sequência dos acontecimentos apontava para a catástrofe, como de fato se deu: Jerusalém foi invadida pelo exército da Babilônia em 597 a.C., tendo parte da sua população deportada, e foi completamente destruída em 586 a.C., com a deportação do restante da população. Jeremias previu e assistiu a tudo isso, o que, obviamente, repercutiu na sua pregação, rendendo-lhe injustamente o rótulo de profeta pessimista. Por conseguinte, chega

a ser surpreendente a presença de uma seção de oráculos de restauração no seu livro, chamada de “livro da consolação” (Jr 30-33). A primeira leitura deste domingo é tirada dessa seção e comporta um anúncio de esperança, com perspectivas messiânicas.

O texto começa com um convite à alegria pela salvação do povo, a qual consiste na libertação do cativeiro e no retorno à terra (v. 7). O povo que voltará – os exilados e todos os israelitas dispersos – é apenas um resto, quer dizer, um povo pequeno e arrasado, mas cheio de esperança: cegos, aleijados, grávidas e parturientes (v. 8). Essas categorias são imagens da vulnerabilidade e do sofrimento; expressam a preferência e os cuidados de Deus pelos indefesos, vítimas de injustiças e exploração. São pessoas com dificuldade de caminhar e, por isso, mais necessitadas da proteção de Deus. São também sinais de esperança: mulheres grávidas e parturientes simbolizam a fecundidade e a vida nova; a partir delas é que o Senhor reconstituirá seu povo, tornando-o família, sendo ele o Pai amoroso que cuida e protege (v. 9). Tais são as maravilhas cantadas pelo salmista: “Maravilhas fez conosco o Senhor, exultemos de alegria!” (Sl 126,3). E a cura do cego Bartimeu, no Evangelho, indica que Jesus é, por excelência, o realizador das maravilhas de Deus.

2. II leitura (Hb 5,1-6)

Mais uma vez, a segunda leitura é tirada da carta aos Hebreus, precisamente da segunda parte (Hb 4,14-10,31), cujo foco central é o sacerdócio de Jesus Cristo. Certamente, os destinatários da carta – cristãos de origem judaica – tinham dificuldade em aceitar uma experiência de fé desvinculada do templo de Jerusalém, onde os sacerdotes tinham papel proeminente. Daí a insistência do autor em apresentar Jesus como sumo sacerdote, em grau superior aos do templo. O texto deste domingo faz parte de uma seção expositiva

(Hb 5,1-10), na qual o autor descreve as características do sacerdócio do templo (v. 1-4) e, em seguida, aplica-as a Cristo, evidenciando sua superioridade (v. 5-10). A leitura não contempla a seção inteira, mas os versículos lidos são suficientes para demonstrar que Jesus é o sumo sacerdote por excelência.

O ideal de sacerdote do templo é marcado por três características básicas: I) ser tirado dentre os homens e instituído mediador entre Deus e a humanidade (v. 1); II) ter compaixão das pessoas pecadoras e oferecer sacrifícios pelos pecados de si mesmo e dos outros (v. 2-3); III) ser chamado por Deus, como Aarão (v. 4). Jesus possui credenciais superiores a essas: sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem, sua mediação é perfeita; sem pecado, fez-se solidário com os pecadores de todos os tempos, ofertando sua vida por amor ao Pai e à humanidade. Na condição de Filho de Deus, seu chamado precede qualquer outro (v. 5); seu sacerdócio não descende de Aarão, mas remonta a uma ordem mais antiga e única: a de Melquisedec (v. 6), uma figura misteriosa e sem descendência, desvinculado de qualquer instituição. Tudo isso demonstra a superioridade e perfeição da mediação de Jesus e, por conseguinte, do seu sacerdócio.

3. Evangelho (Mc 10,46-52)

O Evangelho desta liturgia corresponde à etapa final do caminho de Jesus com seus discípulos para Jerusalém e compreende o último milagre realizado, conforme a narrativa de Marcos: a cura do cego Bartimeu. Com esse episódio, o evangelista denuncia a incoerência dos discípulos e indica a transformação pela qual eles devem passar. Com efeito, durante o caminho, Jesus anunciou seu destino de Messias sofredor e apresentou as condições indispensáveis para seu seguimento, como a humildade, a acolhida aos pequeninos, o serviço e a coragem de dar a vida por sua causa e pelo Evangelho. Enquanto isso, os discípulos cultivavam pretensões triunfalistas, praticavam

proselitismo, alimentavam ambição e rivalidades; enfim, viviam um estado de completa cegueira diante do que Jesus ensinava.

Como foi ressaltado nos domingos anteriores, o caminho é um lugar privilegiado para a catequese e a vida da comunidade. Representa a exposição aos riscos e perigos, bem como a abertura ao diálogo e ao encontro com o diferente; é a imagem da Igreja em saída. No caminho, acontecem encontros transformadores, em meio a situações como a descrita no Evangelho desta liturgia: o cego Bartimeu sentado à beira do caminho, na saída da cidade de Jericó (v. 46). Esse é o único caso, no Evangelho de Marcos, em que uma pessoa necessitada de cura é chamada pelo nome. Por ser cego, era uma pessoa excluída, restando-lhe somente as margens da sociedade e a mendicância para a sobrevivência.

Bartimeu era um cego que queria ver, ao contrário dos discípulos de Jesus. Era consciente da sua condição e buscava superá-la. Por isso, ao saber que Jesus estava passando por perto, gritou-lhe, suplicando piedade e demonstrando grande fé e esperança (v. 47). De sua parte, as pessoas que acompanhavam Jesus queriam monopolizá-lo, repreendendo Bartimeu, que não se deixou intimidar e gritou ainda mais forte sua súplica (v. 48). Jesus, contudo, não se deixa controlar por ninguém; nenhum grupo ou instituição pode determinar seu agir; para ele, não é incômodo interromper o caminho para dar atenção a uma pessoa necessitada e excluída. Ele mesmo chama para perto de si as pessoas marginalizadas pela sociedade e pela religião (v. 49).

A atitude do cego diante do convite de Jesus mostra o entusiasmo e a alegria de quem tem fé, esperança e pressa pela transformação (v. 50). Jogar o manto significa a capacidade de renúncia, uma das exigências de Jesus para seu seguimento. O manto era tudo o que o cego possuía. Não era muita coisa, mas, por ser tudo o que tinha, poderia tornar-se empecilho. A renúncia ao manto,

Narrativa e cultura popular no Cristianismo Primitivo

Paulo Nogueira



152 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro é um convite para entrar no mundo dos primeiros cristãos por meio de um exercício de estranhamento. O autor propõe que o leitor se permita ver como esse grupo é diferente de qualquer forma de cristianismo que conheça ou que pratique. Com esse contrato de leitura, o autor quer permitir ao leitor exercitar uma leitura na qual emergjam outras pautas que não as próprias e que as “esquisitices” e peculiaridades do discurso religioso não sejam varridas para debaixo do tapete do texto acadêmico.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

portanto, tornou o cego uma pessoa livre. Por isso, ele deu um pulo, um gesto que expressa alegria e, ao mesmo tempo, liberdade conquistada. O pulo do cego é um salto qualitativo na sua vida, marco do encontro transformador com Jesus.

Apesar de conhecer as necessidades do cego, Jesus pergunta o que ele quer, para criar relação e gerar intimidade. Reconhecendo Jesus como Mestre, o cego responde que deseja ver (v. 51). Ver era a necessidade de todos os que acompanhavam Jesus, mas somente Bartimeu foi capaz de reconhecer isso. Por conseguinte, foi transformado; curado pela própria fé, sem a necessidade de gestos e sinais extraordinários (v. 52a). E logo se tornou discípulo (v. 52b). Em todo o Evangelho, mas sobretudo neste relato, ver significa dar adesão a Jesus e ao seu projeto, tornando-se um imperativo para o discípulo e a missão. É isso o que torna a cura de Bartimeu um episódio tão paradigmático.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Refletir sobre as leituras e relacioná-las com o tema do Dia Mundial das Missões: “Não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos!” (At 4,20). É preciso ver o agir de Deus na história e anunciar, bem como é necessário ver as estruturas e situações que impedem esse agir e denunciá-las corajosamente. Rezar pelas missões nas mais diversas dimensões. Recordar que toda pessoa batizada é discípula e missionária de Jesus Cristo.

31º DOMINGO DO TEMPO COMUM

31 de outubro

Amor a Deus e ao próximo: inseparáveis

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tema central da liturgia deste domingo é o primado do amor sobre todos os mandamentos, compreendido em suas

duas vertentes inseparáveis: amor a Deus e ao próximo, respectivamente, como se fossem as duas faces da mesma moeda. Isso é evidenciado, sobretudo, pelo Evangelho, no qual Jesus responde ao questionamento de um mestre da Lei sobre o primeiro dos mandamentos, afirmando que o primeiro é amar intensamente a Deus e o segundo é amar o próximo, sendo ambos inseparáveis. A base da resposta de Jesus está na primeira leitura, tirada do livro do Deuteronômio, precisamente da seção correspondente ao credo fundamental de Israel, que propõe o amor incondicional a Deus, associado à escuta da sua Palavra. A segunda leitura, ao tratar do sacerdócio de Jesus, recorda sua oferta de si mesmo, exemplo máximo de quem viveu plenamente o amor a Deus, seu Pai, e ao próximo – a humanidade pecadora –, por quem se fez solidário.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 6,2-6)

A primeira leitura é tirada do livro do Deuteronômio, cujo nome significa literalmente “segunda lei”. Trata-se do último livro do Pentateuco, composto de três discursos atribuídos a Moisés, como artifício literário, a fim de conferir autoridade ao escrito. Conforme a dinâmica narrativa do livro, Israel se encontra nas planícies de Moab, já nos preparativos finais para a entrada na Terra Prometida. Em tom de despedida, pouco antes de morrer, o líder Moisés dirige suas últimas palavras a Israel, recapitulando os aspectos essenciais da Lei e exortando-o a permanecer fiel ao Senhor. Segundo a teologia deuteronômista, a fidelidade de Israel é condição fundamental para o cumprimento das principais promessas de Deus: bênção, descendência e terra. Por isso, o futuro exílio, que significa a perda da terra, será interpretado como consequência da infidelidade. O trecho lido nesta liturgia

pertence ao núcleo fundamental do segundo discurso de Moisés (Dt 4,44-28,68), que, por sinal, é o mais importante dos três.

O texto começa com Moisés exortando Israel a temer o Senhor (v. 2), o que não significa ter medo, obviamente, mas reverência, reconhecimento da sua grandeza e adesão total ao seu projeto de vida. Em contrapartida, o fruto do temor a Deus é a vida em abundância, compreendida como descendência, fecundidade e longevidade. Para alcançar isso, Israel precisa ouvir e pôr em prática a vontade do Senhor, expressa nos seus mandamentos e leis (v. 3). Agindo dessa maneira, Israel será feliz e fecundo na Terra Prometida.

A sequência da leitura (v. 4-6) compreende a primeira parte do credo fundamental de Israel, conhecido como “Shemá Israel” (Dt 6,4-9). Até hoje, esse texto faz parte da oração diária dos judeus, recitada pelo menos duas vezes ao dia. Novamente, é enfatizado o convite à escuta, com a afirmação de Deus como o único Senhor (v. 4), a verdade essencial do monoteísmo bíblico. Por ser único, é ao Senhor que se deve amar com toda a intensidade do ser: coração, alma e forças (v. 5); isso quer dizer que o amor a Deus envolve a interioridade e o agir humano. Temos aqui uma espécie de comentário atualizado ao primeiro mandamento do Decálogo (Ex 20,2-6; Dt 6,6-10). Este é o ensinamento essencial que Israel não poderá esquecer e deverá ter eternamente gravado no coração, com repercussão no agir (v. 6): o amor como o mandamento maior, fruto do temor e consequência da escuta da Palavra do Senhor.

2. II leitura (Hb 7,23-28)

A segunda leitura ainda é tirada da carta aos Hebreus, precisamente da segunda parte (Hb 4,14-10,31), que tem como tema central o sacerdócio de Jesus Cristo.

Como já foi recordado em outras ocasiões, os destinatários da carta, cristãos de origem predominantemente judaica, tinham dificuldade de viver a fé desvinculada do templo de Jerusalém e do seu sacerdócio. Por isso, o autor insiste tanto em apresentar Jesus como sumo sacerdote superior aos sacerdotes da Antiga Aliança. O texto lido neste domingo reflete essa situação. Por meio de antíteses, o autor apresenta a superioridade do sacerdócio de Cristo em relação aos sacerdotes da Antiga Aliança ou do templo.

A primeira antítese contrapõe a inconsistência e a descontinuidade dos sacerdotes da Antiga Aliança, por causa da morte, à eternidade de Jesus, o Ressuscitado (v. 23-25). A segunda antítese contrapõe a santidade de Jesus à condição de pecado dos sacerdotes do templo (v. 26-27). Com efeito, santo e inocente, Jesus não precisou oferecer sacrifícios pelos seus pecados, pois não os tinha; ofereceu a si mesmo como sacrifício único e perfeito em favor de todas as pessoas, ao contrário dos sacerdotes do templo, que deveriam oferecer sacrifícios por si mesmos e pelo povo. A última antítese contrapõe a fragilidade do sacerdócio antigo, constituído pela Lei e, portanto, revogável, à perfeição do sacerdócio de Jesus, instituído por uma palavra de juramento irrevogável, posterior à Lei e, por isso, superior.

3. Evangelho (Mc 12,28b-34)

No Evangelho desta liturgia, Jesus já se encontra em Jerusalém, após o difícil caminho com seus discípulos, que relutavam em aceitar sua messianidade, marcada pela disposição de amar e servir até as últimas consequências, a ponto de dar a própria vida. Se, no caminho, seus principais opositores foram os próprios discípulos, em Jerusalém serão as lideranças religiosas e políticas. Por isso, depois de uma entrada triunfante na cidade (Mc 11,1-11), logo surgiram os

conflitos com as classes dirigentes e grupos influentes, começando pela denúncia contra o templo, transformado em covil de ladrões (Mc 11,15-19).

Durante sua curta estadia na capital, Jesus ensinava diariamente no templo. Enquanto isso, representantes dos principais grupos e movimentos político-religiosos faziam-lhe perguntas maliciosas, com o objetivo de vê-lo cair em contradição e, assim, antecipar sua condenação. O texto deste domingo narra uma discussão sobre a Lei, embora o interlocutor desse episódio não seja malicioso, como os anteriores (Mc 12,13-27). Trata-se de um mestre da Lei, que fez a seguinte pergunta: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” (v. 28). É pergunta muito significativa e, ao mesmo tempo, complexa; em torno dela, giravam muitos debates nos círculos rabínicos da época. É significativa porque visa esclarecer qual mandamento deve ser observado com maior fidelidade; é complexa porque os rabinos tinham catalogado 613 preceitos na Lei – portanto, era difícil escolher um entre tantos. Entre os fariseus, por exemplo, predominava a opinião de que o mandamento mais importante era o preceito sabático, pois alegavam que o próprio Deus tinha guardado esse mandamento (Gn 2,2-3; Ex 20,8-11; Dt 5,12-15). Outros grupos consideravam todos os mandamentos iguais em importância, sem atribuir-lhes uma hierarquia.

Como sempre, a resposta de Jesus vai além do que lhe é perguntado. Para isso, ele recorre a duas passagens do Antigo Testamento (Dt 6,4-5 e Lv 19,38) e formula sua própria síntese, apresentando juntos o primeiro e o segundo mandamentos, como um projeto de vida que revela seu próprio jeito de viver. Assim, propõe o amor a Deus com toda a intensidade do ser da pessoa (v. 29-30) – recorrendo ao núcleo fundamental da fé israelita –, em paralelo ao amor ao

próximo como a si mesmo (v. 31), como se fossem as duas faces de uma mesma moeda. O mandamento por excelência é o amor; e este só é verdadeiro quando é destinado simultaneamente a Deus e ao próximo. Talvez essa seja a maior novidade de todo o seu ensinamento.

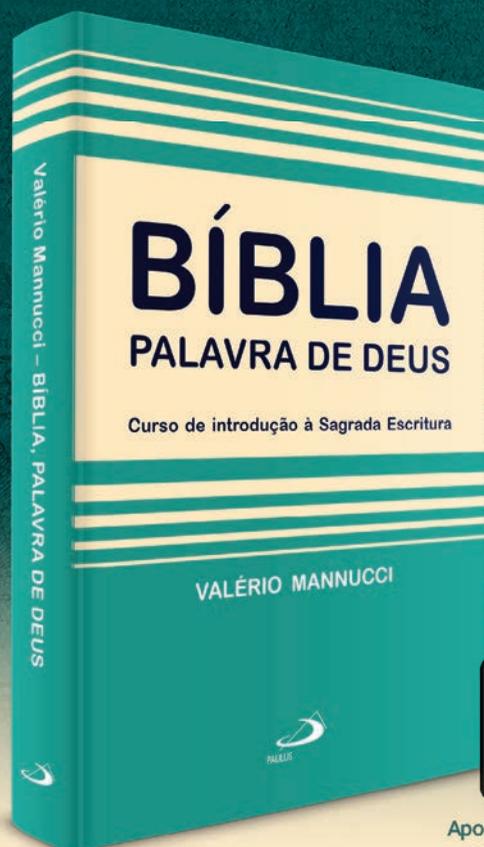
Reconhecendo a maravilha da resposta de Jesus (v. 32), o mestre da Lei também entra na sua dinâmica e acrescenta uma novidade, não como invenção pessoal, mas como interpretação da mensagem profética (v. 33): amar a Deus e ao próximo, de forma inseparável, é superior a qualquer holocausto e sacrifício (Os 6,6). Diante dessa resposta, Jesus reconhece a sensatez do mestre da Lei, declarando que ele não estava longe do Reino de Deus (v. 34), ou seja, assentindo que ele tinha dado passos importantes para um possível seguimento no futuro. Essa declaração final de Jesus se torna emblemática, porque esse é um dos seus poucos encontros e debates com representantes da religião oficial que não terminam em conflito. Ademais, o episódio em si é também mais um passo importante da catequese de Marcos para sua comunidade: fora do grupo, há pessoas mais dispostas e abertas aos ensinamentos de Jesus do que seus próprios discípulos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Refletir sobre as leituras, contextualizando-as e mostrando a relação entre elas. Enfatizar bastante a inseparabilidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo, como elementos essenciais da fé cristã. Recordar o sacerdócio de Jesus Cristo, com seu amor incondicional ao Pai e à humanidade, como paradigma do agir cristão no mundo. Recordar o dia nacional da juventude, rezando pelos jovens da comunidade, motivando-os a se organizar em grupos e pastorais, enaltecendo a força e o potencial transformador próprios da juventude.

vp

INTRODUÇÃO À SAGRADA ESCRITURA



Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

A Constituição *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II propunha uma revisão completa das introduções teológicas à Bíblia. Valério Mannucci aceitou o desafio e conseguiu cumpri-lo, dando à sua obra uma configuração original e atual.

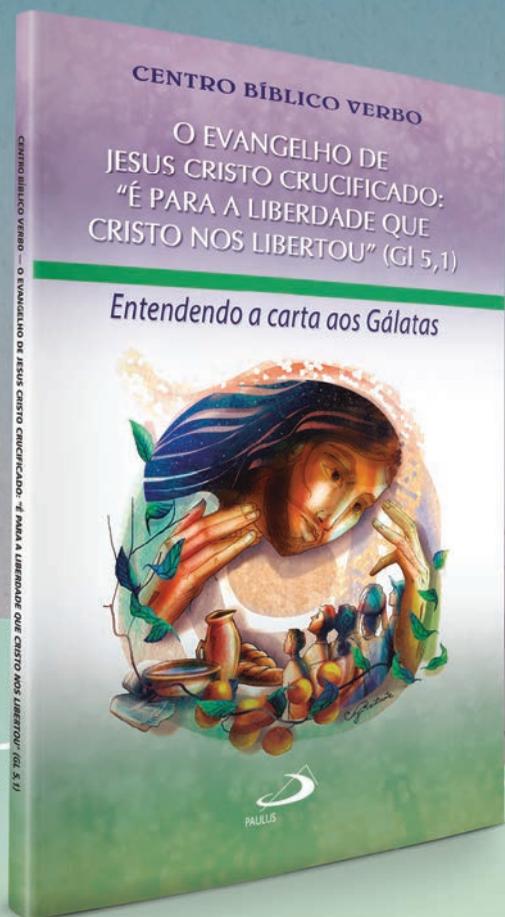
Com a ajuda das ciências modernas, o autor apresenta temas antigos e novos de maneira cativante.

Um livro para os que desejam atualizar sua formação teológica e bíblica e para todos os que buscam um conhecimento mais profundo da Bíblia.

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



MÊS DA BÍBLIA 2021



O livro apresenta um roteiro para as comunidades se aprofundarem na leitura da *Carta aos Gálatas*, escolhida para iluminar o Mês da Bíblia deste ano.

A partir de uma exegese voltada à libertação das pessoas e dos grupos oprimidos, os leitores poderão compreender o texto paulino de forma simples, além de acessar as descobertas das pesquisas bíblicas mais recentes.

Adquira o seu e prepare-se para as reflexões do Mês da Bíblia!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus


PARA QUE
A PALAVRA
DO SENHOR SE ESPALHE
RAPIDAMENTE 2Tim 3,1
ANO BÍBLICO DA FAMÍLIA PAULINA 2020-2021


PAULUS